

# UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)

## FRANCISCO DAS NEVES ALVES





UMA NOVA REPÚBLICA E UMA  
NOVA MULHER? – A DAMA DO  
BARRETE FRÍGIO NA IMPRENSA  
CARIOCA  
(1930-1937)





## Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)  
António Ventura (Universidade de Lisboa)  
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)  
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)  
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Francisco Topa (Universidade do Porto)  
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)  
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)  
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)  
João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)  
José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)  
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)  
Maria Eunice Moreira (PUCRS)  
Tania Regina de Luca (UNESP)  
Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

# UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA IMPRENSA CARIOSA (1930-1937)



- 72 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande  
2023



## Ficha Técnica

Título: Uma Nova República e uma nova mulher? – a dama do barrete frígio na imprensa carioca (1930-1937)

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 72

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: CARETA. Rio de Janeiro, 28 jul. 1934; O MALHO. Rio de Janeiro, 9 jul. 1932; REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 13 nov. 1937; FON-FON. Rio de Janeiro, 14 nov. 1931.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2023

ISBN – 978-65-89557-79-1

## O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

# APRESENTAÇÃO

A partir da Revolução de 1930, os novos detentores do poder prometeram substituir aquilo que denominaram de República Velha, sinônimo de um regime retrógrado, atrasado e anacrônico, por uma República Nova, pronta a enfrentar os desafios colocados à frente dos caminhos do Brasil no mundo hodierno. Diante desse quadro, as construções iconográficas idealizadas a partir da imprensa iriam refletir as transformações pelas quais o país passou e, consequentemente para as quais a dama republicana, também teve de modificar-se. O processo histórico pelo qual a mulher-república foi se transmutando no Brasil continuou a se processar no pós-1930, aparecendo ela por vezes no modelo idealizado da figura feminina vestal vestida à romana, mas também como aquela que foi progressivamente se corrompendo ou ainda sofrendo as consequências das mudanças pelas quais passava a nação<sup>1</sup>.

A própria campanha da Aliança Liberal, frente política oposicionista que promoveu a maior ruptura oligárquica da República Velha, cuja maioria dos membros, derrotados nas urnas, iria promover o movimento que levou à instauração da propalada República Nova, já trazia em sua propaganda a utilização da imagem da dama republicana. Foi o caso do cartaz que apresentava as candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa, mas cuja imagem central era a figura feminina do barrete frígio. A mulher-república aparecia também estilizada em outro material de propaganda da Aliança Liberal, visando a representar o ideal republicano. No caso, uma jovem república – em alusão ao

---

<sup>1</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 75-96.

suposto “novo” que os aliancistas estariam a representar – anunciava os candidatos da frente oposicionista, encontrando-se adornada por uma espécie de arco-íris, também uma alusão do caminho para a novidade.

Algumas das revistas que circularam no Rio de Janeiro nessa época refletiram em suas representações iconográficas tal processo, no qual, por vezes a dama republicana tinha até mesmo contestada a atribuição mais relevante que inspirava a figura feminina, ou seja, a liberdade<sup>2</sup>. Tais modificações na alegoria ficaram ainda mais evidenciadas nas expressões oriundas da arte caricatural, normalmente embasada na crítica e no humor, a qual se manifestou em certa consonância com os órgãos de propaganda e dentro dos limites censórios e coercitivos estabelecidos pelo regime vigente<sup>3</sup>, criando alternativas

---

<sup>2</sup> BURKE, Peter. *Testemunha ocular – o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 97.

<sup>3</sup> Desde a chegada ao poder dos novos grupos dirigentes no período pós-Revolução de 1930, houve significativa preocupação com a criação de um aparelho propagandístico e censório-repressor. Nesse sentido, em 1931, passou a funcionar o Departamento Oficial de Publicidade, e, em 1934, o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, transformado, na segunda metade da década de 1930, no Departamento Nacional de Propaganda, vindo a surgir, em 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda, o mais famigerado desses órgãos, já durante o Estado Novo. A respeito do aparelho de propaganda e repressão posterior a 1930, ver: ACHILLES, Aristheu. *Aspectos da ação do DIP*. Rio de Janeiro: DIP, 1941. p. 49-50.; CAPELATO, Maria Helena Rolim. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 170.; CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2.ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p. 39-40, 45, 48 e 76.; CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano – o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao*

alegóricas de acordo com as polêmicas cotidianas da vida política de então<sup>4</sup>. Assim, ainda que os recém-chegados ao poder no Brasil tenham anunciado uma República Nova, tal “novidade” republicana não teria sido tão plena. As discordâncias políticas continuaram existindo e o debate em torno de uma tão almejada “verdadeira república” persistiria, refletindo-se através da iconografia o fato de que aquela “República Nova” talvez não trouxesse consigo o alcance das novidades prometidas, em um quadro pelo qual, para muitos, ainda não seria a república que poderia ser considerada como a “verdadeira”.

---

*apogeu do Estado Novo – Segunda República (1930-1945)*. 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. p. 116-118.; CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1976. p. 169; GARCIA, Nelson Jahr. *O Estado Novo: ideologia e propaganda política*. São Paulo: Loyola, 1982. p. 82-83, 98 e 99.; IGLÉSIAS, Francisco. *Breve Historia contemporánea del Brasil*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999. p. 87.; e SILVA, Hélio. *O Estado Novo – 1937-1938*. São Paulo: Editora Três; Editora Brasil 21, 2004. p. 143.

<sup>4</sup> AGULHON, Maurice & BONTE, Pierre. *Marianne – les visages de la République*. Paris: Gallimard, 1992. p. 70-74.

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)





## ÍNDICE

A dama do barrete encarnado nas páginas da *Careta* / 15

O *Malho* e a mulher-república / 177

O 15 de Novembro e a alegoria da República em três revistas cariocas / 205



A DAMA DO BARRETE ENCARNADO  
NAS PÁGINAS DA *CARETA*

A *Careta* (1909-1964) teve um papel fundamental em meio à formação histórica da imprensa brasileira, obtendo ampla popularidade e atingindo não só a sua cidade de origem, o Rio de Janeiro, mas também com uma circulação que alcançou praticamente o país como um todo<sup>5</sup>. Em suas páginas esteve a crítica política, a social e a de costumes, trazendo em seu norte editorial uma prática inovadora<sup>6</sup>, com uma criação gráfica diferenciada, vindo a conquistar imenso prestígio<sup>7</sup>. Além da perspectiva calcada no bom humor, vinculou-se também ao jornalismo informativo<sup>8</sup>, havendo em suas edições uma relevante presença da fotorreportagem. Na qualidade de uma magazine de variedades<sup>9</sup>, divulgou matérias sobre cultura em geral e dedicou especial atenção a temáticas vinculadas às festividades, aos bailes, às atividades institucionais, ao carnaval e ao futebol. Ao expressar suas propostas, lembrava o seu próprio título, dizendo que trazia aos leitores uma “série de *caretas*” que teriam formado “um alentado

---

<sup>5</sup> CORRÊA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle Époque: the case of the illustrated magazine *Careta* (1908-1922). In: *Patrimônio e memória*. São Paulo, Unesp, v. 8, n.1, p. 81, janeiro-junho, 2012.

<sup>6</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 302.

<sup>7</sup> LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 149-150.

<sup>8</sup> MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006. p. 374.

<sup>9</sup> COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 116.

álbum", com todas elas "consagradas à sadia tarefa de provocar o riso", apresentando "tantas caretas graciosas"<sup>10</sup>.

Já circulando por vinte anos, ao chegar em seu milésimo número, a *Careta* afirmava que, "sem paixão, porque não tem partido", a publicação era "alegre nos seus propósitos de encarar a vida", bem como "liberal no seu programa de ironia e de crítica". Dizia que permanecera "sempre a mesma 'rapariga honesta' que tem para todos um sorriso e passa sem malícia entre os que a cumprimentam, sem admitir que lhes falem ao ouvido". Garantia que não fora "arrastada em nenhuma corrente literária, intelectual, filosófica ou política", assim como estabelecia que "a sua função não foi a de endireitar o mundo, mas de embelezar a vida", de modo que, "jovial e sensata, pelo lápis e pela pena, riu e ralhou das coisas desta terra", na qual havia um "desafio ao bom humor dos homens". Demarcava também que, "ao lado do problema moral e mundano, as suas páginas iam refletindo a perfeição da técnica", aspecto observável no "seu aspecto material sempre à altura do progresso das artes gráficas", vindo a tornar-se verdadeiro "ponto de referência". Ao contemplar aquele "caminho percorrido", a revista declarava que "se regozija do seu labor, de seu sucesso, de suas campanhas e do seu destino"<sup>11</sup>.

A presença da figura feminina como analogia da forma de governo republicana foi uma constante nas páginas da *Careta* ao longo de sua história,

---

<sup>10</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 2, n. 53, 5 jun. 1909.

<sup>11</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 20, n. 1000, 20 ago. 1927.

inclusive na época demarcada pela implantação da denominada Nova República, especificamente no que tange ao período entre a deflagração da Revolução de 1930 e a implantação do Estado Novo. Com a chegada ao poder do grupo liderado por Getúlio Vargas, a revista apresentou as “duas” repúblicas, ou seja, a “Velha” e a “Nova”, presenciando a partida dos exilados políticos, denominados de “gigolôs da Velha República”. De um lado ficava a “República de 1930”, jovem e vigorosa, de arma à mão, que abanava para os derrotados, enquanto, a “República de 1889”, envelhecida, encontrava-se sorumbática, sentada à costa, pensando em tudo que perdera<sup>12</sup>. Em visão crítica quanto aos revolucionários de última hora, que aderiram ao movimento somente após a sua vitória, a “República de 1930” buscava acalmar uma turbamulta que avançava em tropel, buscando registrar o seu papel “de heróis” na “História do Brasil”, representada por um livro<sup>13</sup>. Junto de um soldado, a “Nova República, modelo 1930” observava a aproximação de uma “figura sinistra”, a qual seria “a única que a revolução” não derrubara, em referência ao cangaceiro Lampião, que causava impacto no Nordeste brasileiro, em constantes confrontos com as forças legais<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 23, n. 1170, 22 nov. 1930.

<sup>13</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 23, n. 1174, 20 dez. 1930.

<sup>14</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 23, n. 1175, 27 dez. 1930.

30

Careta

22 · 11 · 1930

OS "GIGOLÔS" DA VELHA REPUBLICA



A NOVA REPUBLICA — Não chore, mamãe, que destes estamos livres...



UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)



Diante do debate entre continuidade da ditadura e a reconstitucionalização do país, a magazine ilustrada mostrava uma esfuziante “República de outubro de 1930”, identificada como “amigada” com o regime ditatorial que, diante do ataque de um “puritano conservador”, se dizia feliz na situação em que se encontrava, tendo Getúlio Vargas logo atrás de si<sup>15</sup>. Bem de acordo com a postura sustentada pela revista, a “República Nova” cobrava o “julgamento dos culpados”, em relação aos antigos detentores do poder, enquanto um representante do Judiciário dizia para ela se acalmar, pois ele, como “macaco velho”, não admitiria “precipitação” para “julgar certas coisas”<sup>16</sup>. Em época de folia, a jovem república, que substituía o barrete frígio por um chapéu mais moderno, divertia-se com os políticos, jogando serpentina, enquanto, do outro lado do oceano, a “República Velha” amargava o inverno do exílio, com aquela dizendo ter até pena desta, mas que agora era a sua vez, pois a outra já gozara por “quarenta e um carnavais”<sup>17</sup>. A figura de Vargas azeitava a máquina política que, como uma rotativa, produzia decretos em alta escala, bem de acordo com o modelo ditatorial, os quais praticamente soterravam a mulher-república, que se encontrava estupefata<sup>18</sup>.

---

<sup>15</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1178, 17 jan. 1931.

<sup>16</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1180, 31 jan. 1931.

<sup>17</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1182, 14 fev. 1931.

<sup>18</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1183, 21 fev. 1931.

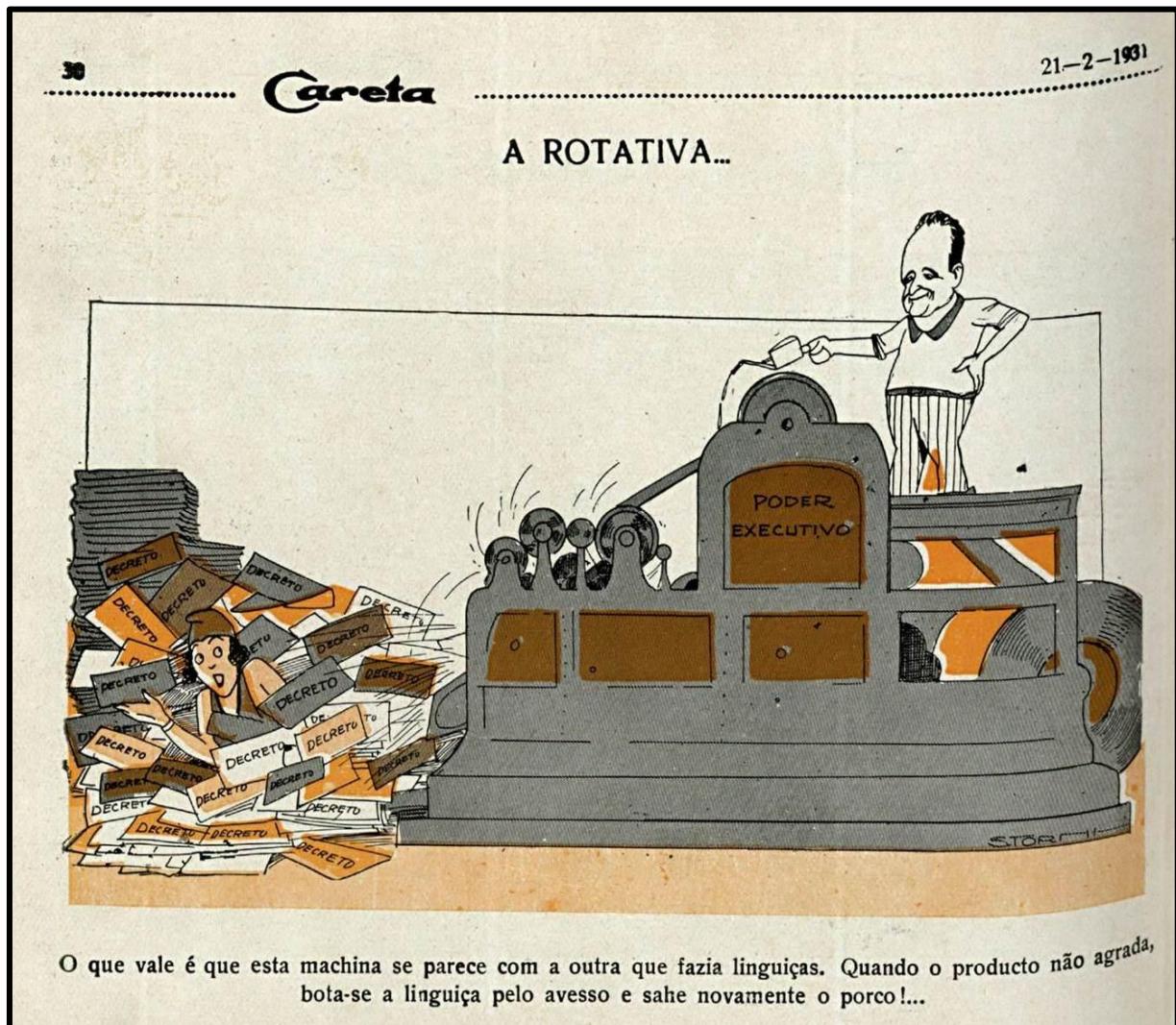
UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)





UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)





Ainda a respeito da permanência do modelo ditatorial, o periódico trazia um “velho cínico”, que defendia o “regime constitucional”, mas que tinha uma cauda identificada com a “conspiração”, no sentido da tentativa dos apeados do poder retornarem aos cargos de mando, exigindo ele da “República Nova” o retorno à “ordem legal”, ao que ela, acompanhada por Vargas, dizia ser melhor estar “amancebada com um tirano honesto do que casada com um sem-vergonha”<sup>19</sup>. Junto de uma garrafa e de um copo de “água mineral provisória de várias fontes”, com a efígie do chefe de governo, em referência ao Governo Provisório, a “Nova República” afirmava estar bem naquele “regime aquático”, sendo tratada com uma água “ferruginosa e laxativa”, oriunda respectivamente de militares e civis. Em relação às legiões revolucionárias, criadas com a função de garantir a manutenção do *status quo* posterior à Revolução de 1930, a revista apresentava Osvaldo Aranha oferecendo diversos vestidos à mulher-república, cada qual identificada com diferentes estados brasileiros, enquanto ela, seminua, atrás de um biombo, dizia que só poderia utilizar tais vestes a partir de uma melhor “combinação”, em alusão às articulações entre os vários grupos que se encontravam no poder<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1184, 28 fev. 1931.

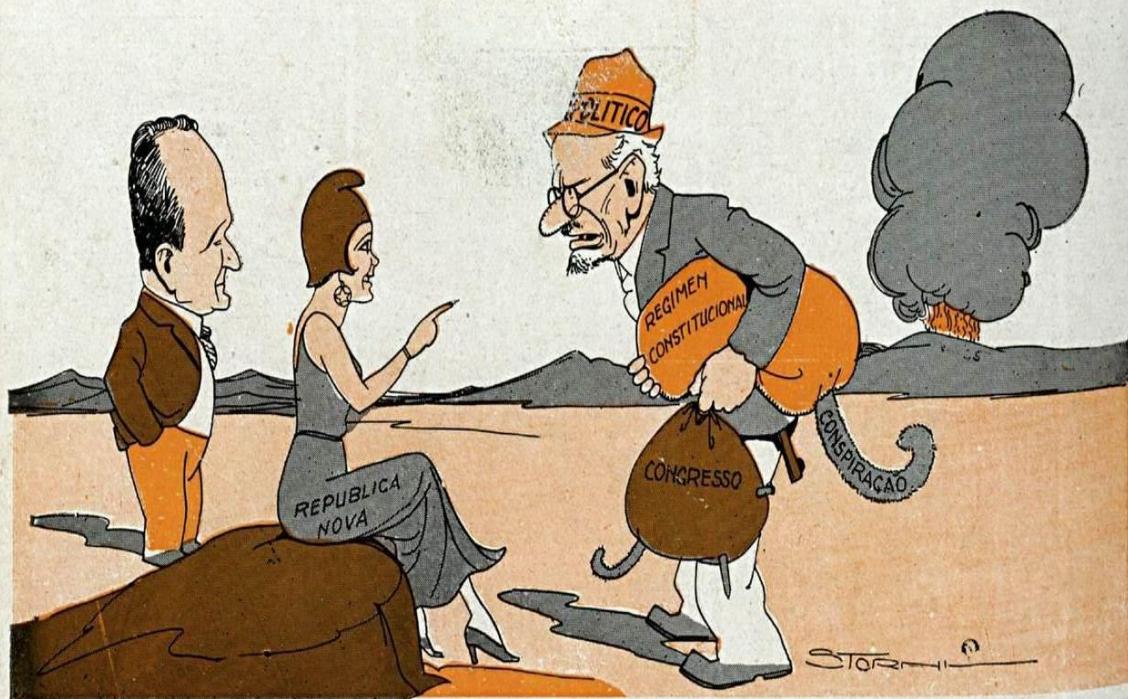
<sup>20</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1188, 28 mar. 1931.

18

Careta

28 - 2 - 1931

O VELHO CYNICO



O VELHO — Você precisa entrar na ordem legal. Si quer, vou tratar dos papeis...

ELLA — Olha: Antes amancebada com um tyrano honesto do que casada com um sem vergonha!

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)



34

Careta

28 - 3 - 1931.

## AS LEGIÕES



A REPUBLICA NOVA — Eu acho que esses vestidos me serviriam si tivessem a combinação...

A jovem dama republicana passeava com Getúlio Vargas, passando em frente a uma banca que vendia modelos constitucionais como o francês, o americano, o soviético e o inglês, ao passo que a vendedora oferecia aos passantes a Constituição de 1891, enquanto o Jeca, representando o povo brasileiro, contradizia a comerciante, por estar plantando “desarmonia no lar” de um casal que estava a se dar bem<sup>21</sup>. Morando na esquina da “Praça da República Nova”, a jovem republicana reclamava de barulhos na rua, ao passo que o “vigilante”, na figura de Batista Luzardo, Chefe de Polícia, garantia que havia tranquilidade, pelo menos para aqueles que ocupavam a “zona” do poder<sup>22</sup>. Enquanto os políticos conversavam sobre a distribuição de comendas, inclusive se beneficiando com elas, a mulher-república alertava que aquela atitude seria antidemocrática e anticonstitucional, sem contar com a atenção deles, por ser preciso agradar autoridades estrangeiras<sup>23</sup>. A chegada de um militar e escritor gaúcho, que servia ao Governo Provisório, à Academia Brasileira de Letras, sofrera críticas, representadas pelo apedrejamento, no que era tranquilizado pela “Nova República”, que se utilizava de um trocadilho entre “novos velhos” e “velhos novos”<sup>24</sup>.

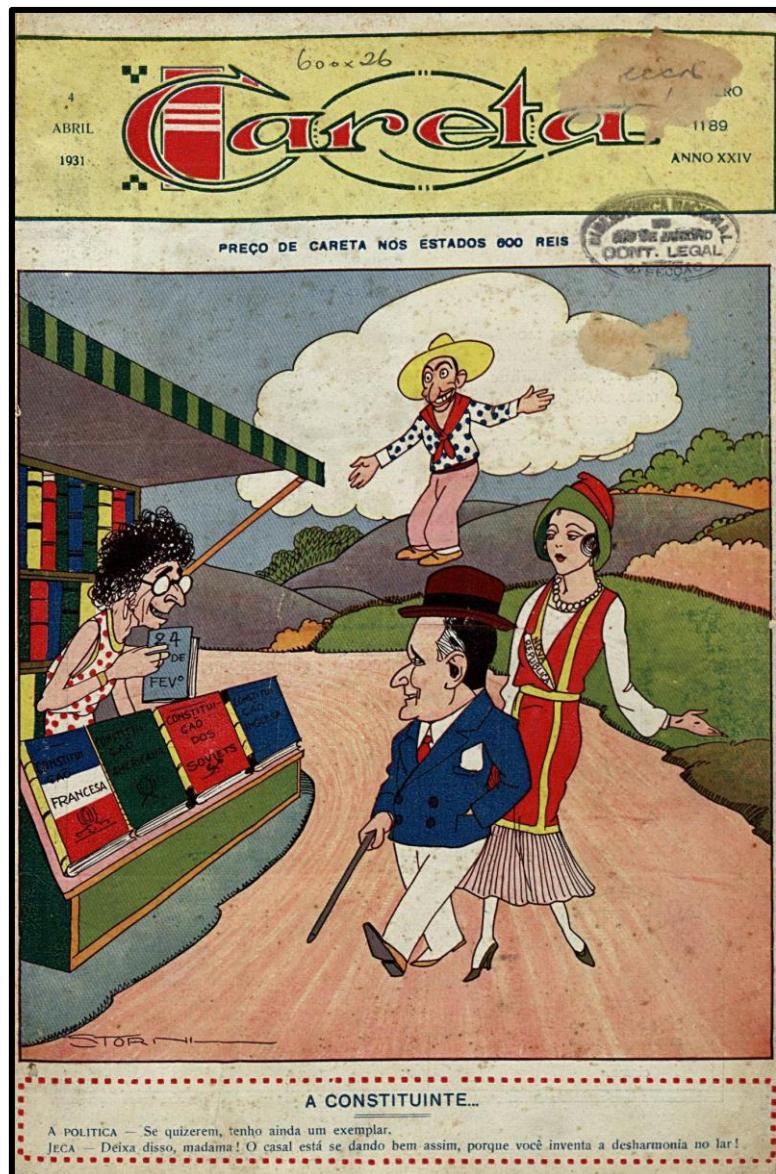
---

<sup>21</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1189, 4 abr. 1931.

<sup>22</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1190, 11 abr. 1931.

<sup>23</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1191, 18 abr. 1931.

<sup>24</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1192, 25 abr. 1931.







UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOPA (1930-1937)



A crítica de costumes era associada à política em caricatura na qual a mulher-república, em indumentária contemporânea, se mostrava receptiva ao gracejo de um passante que, diante das penalizações para as “bolinas”, dizia que a “classe” masculina permanecia “desunida”, apesar da “República Nova”<sup>25</sup>. Acerca das precariedades da situação econômico-financeira nacional, o Jeca criticava o modelo dos antigos detentores do poder, que apresentavam uma república bela, jovem e bem vestida, se vista pela frente, ao passo, que, por trás, estava envelhecida e com a roupa em trapos. Diante de um político representado como um boxeador nocauteado, a “República Nova” se mostrava desesperançada, por ter fé no personagem decaído<sup>26</sup>. No alto de uma montanha, uma assustada mulher-república, clamava para que Getúlio Vargas salvasse o Jeca/povo, que se encontrava em “situação crítica”, prestes a cair de um precipício, segurando-se apenas em um frágil caule. Retomando o tema dos exilados, o periódico mostrava um deles que estaria a elaborar as suas memórias, enquanto uma desbragada “Velha República” dizia-lhe que ele ainda poderia prestar ensinamentos sobre “o jogo de algumas instituições políticas”. Ocorreu ainda um outro encontro entre a “República de 1889”, que oferecia fósforos, representando os políticos do antigo regime, ao que a de “1930” declarava preferir um isqueiro, que, associado ao novos governantes, trazia a efígie de Vargas<sup>27</sup>.

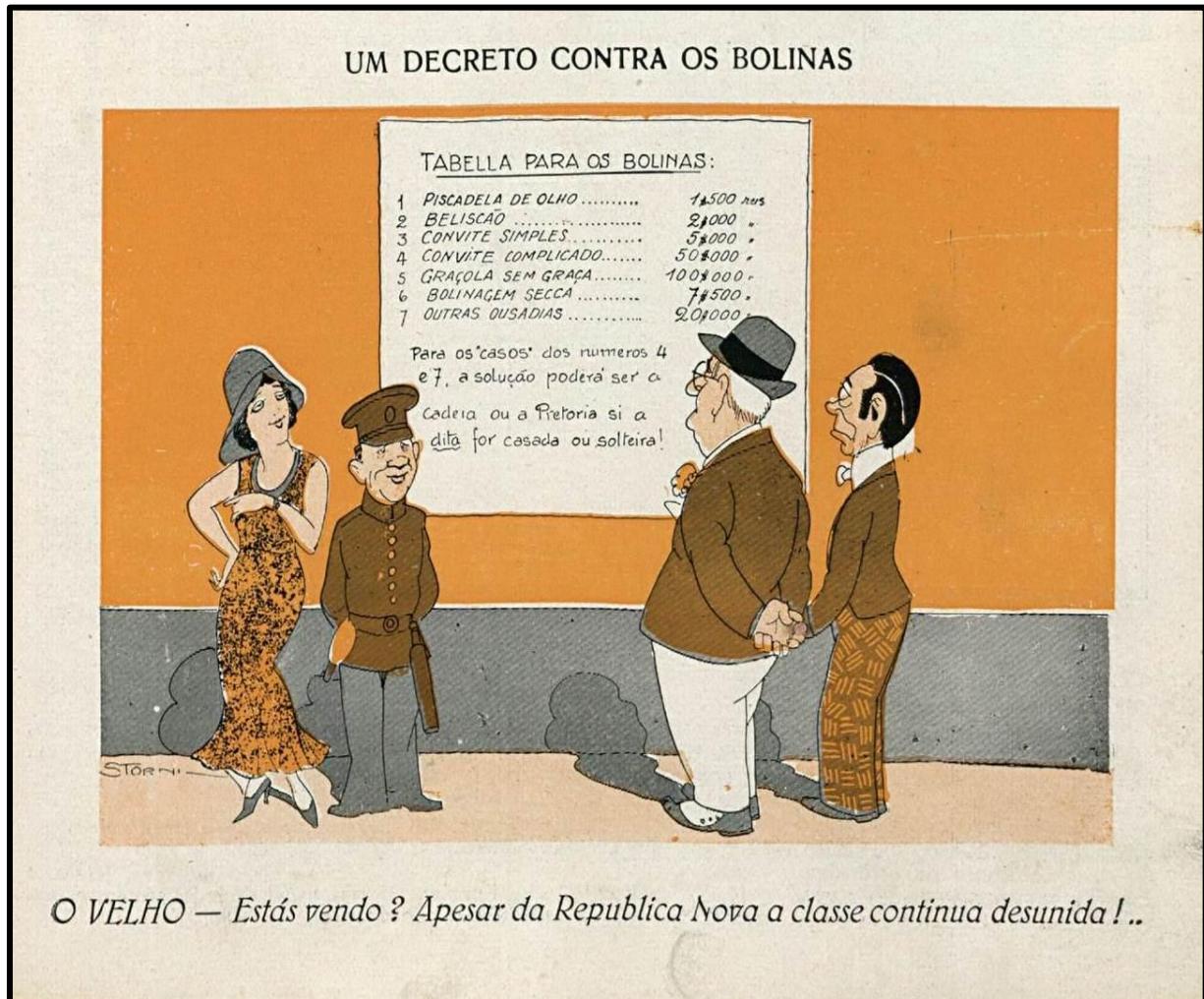
---

<sup>25</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1193, 2 maio 1931.

<sup>26</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1196, 23 maio 1931.

<sup>27</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1198, 6 jun. 1931.

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA IMPRENSA CARIOSA (1930-1937)



14

Careta

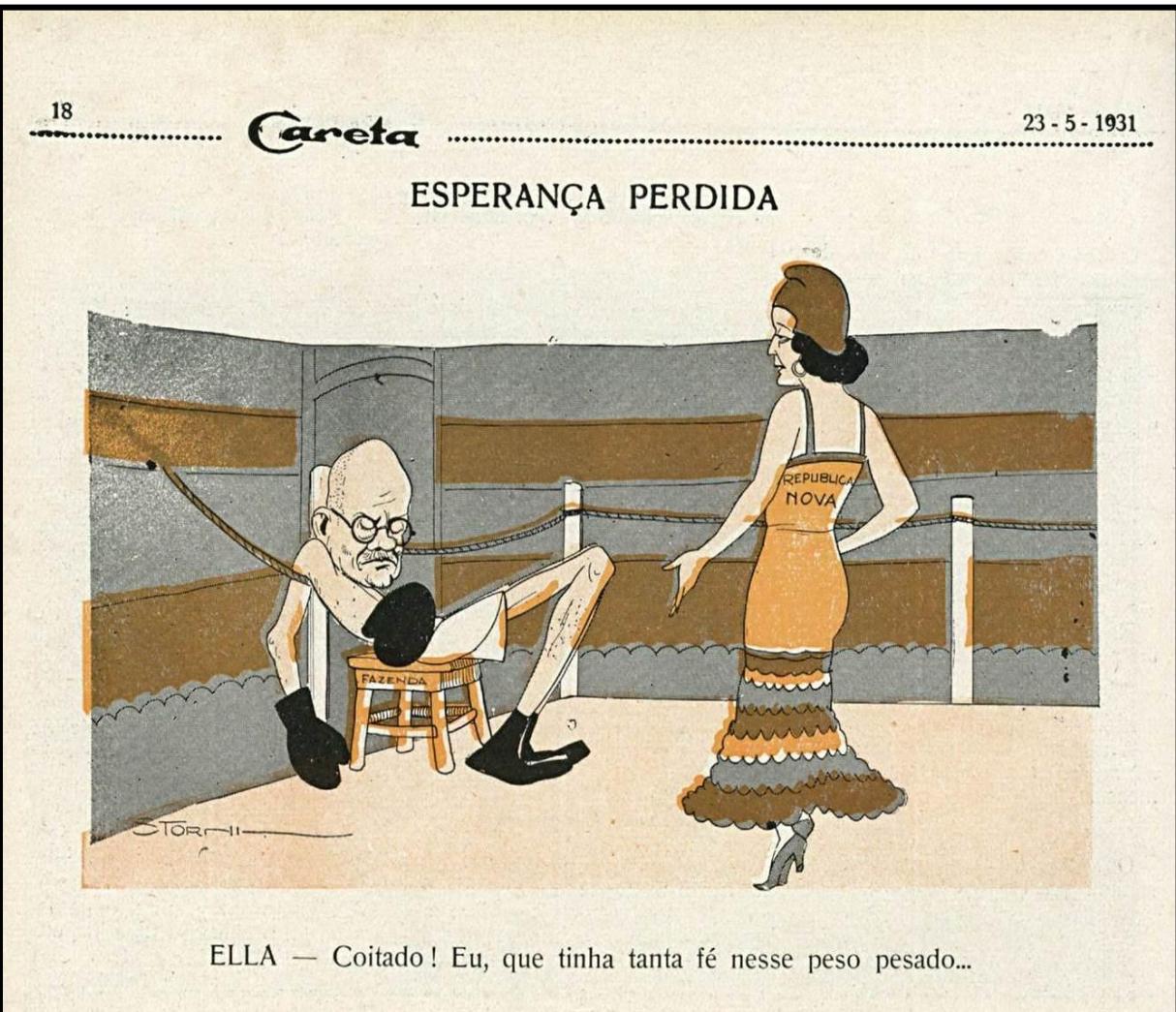
23 - 5 - 1931

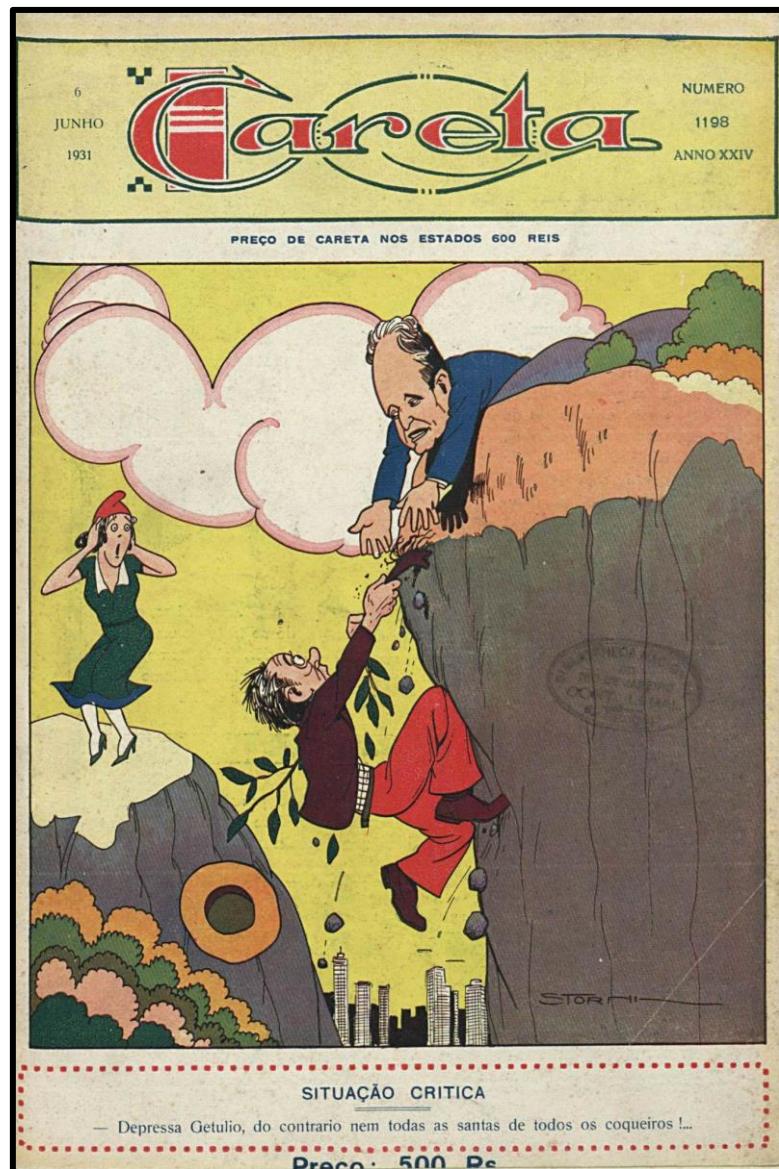
SITUAÇÃO ECONOMICO-FINANCEIRA



JECA — Como se apresentava na frente a velha Republica...

E como ella era realmente por traz !...





UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)





A VELHA — Usem a nova marca de phosphoros, que só riscam de encontro ás paredes...  
A NOVA — Esses só servem para... finados.

O Governo Provisório, qualificado como “discricionário” no bote que caracterizava a nau do Estado, tinha por tripulação Getúlio Vargas, Osvaldo Aranha e Batista Luzardo, que contavam com a companhia da “República de 1930”, a qual se mostrava assustadiça com a agitação do mar, enquanto o Zé Povo alertava para os riscos da onda da “agitação constitucional”, perante a qual os tripulantes mostravam-se tranquilos, o que era demonstrado por um jogo de palavras, ao dizerem que aquilo não passava de uma “coisa muito vaga”<sup>28</sup>. A jovem “República Nova” se mostrava preocupada com possíveis mudanças no Governo Provisório, representadas pela inscrição em carroça manobrada por um republicano, vindo a ser acalmada por Osvaldo Aranha, que se mostrava extremamente seguro quanto aos destinos no comando do país<sup>29</sup>. Um funcionário público considerava-se traído pelo novo regime, ao observar um calendário com a efígie da dama republicana e lamentar que um feriado cairia em um domingo<sup>30</sup>. Em relação às práticas tradicionais simbolizadas por um “devasso político profissional”, Getúlio Vargas questionava o Jeca sobre a real necessidade de entregar-lhe a donzela republicana, no caso associada à constituição, se ela poderia ser corrompida por aquele<sup>31</sup>. Com um chiste de gracejo, a “República de 1930” comparava mendigos que adentravam em um albergue noturno com processos apresentados na Junta de Sanções<sup>32</sup>.

---

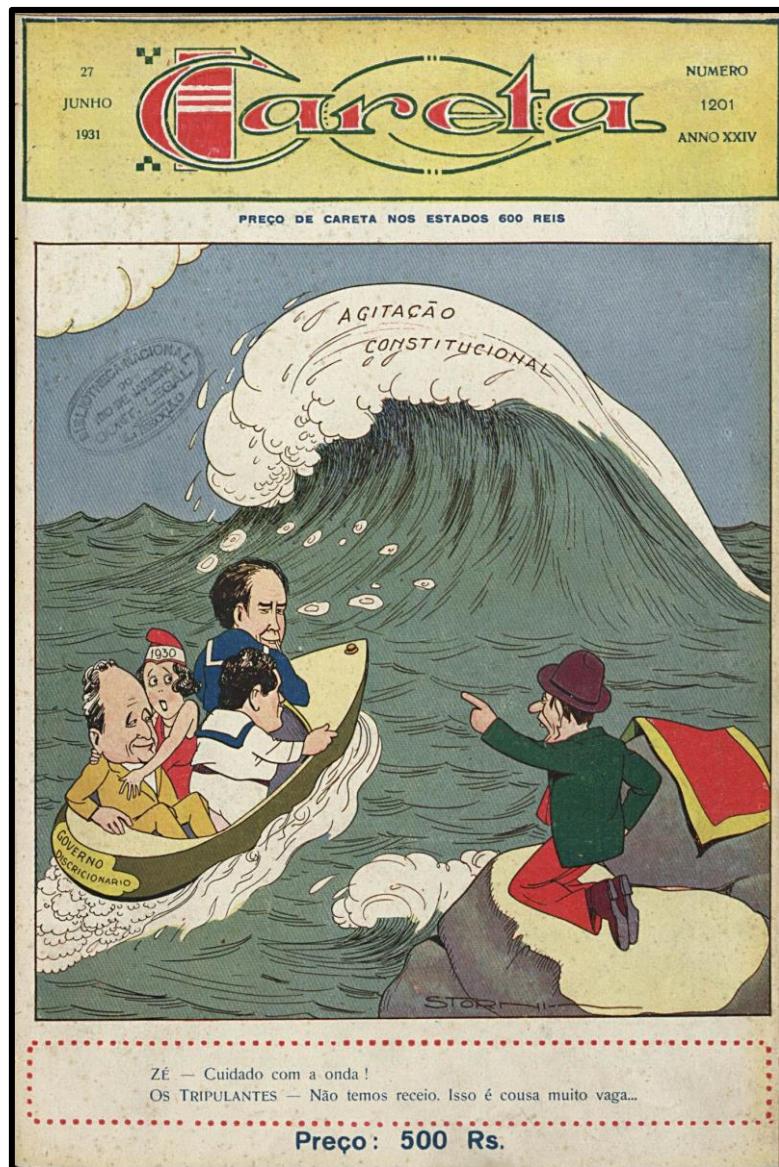
<sup>28</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1201, 27 jun. 1931.

<sup>29</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1202, 4 jul. 1931.

<sup>30</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1203, 11 jul. 1931.

<sup>31</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1206, 1º ago. 1931.

<sup>32</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1209, 22 ago. 1931.



UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOSA (1930-1937)



14

Careta

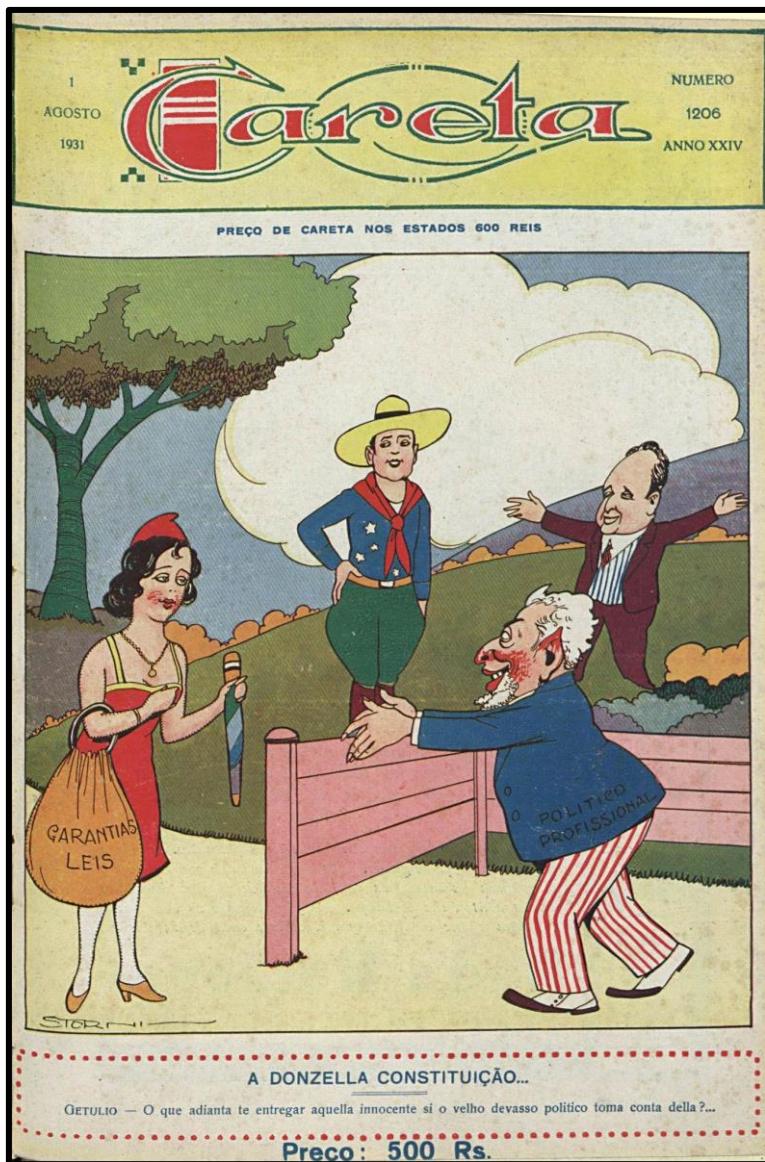
11 - 7 - 1931

5 DE JULHO DE 1931



O FUNCIONARIO — Até nisto a revolução me tapeou! arranhou meios e modos para que o feriado de 5 de Julho cahisse em Domingo!

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)

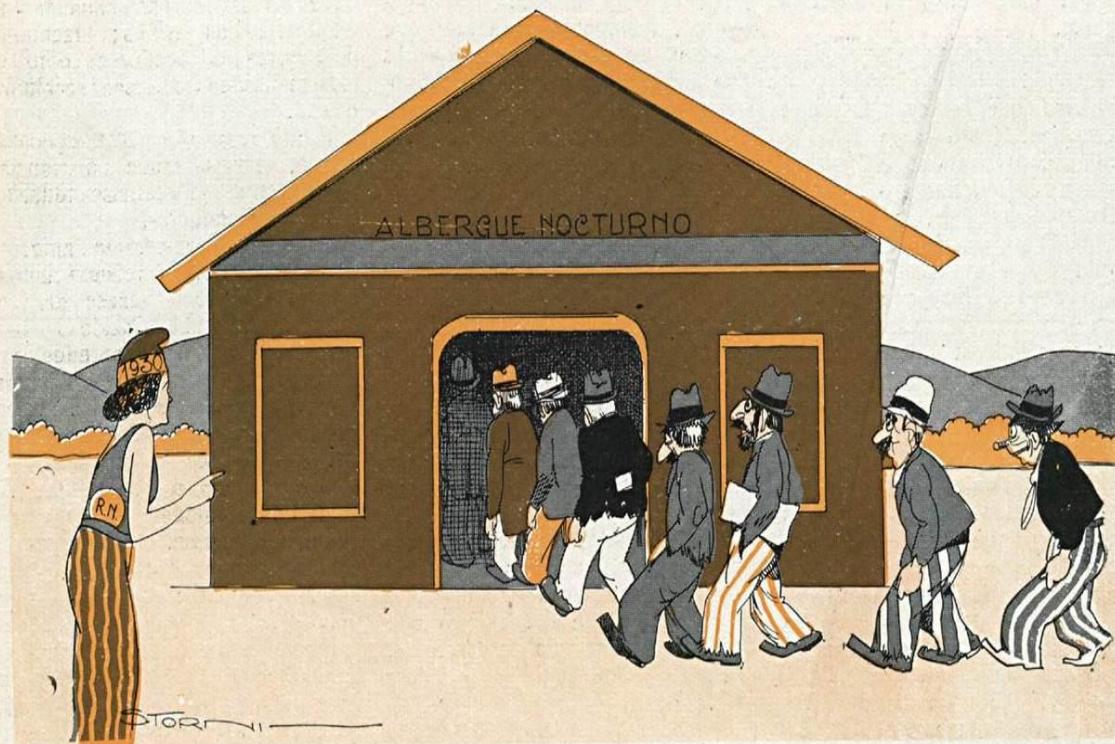


26

Careta

22-8-1931

MAL COMPARANDO...



ELLA — Até parecem processos que vão dormir na Junta de Sancções!...

A partir de uma analogia entre política e música, a revista trazia a mulher-república apresentando uma espécie de vitrola que representava um “novo modelo” de “máquina eleitoral”, em referência às transformações que os novos detentores do poder vinham tentando estabelecer em oposição aos moldes eleitorais até então vigentes<sup>33</sup>. O Estado brasileiro era equiparado a um ônibus que trazia a “República Nova” acima do teto, assustada com a direção, enquanto o Zé Povo elogiava o chofer e os passageiros – Vargas e seus auxiliares de governo – mas se incomodava com as rodas, ou seja, pneus furados relacionados com as intervenções estaduais. Com referências a trechos bíblicos em suas criações, um artista apresentava sua obra na qual a dama republicana era transmutada em Salomé a exigir a cabeça de um político<sup>34</sup>. No Rio de Janeiro, a “República Nova” observava a conversa entre um jornalista e um militar, ficando a jocosidade estabelecida a partir de um jogo de palavras, mais especificamente de nomes próprios<sup>35</sup>. Outra cena assistida pela mulher-república era a de um “patriota” questionando quanto à duração do Governo Provisório, ao que Vargas o tranquilizava, dizendo que tal processo iria acontecer lentamente, o que era representado pela figura de Assis Brasil sobre uma tartaruga, dormindo no travesseiro da lei eleitoral<sup>36</sup>.

---

<sup>33</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1210, 29 ago. 1931.

<sup>34</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1212, 12 set. 1931.

<sup>35</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1214, 26 set. 1931.

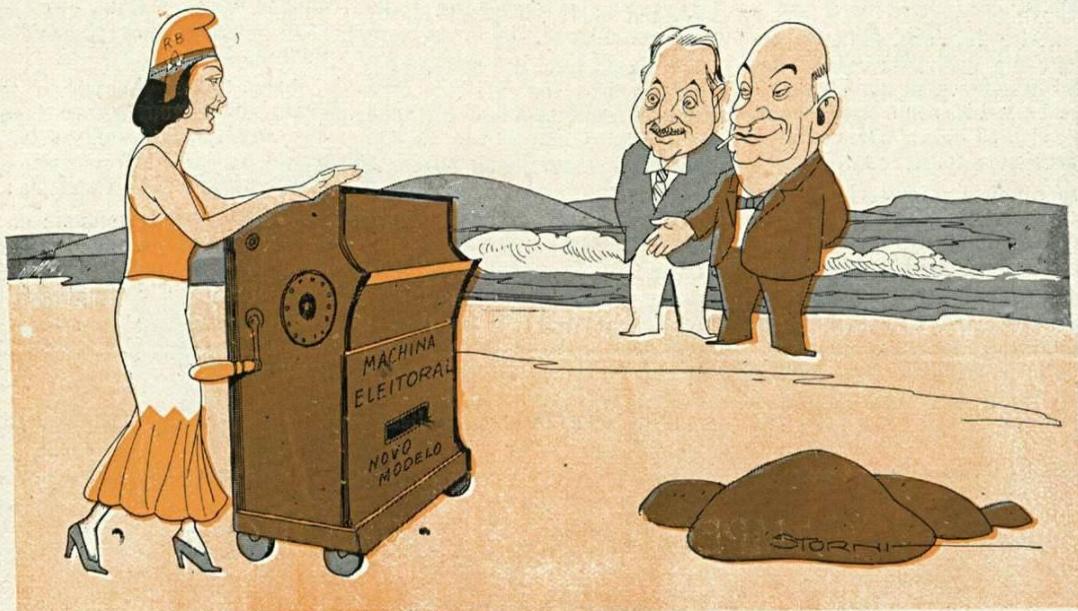
<sup>36</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1218, 24 out. 1931.

14

Careta

29.8.1931

OS EXILADOS ARGENTINOS



ALVEAR E PUVRREDON — Parabens, vizinha amiga! Nós somos artistas, gostaremos de ouvir uma vesperal de guitarra!

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)

12-9-1931

Careta

19

O AUTO OMNIBUS DO GOVERNO



ZÉ — O carro é óptimo. O chauffeur de 1.ª ordem. Os passageiros de elite. O que atrapalha a viagem são as rodas, apenas...

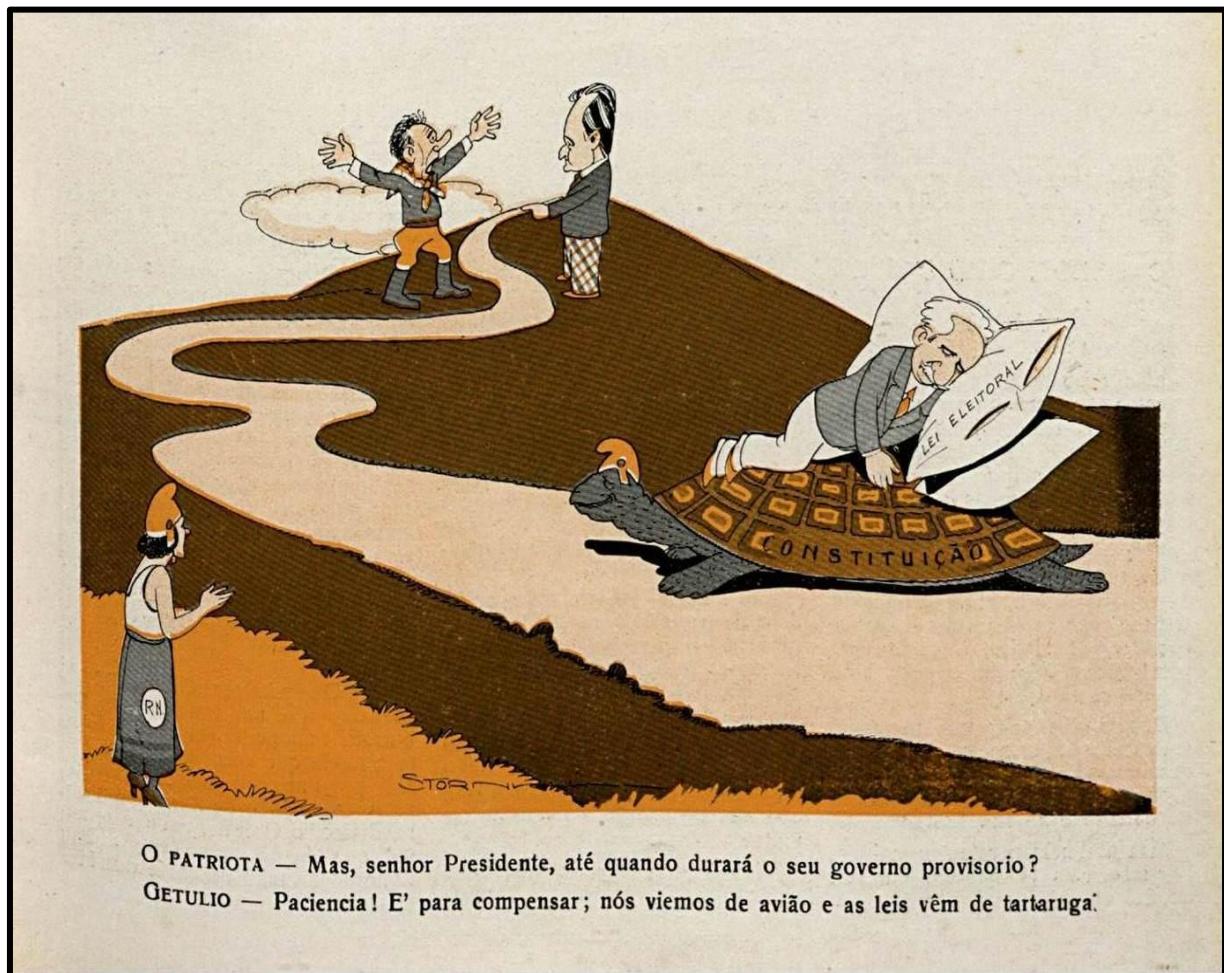
A SALOMÉ DE NITERÓY

(PROHIBIDO AOS MENORES E SENHORITAS ..)



O ARTISTA — Modifiquei o quadro adaptando-o á situação. Talvez assim consiga collocá-lo sem offendê o pudor official...





O PATRIOTA — Mas, senhor Presidente, até quando durará o seu governo provisório?

GETULIO — Paciencia! E' para compensar; nós viemos de avião e as leis vêm de tartaruga.

Quanto ao possível retorno de exilados políticos anistiados, a “República de 1930” fazia um chiste dizendo-lhes que eles poderiam entrar, desde que tomassem cuidado com o pequeno tamanho da porta. Novamente o Brasil era representado por um ônibus, dessa vez de dois andares e dirigido pela própria república, tendo por passageiros vários personagens da política de então, enquanto um transeunte comentava que tais homens públicos variavam em suas posições, ora estando por cima, ora por baixo<sup>37</sup>. No cabelereiro, acompanhada pelo “marido” Getúlio Vargas, a mulher-república escutava o diálogo dos outros dois acerca do corte escolhido, variando entre “permanente” e “provisória”, mas não necessariamente em relação aos cabelos e sim à ditadura a qual inclusive, como um avental, cobria o seu corpo<sup>38</sup>. O Zé Povo tentava conduzir uma jovem república por um caminho de pedras em um curso de água, indicando-lhe cuidado quanto ao seu destino em direção à margem, pois de um lado aparecia um militar e, do outro, um “político profissional”<sup>39</sup>. Enquanto Assis Brasil buscava estabelecer parâmetros para a lei eleitoral, Getúlio Vargas dizia à “rapariga república” que ela deveria deixar tal político de lado, por estar dedicando-se à leitura de contos voltados à imaginação e não à realidade<sup>40</sup>.

---

<sup>37</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1221, 14 nov. 1931.

<sup>38</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1225, 12 dez. 1931.

<sup>39</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 24, n. 1227, 26 dez. 1931.

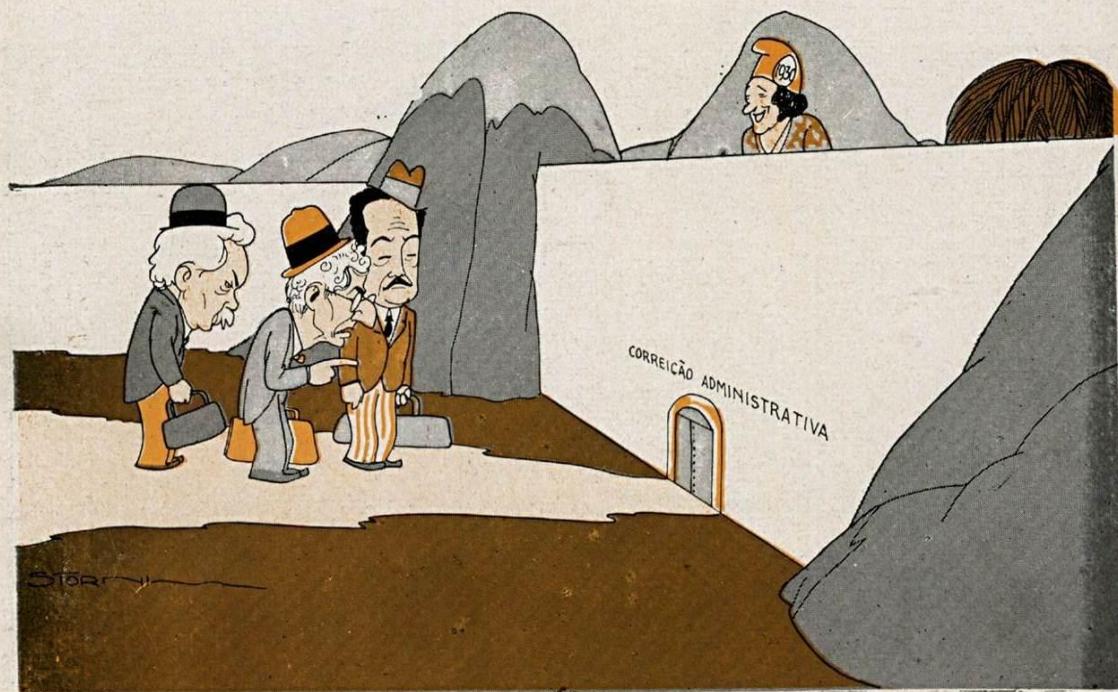
<sup>40</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1229, 9 jan. 1932.

14

Careta

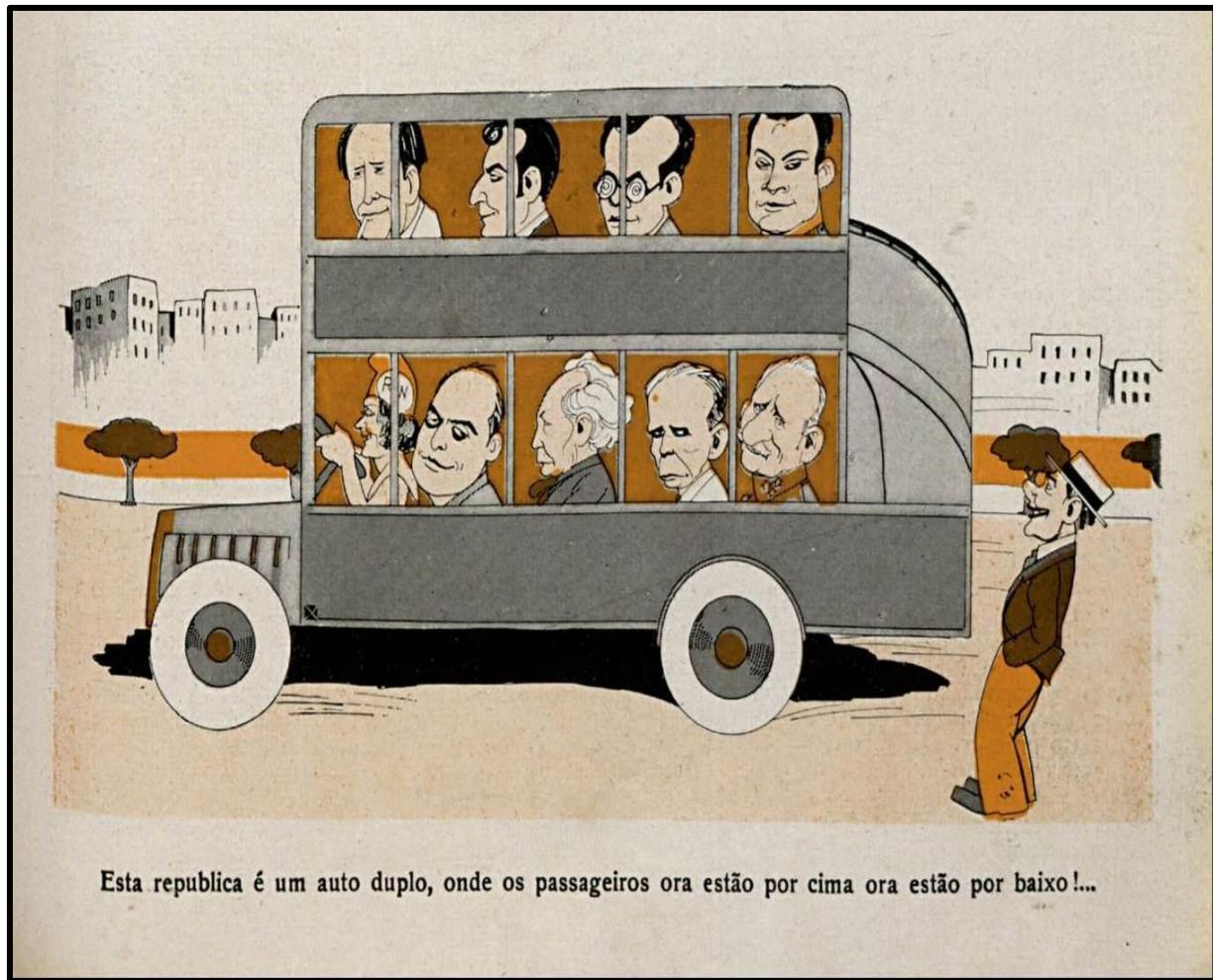
14-11-1931

PODEM ENTRAR!

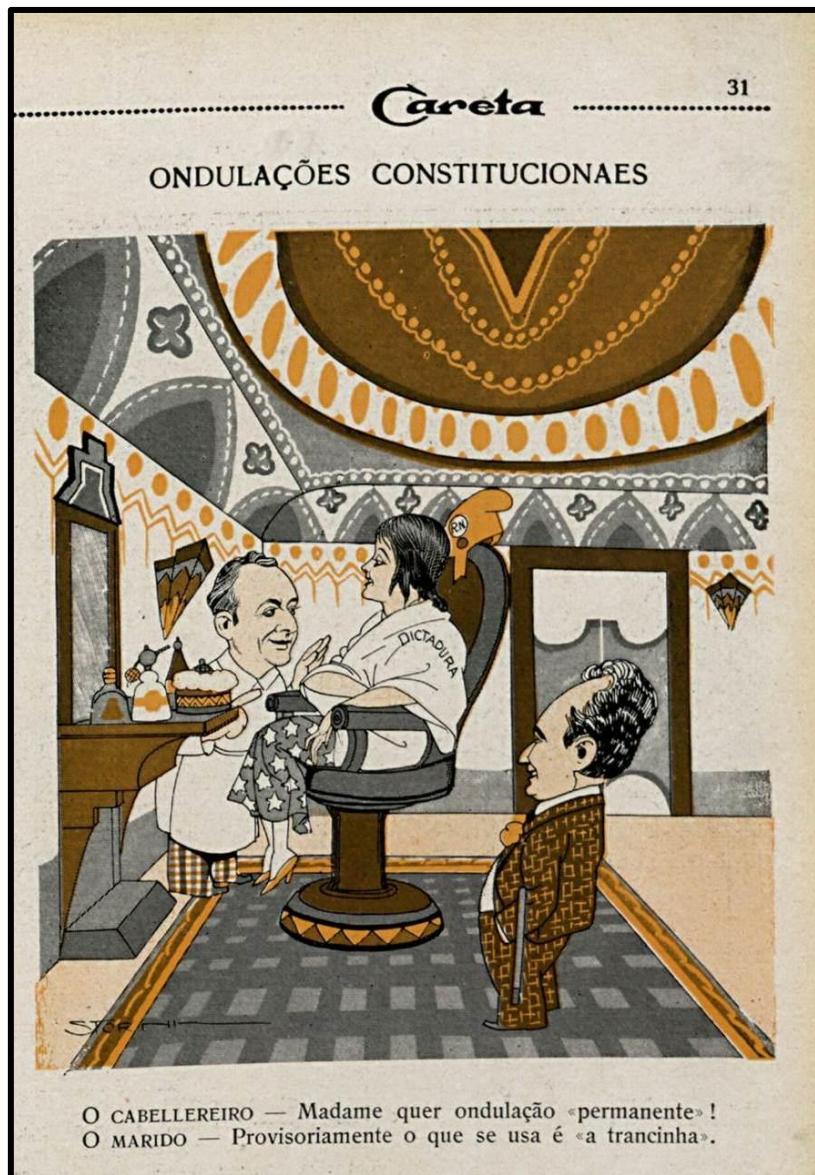


OS AMNISTIADOS — A amnistia é ampla mas a porta é estreita!...

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)



Esta republica é um auto duplo, onde os passageiros ora estão por cima ora estão por baixo!...



UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)



14

Careta

9 - 1 - 1932

O EMBAIXADOR AGRARIO ELEITORAL



GETULIO — Deixa-o, rapariga. Elle está lendo a Historia das mil e uma noites...

Em cena assistida pela “República Nova”, um “patriota” de bandeira em punho e dedo em riste exigia a formação de uma “constituinte já”, no que era acalmado pelo político Assis Brasil<sup>41</sup>. Revelando os antagonismos entre os apoiadores do Governo Provisório, a república, de mãos à cintura, lamentava as brigas entre os “compadres”, que se entendiam como “políticos”, mas não como “revolucionários”, em referência ao que se denominava de “princípios” de 1930<sup>42</sup>. Em período carnavalesco, a “República Nova”, espreguiçava-se sobre um monte de confetes, “depois da orgia”, e, para consolo do Zé Povo, ela deveria recuperar-se rapidamente dos exageros da folia<sup>43</sup>. A jovem república transformava-se em Chapeuzinho Vermelho, cercada de lobos – os partidos políticos – prontos a devorá-la, aparecendo o Jeca/povo para avisar-lhe que seria inútil escolher uma das feras<sup>44</sup>. Em trajes de praia, a “República Nova” negava-se a receber as vestes que representavam a Constituição de 1891, por imposição de um tradicional político paraense<sup>45</sup>. Conduzida em um carrinho de bebê, a criança república era cuidada por várias das personalidades políticas de então, diante da admiração do Jeca quanto à quantidade de “amas-secas” dispostas a cuidar da “pobre criancinha”. Já a “República Velha” aparecia como um monumento destruído, com a presença de um saudosista que pranteava o seu desaparecimento<sup>46</sup>.

---

<sup>41</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1230, 16 jan. 1932.

<sup>42</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1231, 23 jan. 1932.

<sup>43</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1234, 13 fev. 1932.

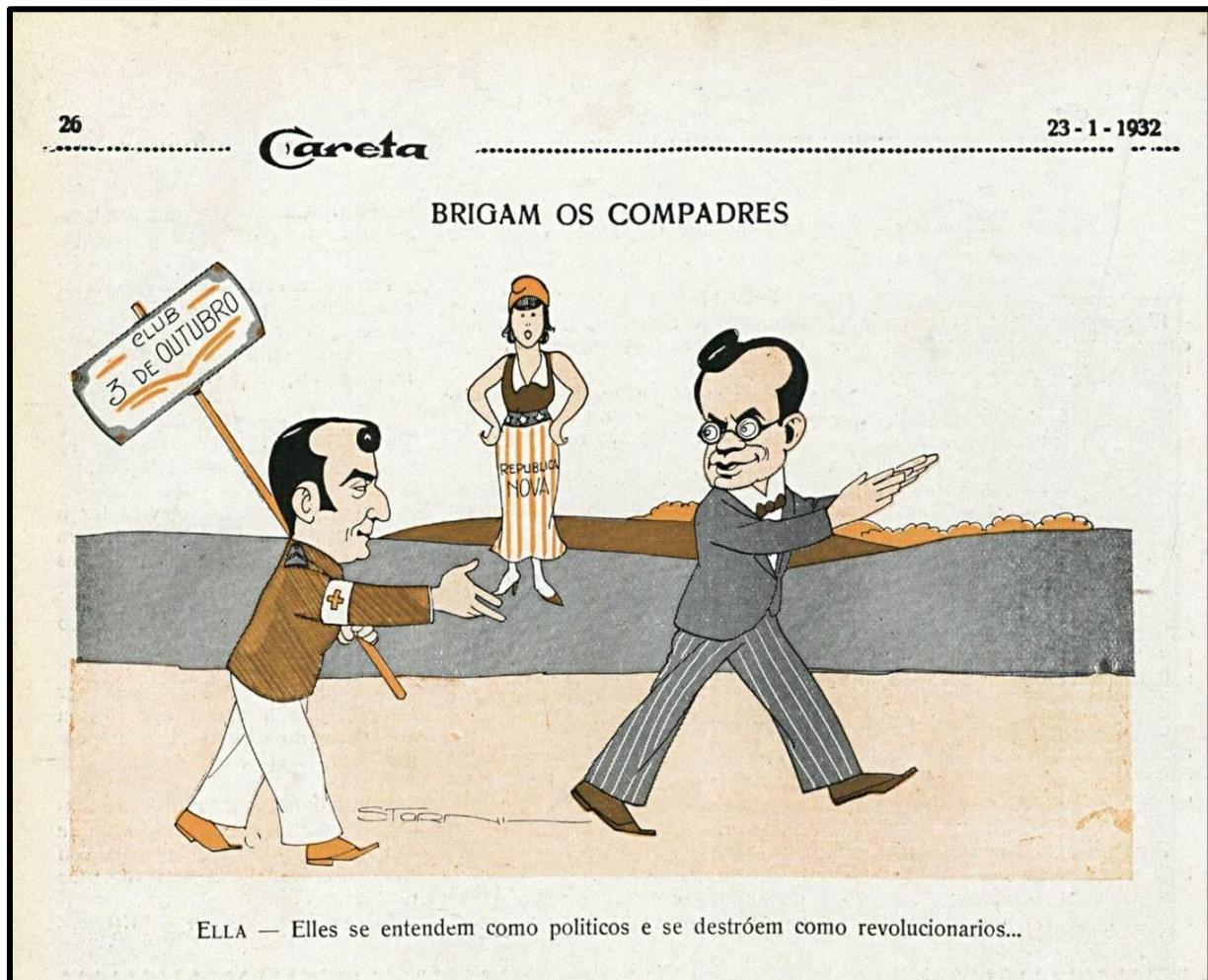
<sup>44</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1235, 20 fev. 1932.

<sup>45</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1238, 12 mar. 1932.

<sup>46</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1239, 19 mar. 1932.



UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)

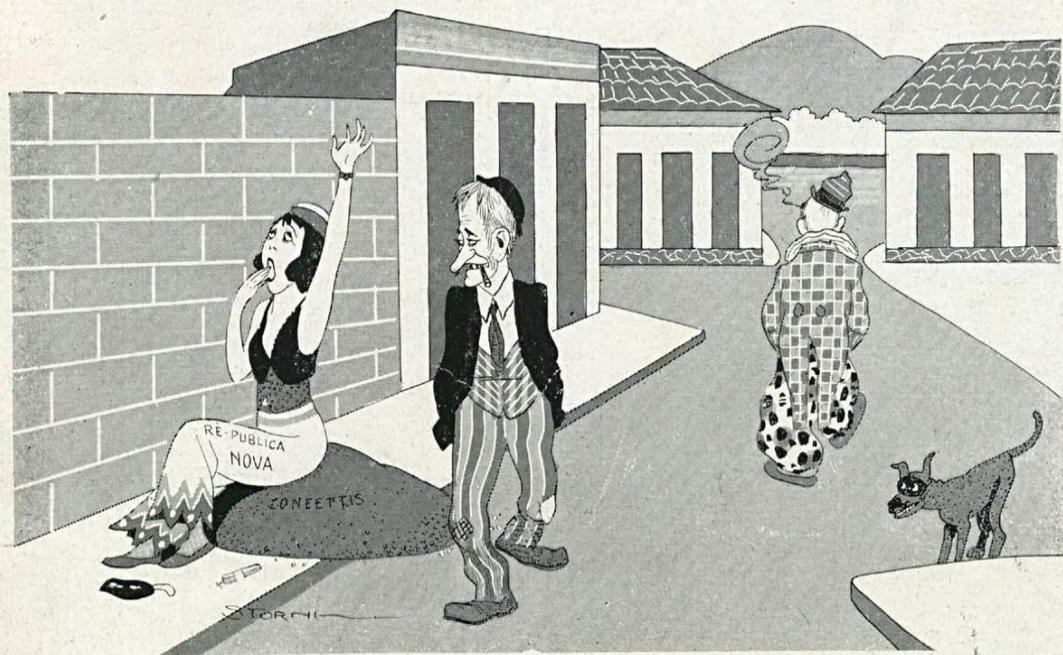


14

Careta

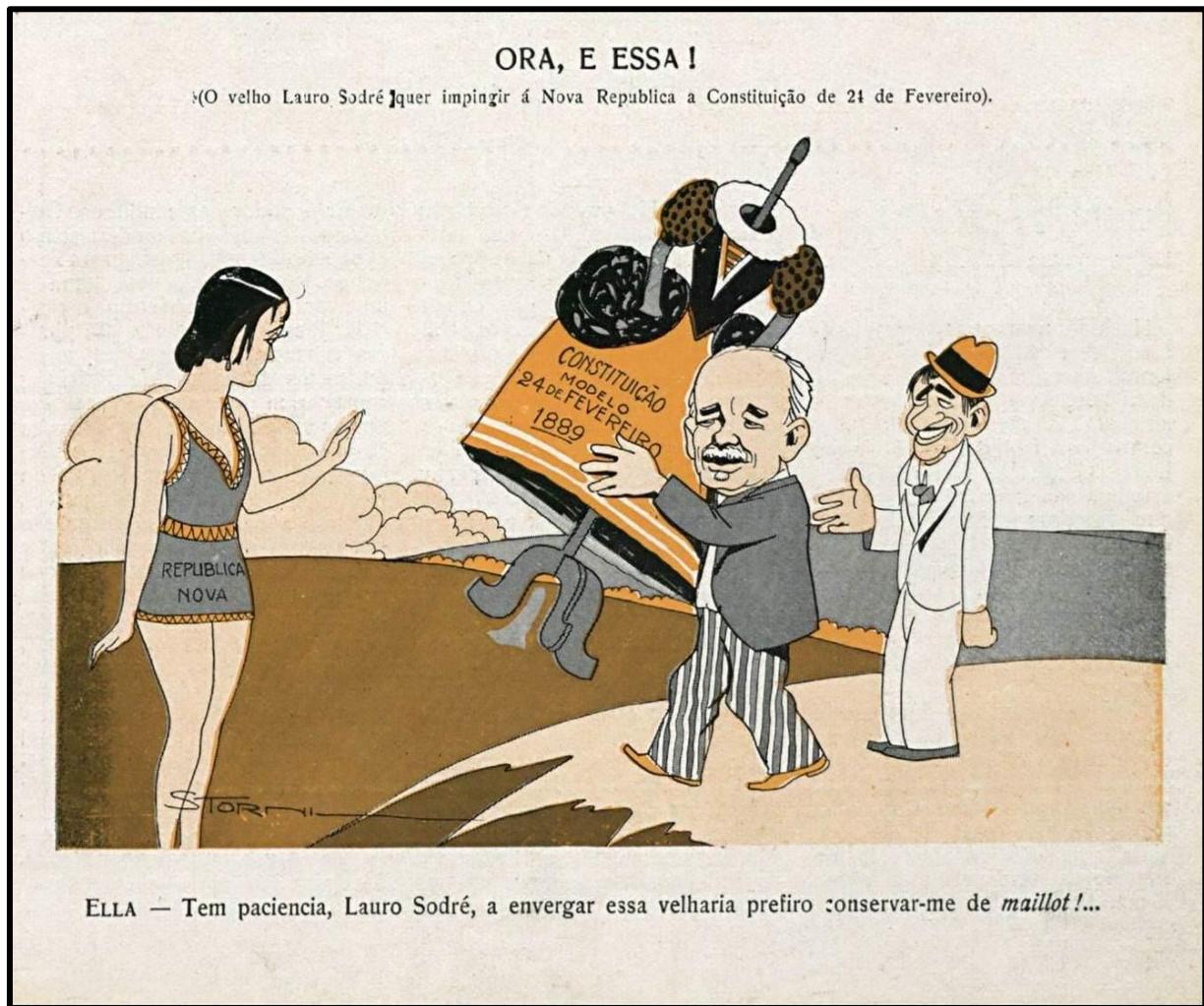
13 - 2 - 1932

DEPOIS DA ORGIA

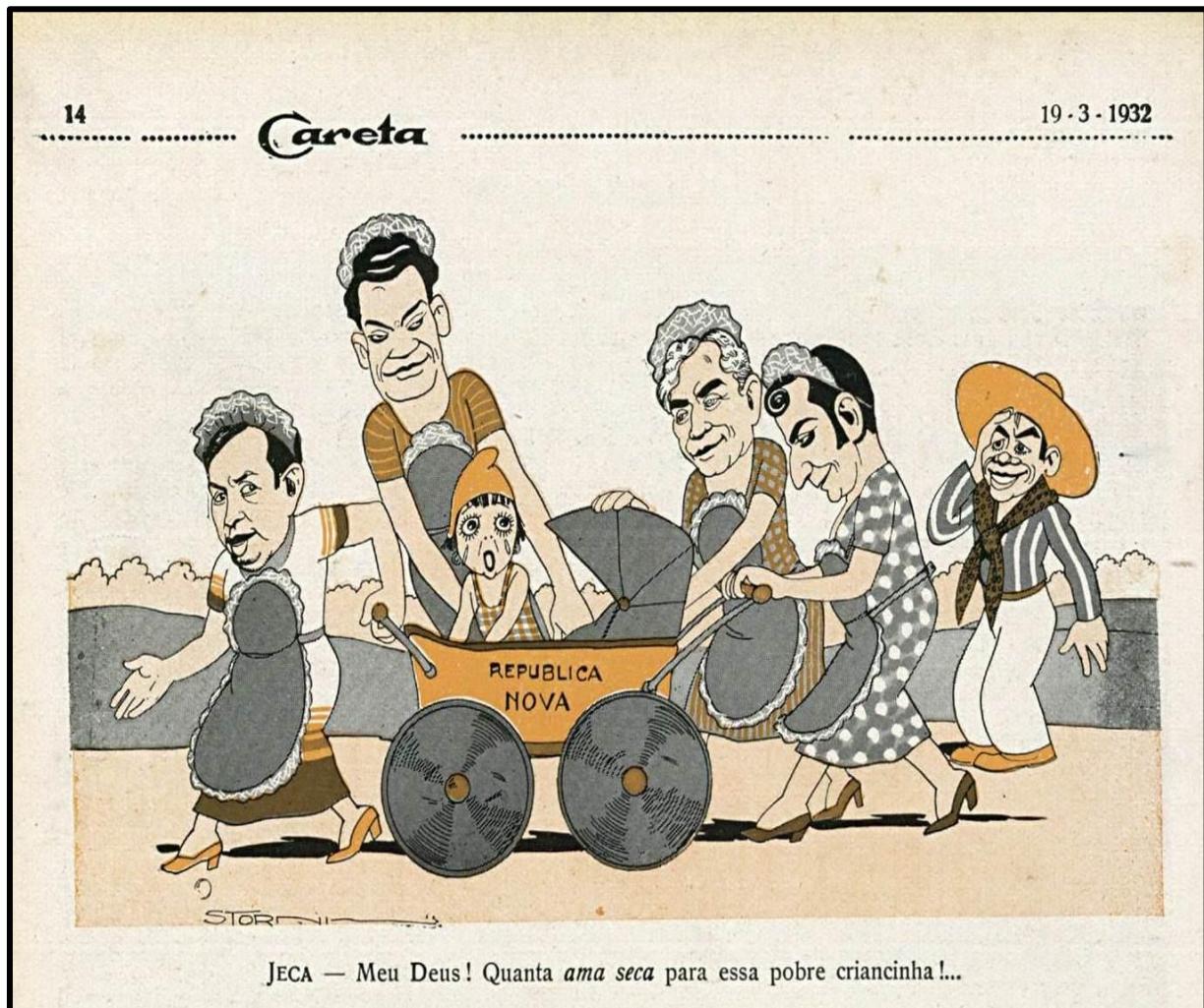


ZÉ (consolado) — Antes assim! Ella é nova, basta uma dóse de sal de fructas!...





UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)

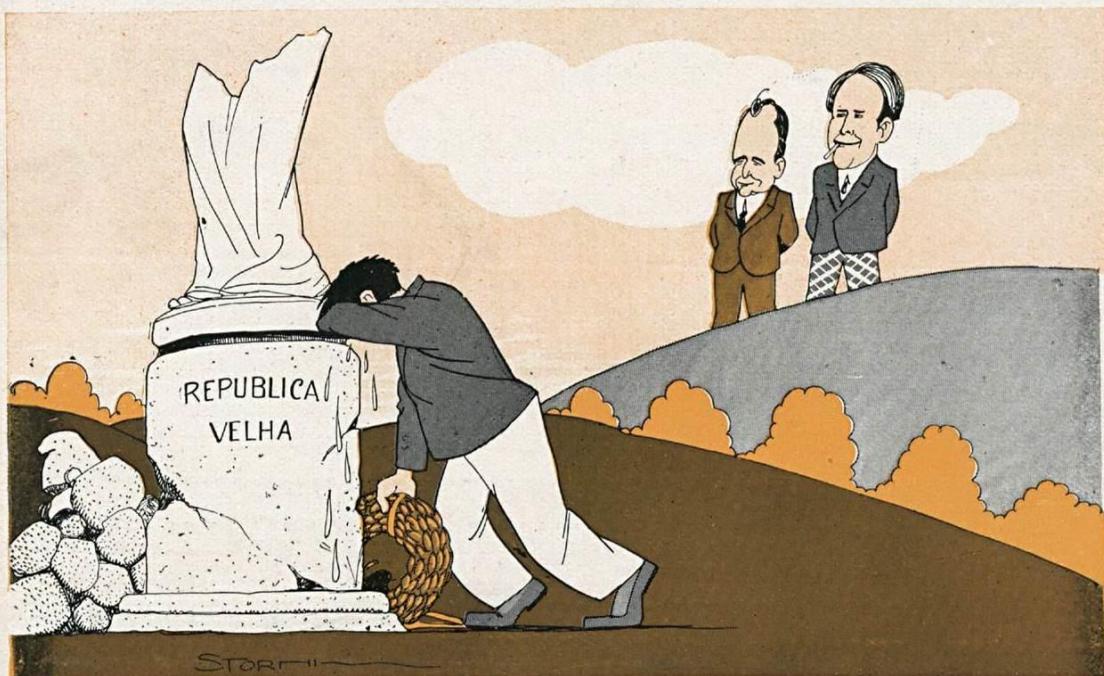


30

Careta

19-3-1932

O SAUDOSISMO...



— Está chorando no pedestal da Venus do »Milho»...,

Junto de Vargas, a “República Provisória”, com um vestido bastante curto, fazia troça de uma mulher-constituinte que utilizava luxuosa vestimenta do passado, considerando que a intenção desta era esconder os interesses dos decaídos do poder<sup>47</sup>. Em relação à recorrente formação de frentes únicas, a “República Nova” remendava as roupas de um boneco que representava tais associações políticas. Ainda que não houvesse a presença em si da figura feminina em alusão à forma de governo, uma caricatura fazia alusão à ela, com a presença de lavadeira que carregava trouxa na cabeça e, questionada se tratava-se de roupa suja da República Velha, dizia que eram em verdade as fraldas da República Nova, indicando que o novel regime já vinha cometendo alguns erros<sup>48</sup>. Ao frequentar uma farmácia, a mulher-república era orientada pelo boticário a deixar de lado as demais “drogas” – os partidos políticos –, devendo preferir um “poderoso fortificante” e o “calmante da moda” representados por vasilha que trazia a efígie de Getúlio Vargas<sup>49</sup>. A “Nova” era a única passageira de uma embarcação pilotada pelo Ministro da Marinha, o qual era instruído por Vargas no sentido de prosseguir, pois aquele não seria o momento de dar uma “marcha a *ré-pública*”, promovendo um jocoso trocadilho com a palavra que designava a forma de governo<sup>50</sup>.

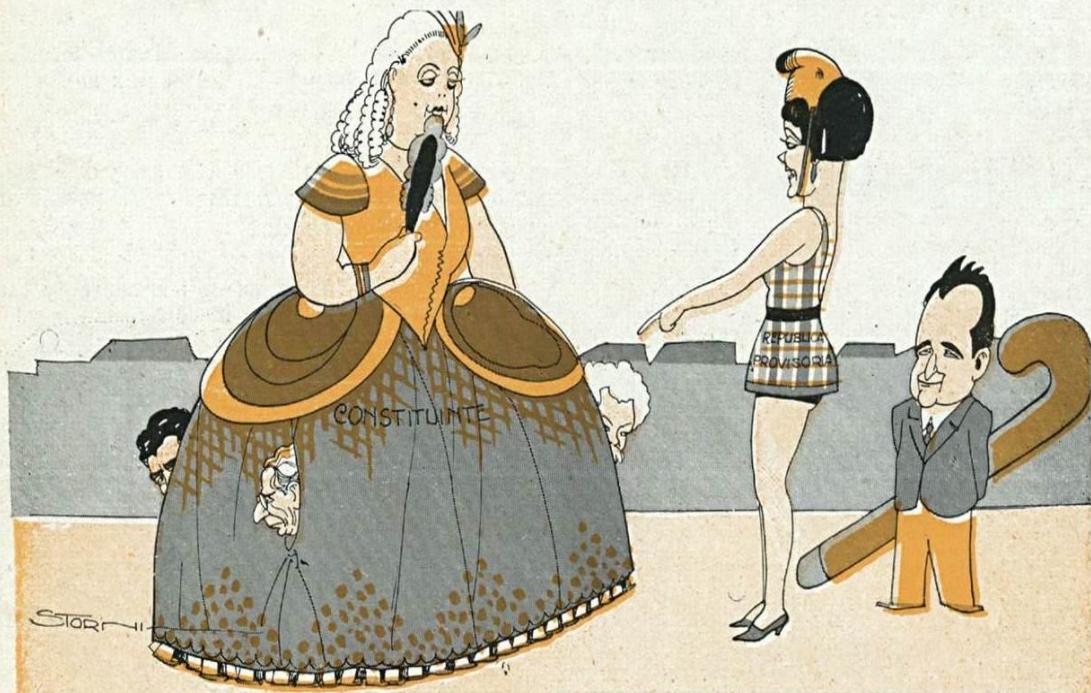
---

<sup>47</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1241, 2 abr. 1932.

<sup>48</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1242, 9 abr. 1932.

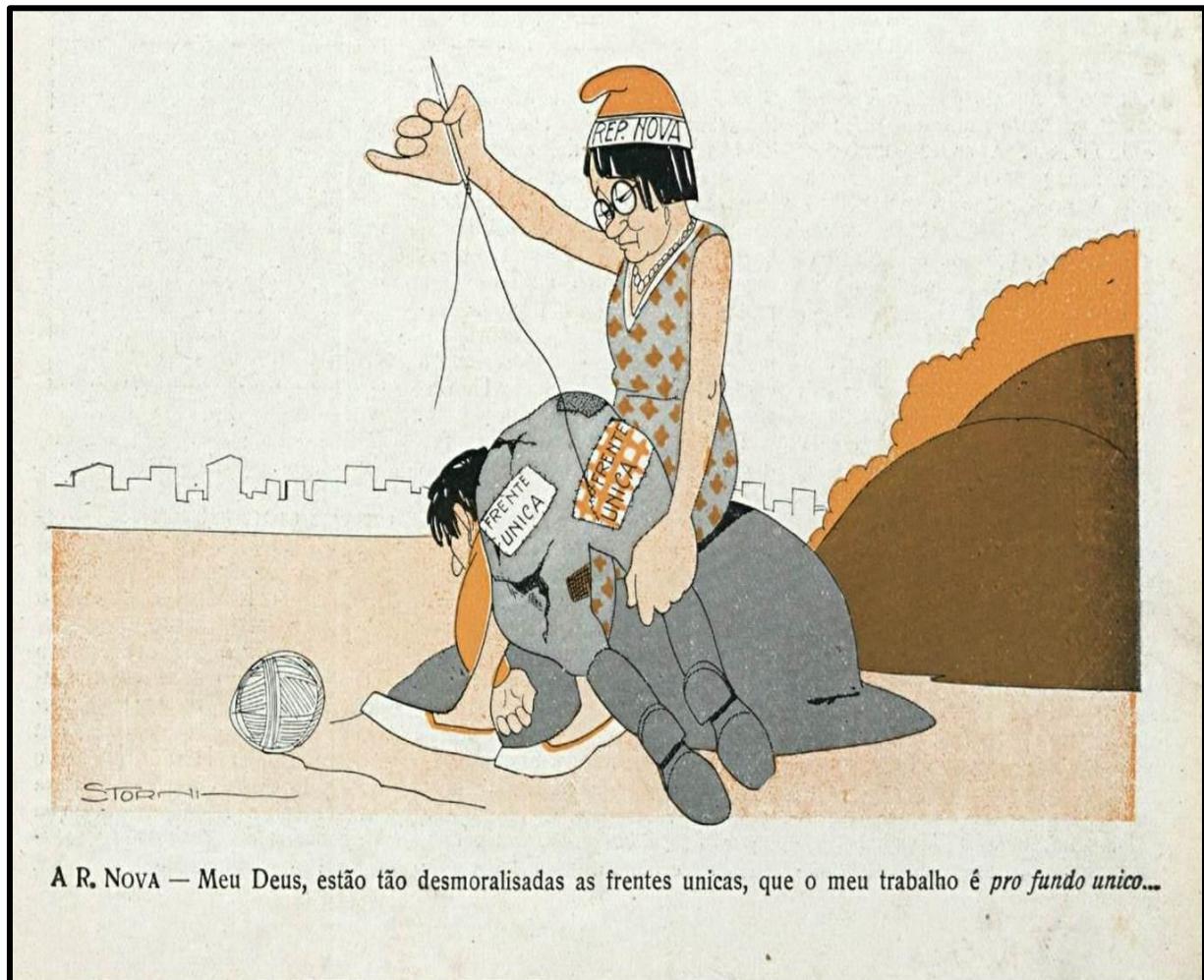
<sup>49</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1245, 30 abr. 1932.

<sup>50</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1246, 7 maio 1932.



A MOÇA — Eu levo uma grande vantagem sobre você: Posso não apresentar bellezas de uniforme mas não escondo nada!...

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)

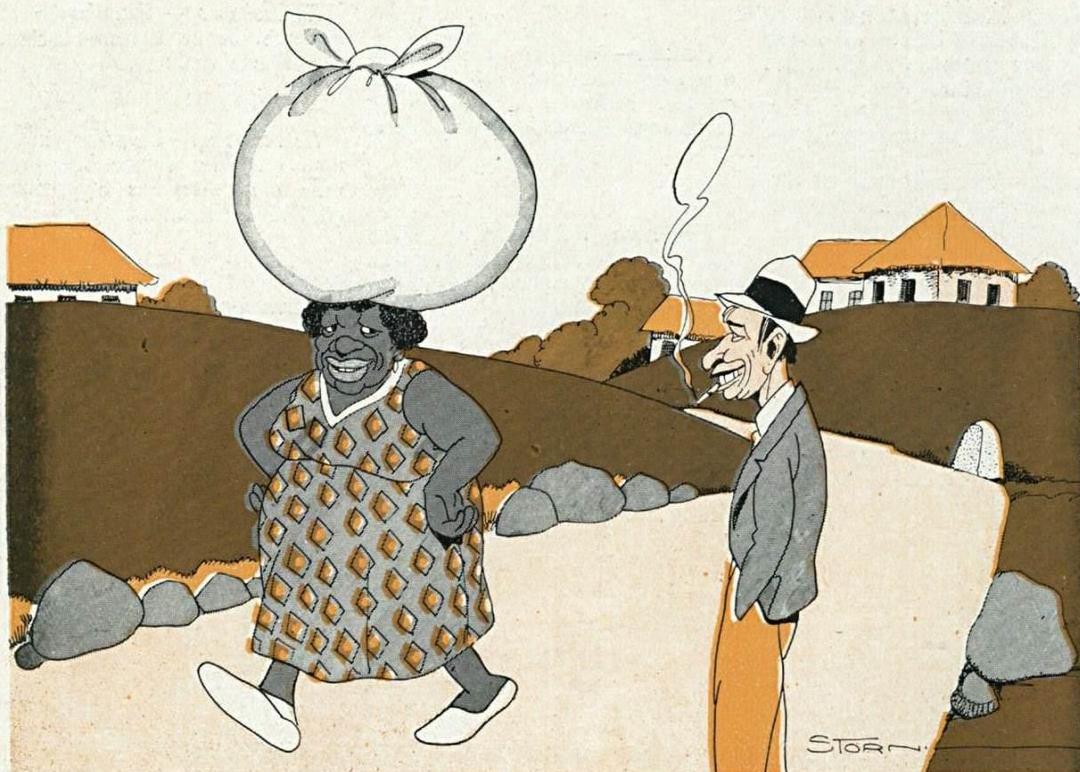


A R. NOVA — Meu Deus, estão tão desmoralisadas as frentes unicas, que o meu trabalho é *pro fundo unico...*

34

Careta

9-4-1932



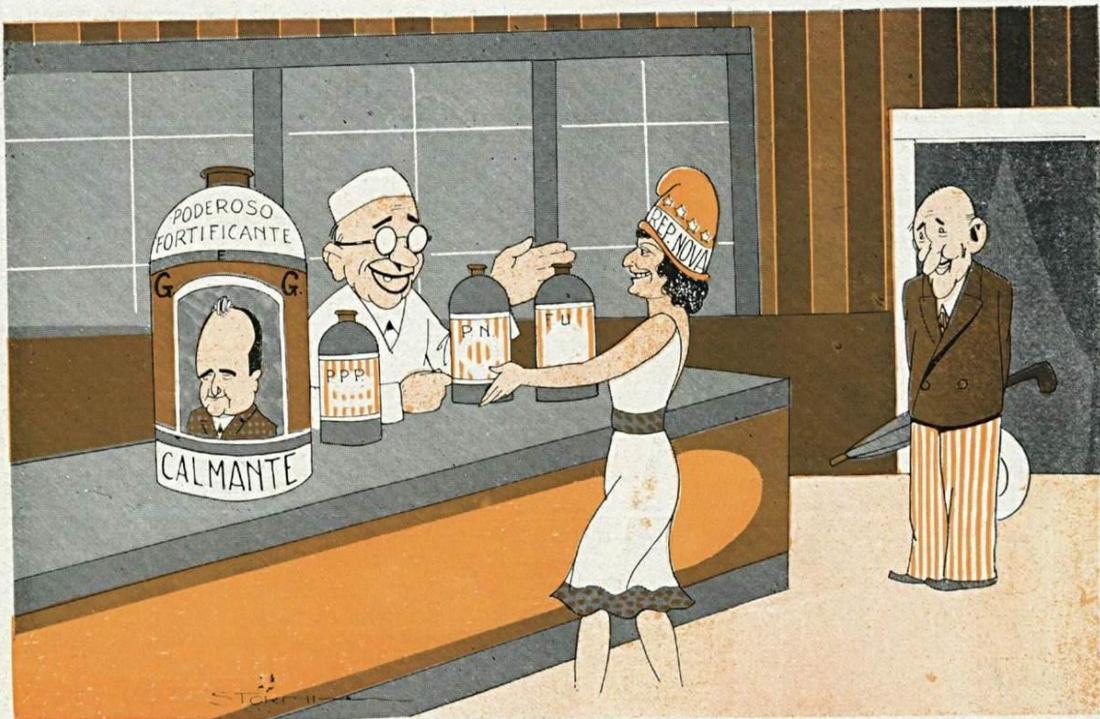
ZÉ — Mais roupa suja? Ainda da Republica velha?  
A LAVADEIRA — Qual o quê. Agora são os cueiros da Republica Nova.

26

Careta

30 - 4 - 1932

NA BOTICA



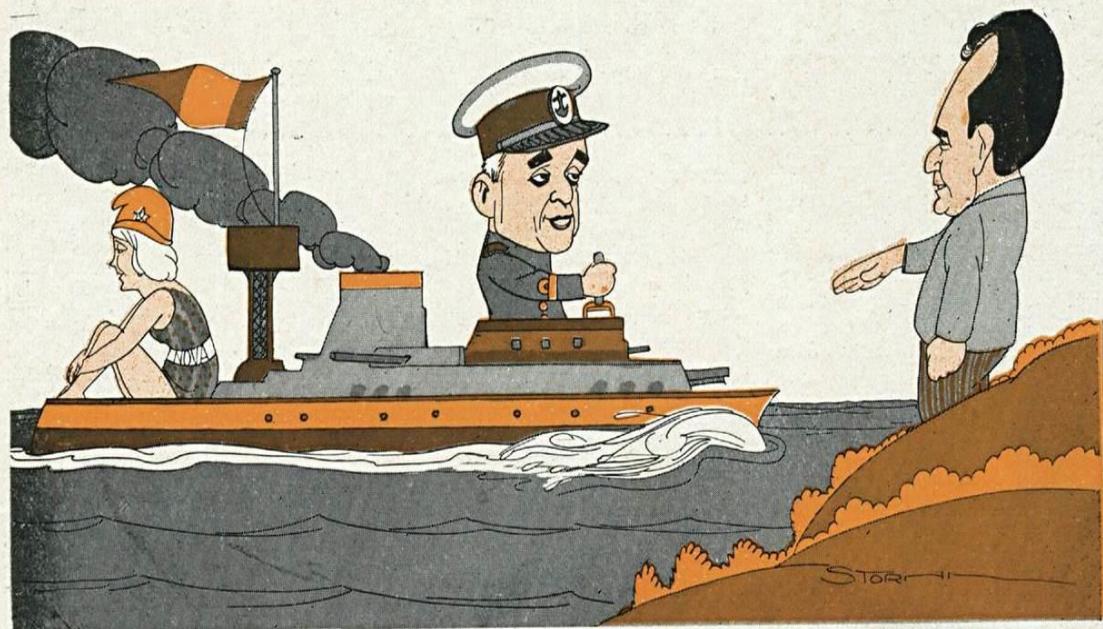
O BOTICARIO — Nada de drogas, senhorita, metta-se ro calmante da moda.

14

Careta

7 - 5 - 1932

“O RECÚO DESMENTIDO”



GETULIO — Aguenta firme, Protogenes, que agora não é o momento de dares *marcha a ré-publica!*...

A “República Nova” fazia expressão de surpresa ao observar Getúlio Vargas, apontado como sovina em relação às verbas públicas, sendo tentado por malfeiteiros que lhe ofereciam seus “produtos” ilegais, como entendimento, acordo, conchavo e cambalacho. A jovem república era metamorfoseada em caracol, ao receber uma concha que designava o Congresso Nacional, tal forma dava-se no sentido da leardeza na tomada de decisões quanto à reconstitucionalização do país, imagem complementada pela presença de um vendedor que tentava comercializar com o Jeca, esclarecendo que todas as suas mercadorias poderiam ser vendidas à prestação. Um político gaúcho e outro paulista, alocados na “Ilha da Saudade”, em alusão ao seu afastamento do poder, imaginavam a chegada de avião de uma “república-constituinte”, enquanto outro homem público sul-rio-grandense não demonstrava tamanha expectativa<sup>51</sup>. Em conversa com um outro político gaúcho, a “República Nova” estimulava-o a utilizar-se da espada da justiça. A situação política nacional era equiparada a um jogo de pôquer, havendo mais uma vez o protagonismo de personagens da vida política rio-grandense-do-sul, aparecendo a mulher-república como uma “constituinte à prestação”, em referência à demorada realização de tal providência<sup>52</sup>.

---

<sup>51</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1248, 21 maio 1932.

<sup>52</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1255, 9 jul. 1932.

14

Careta

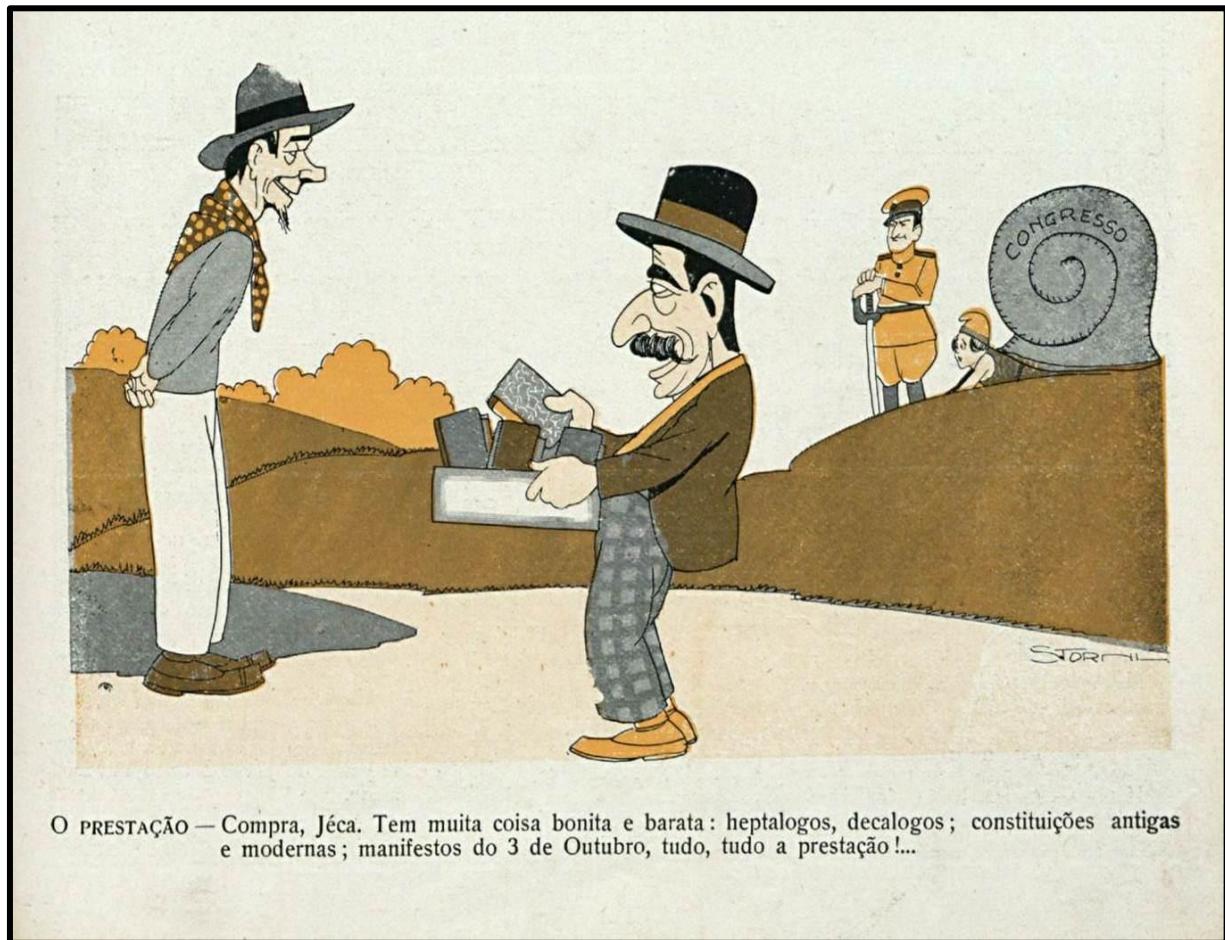
21 - 5 - 1932

OS MERCADORES...



Tentando o maior dos forrões políticos...

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)



O PRESTAÇÃO — Compra, Jéca. Tem muita coisa bonita e barata: heptalogos, decalogos; constituições antigas e modernas; manifestos do 3 de Outubro, tudo, tudo a prestação!...

30

Careta

21 - 5 - 1932

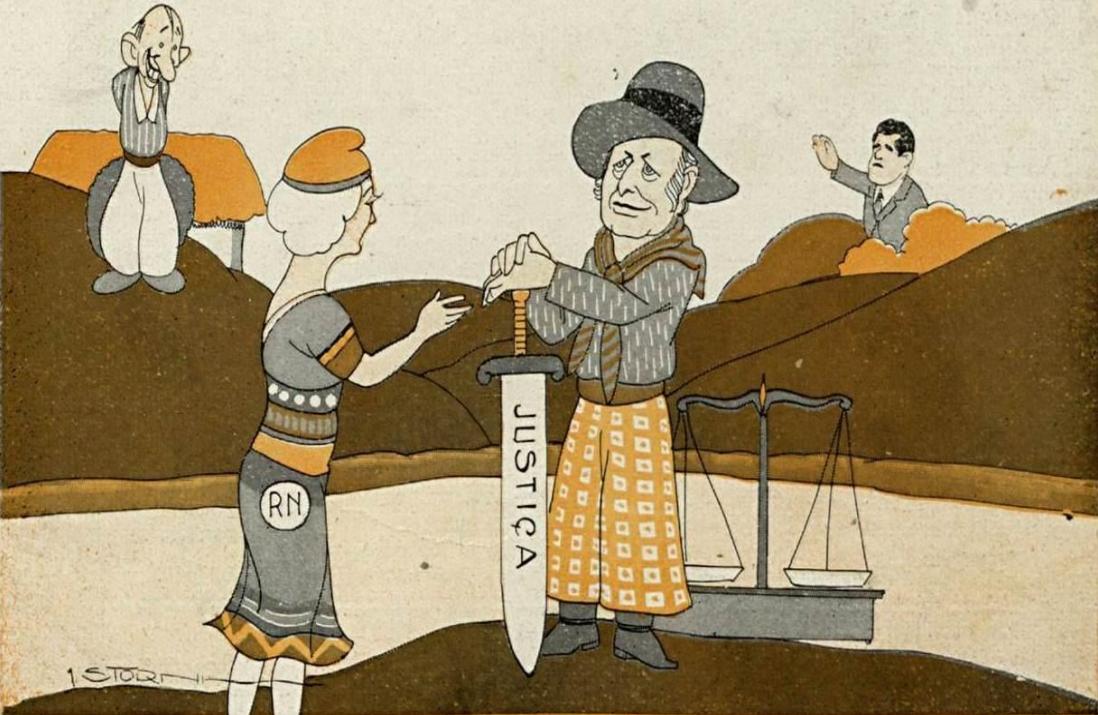
PROCURANDO UM LUGAR PARA AMERRISAR...



BORGES E ALTINO ARANTES — Exultemos! A constituinte vem ahi!

JOÃO NEVES — Ainda tenho um anno para synchronize a oposição.

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)



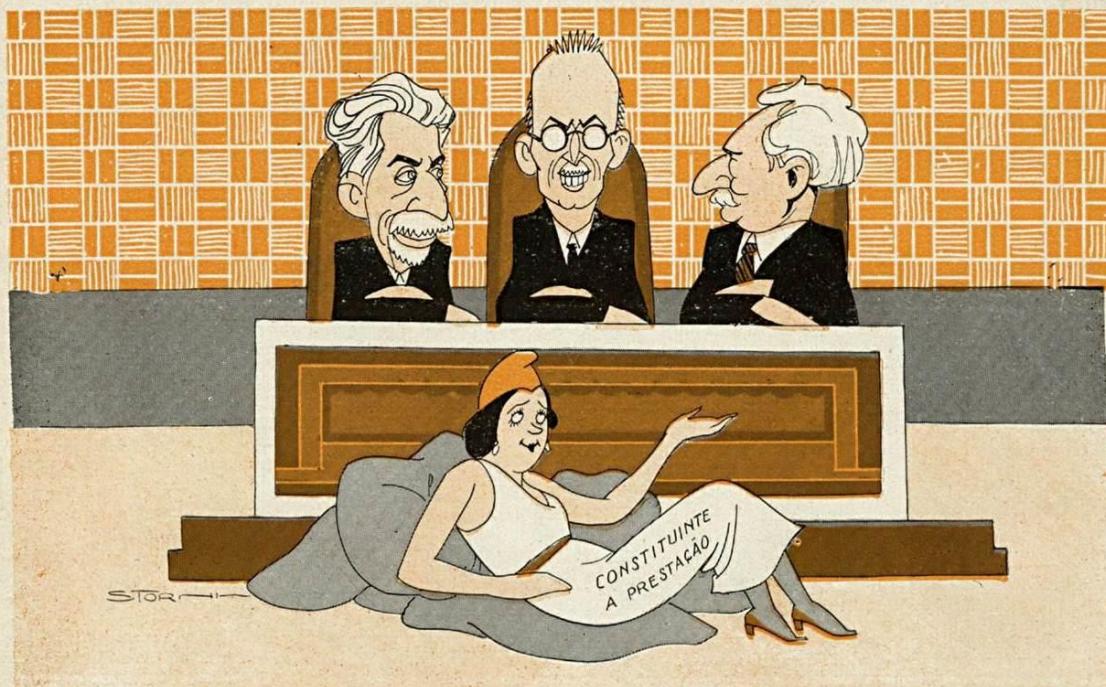
A REPUBLICA NOVA — A melhor arma de um general é a espada da justiça.  
FLORES — E' isso o que eu vou dizer aos companheiros que me esperam na estacada.

30

Careta

9 - 7 1932

O POCKER NACIONAL



A trinca do Sul, contra o coringa da politica nacional ..

Ainda a respeito da procrastinação do processo de reinstitucionalização, o Zé Povo admirava-se pela forma que Vargas conduzia a república, rolando-a dentro de um barril, sem que se machucasse, em alusão ao ato de enrolar, ou seja, confundir e atrapalhar. O personagem criado por Mary Shelley trazia pavor à “República Nova”, a qual era tranquilizada pelo Zé Povo, ao afirmar que aquele “Frankenstein-ressurgimento político” era formado por cadáveres, cuja “vida artificial” duraria pouco<sup>53</sup>. Diante da agitação bélica e revolucionária que sacudia o país, uma jovem república tentava evitar a audição das más notícias divulgadas pelo rádio, enquanto o outro personagem da caricatura protestava contra a invenção de tal meio de comunicação<sup>54</sup>. Como se estivessem em um estádio a assistir o evento esportivo do momento, os jogos olímpicos, Vargas, o Jeca e a República observavam o cenário da guerra cujo epicentro era o Estado de São Paulo<sup>55</sup>. O voto feminino e o sufrágio secreto eram o tema de criação iconográfica em que a república, em trajes de banho, frequentava um balneário<sup>56</sup>. Ainda a respeito da lerdeza em torno da formação da constituinte, a mulher-república montava uma mula e carregava um cesto de “reformas variadíssimas” e “propostas de novas formas de governo” e, apesar do quadro de lentidão, o Zé Povo gracejava, indicando-lhe que deveria vir ainda mais vagarosamente<sup>57</sup>.

---

<sup>53</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1256, 16 jul. 1932.

<sup>54</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1258, 30 jul. 1932.

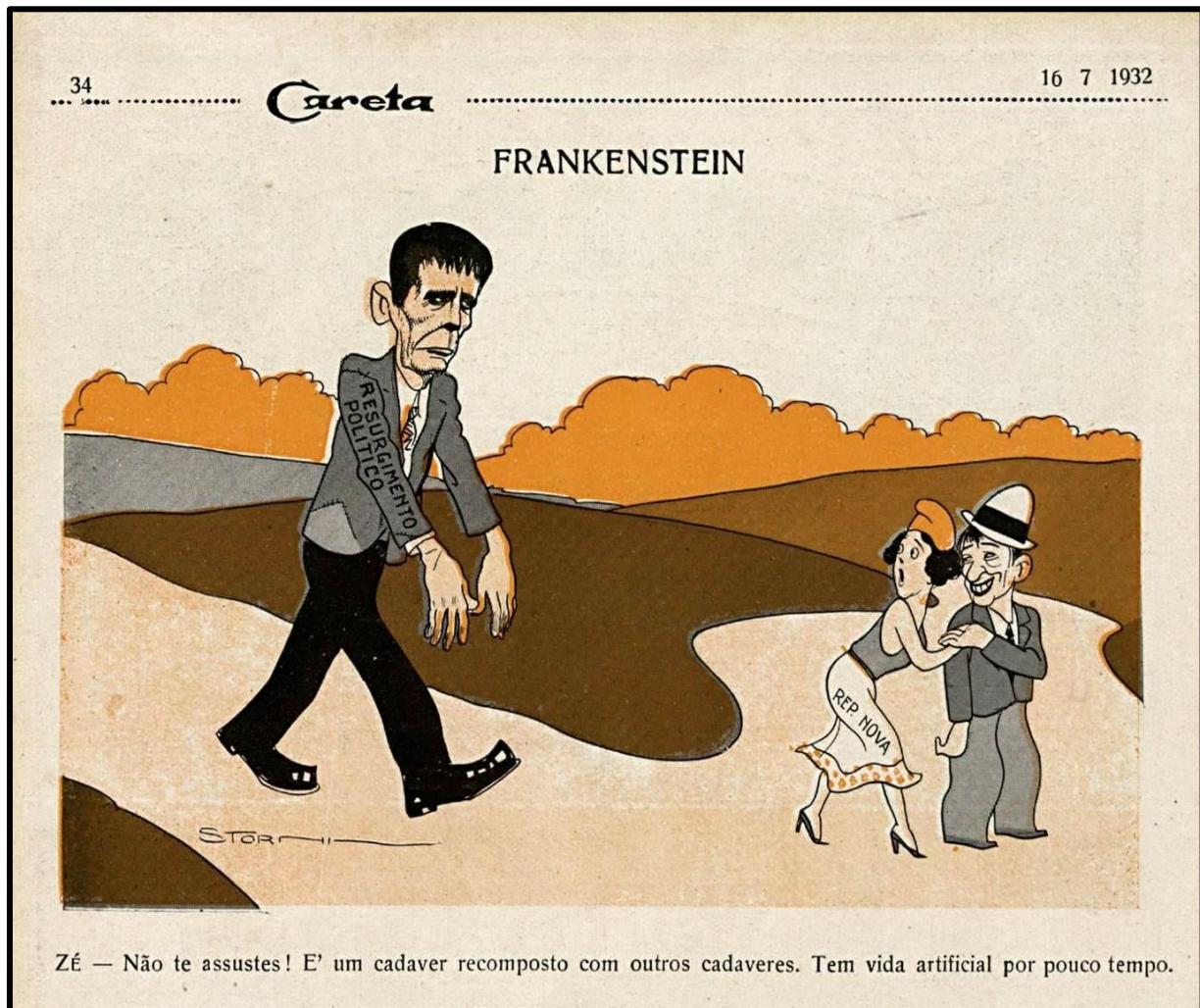
<sup>55</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1261, 20 ago. 1932.

<sup>56</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1273, 12 nov. 1932.

<sup>57</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1274, 19 nov. 1932.



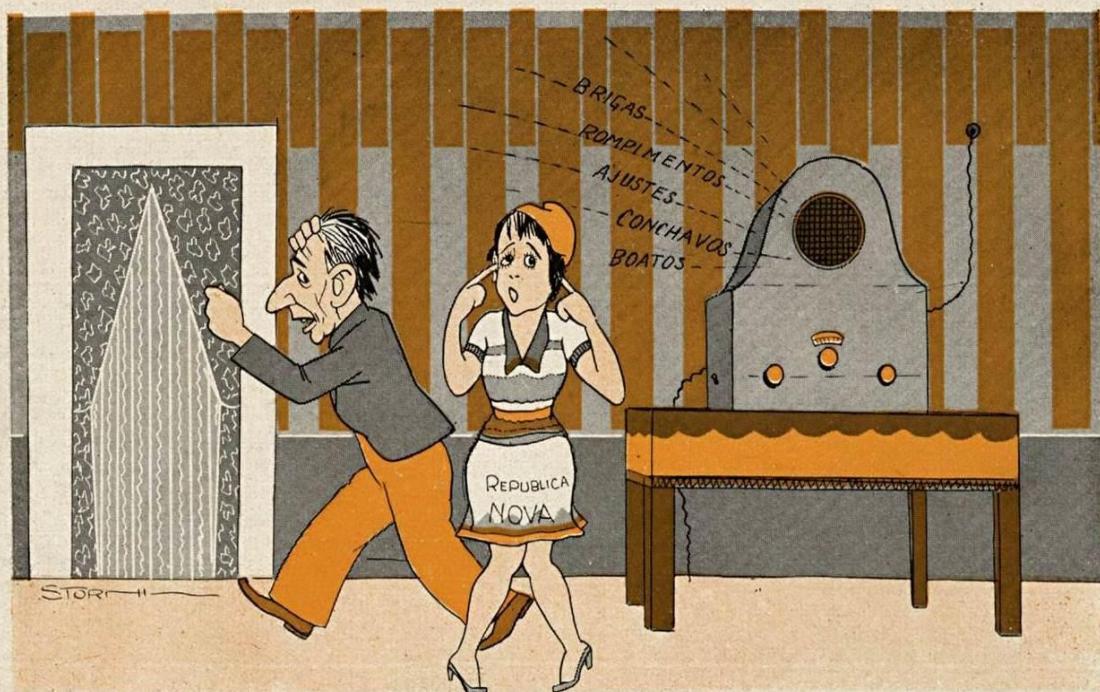
UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)



30

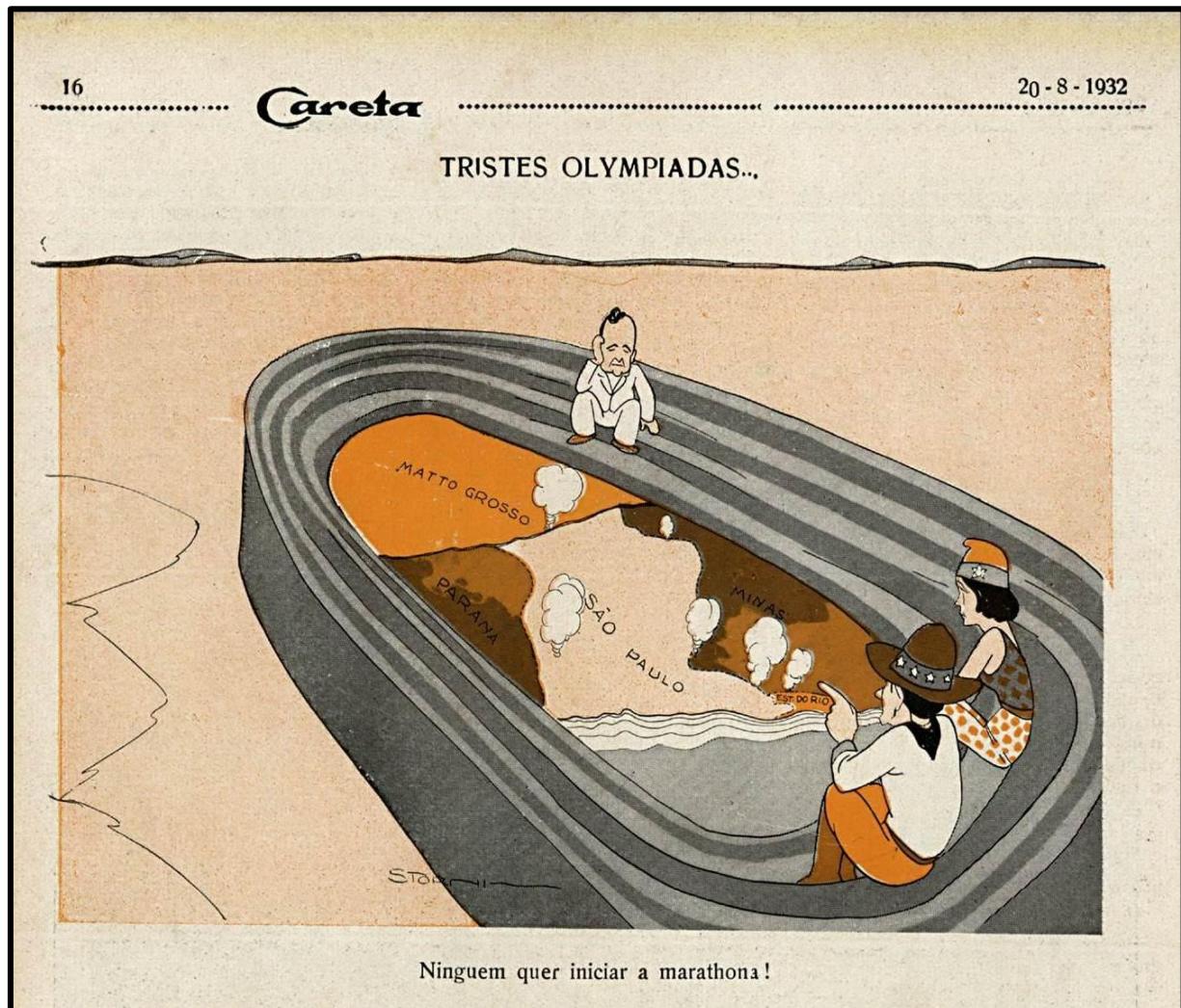
Careta

30 - 7 - 1932



— Está para que inventaram o raio do radio!...

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)

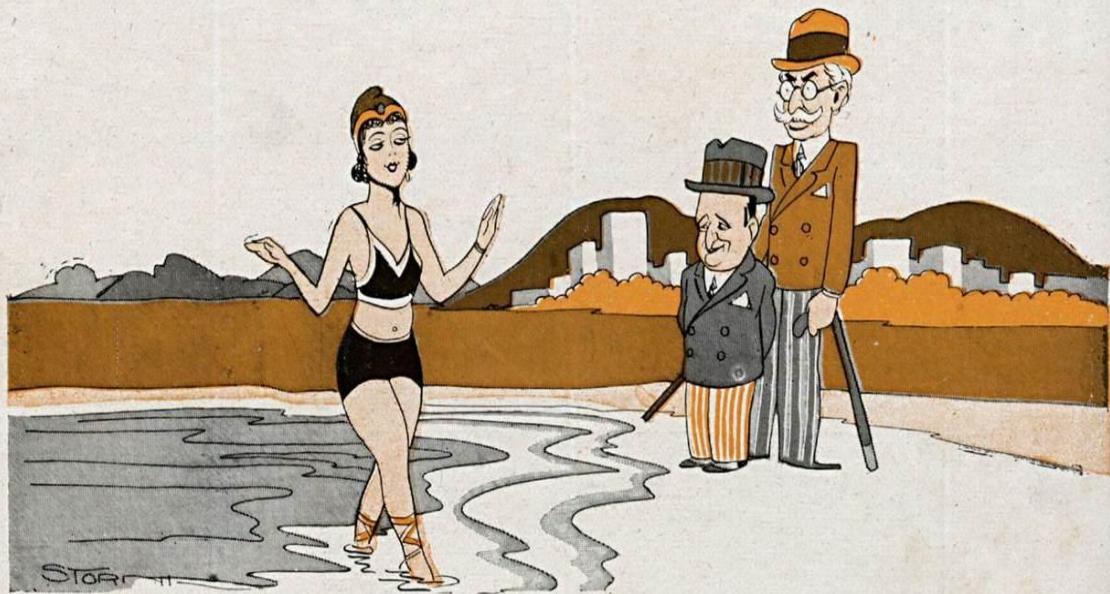


14

Careta

12 - 11 - 1932

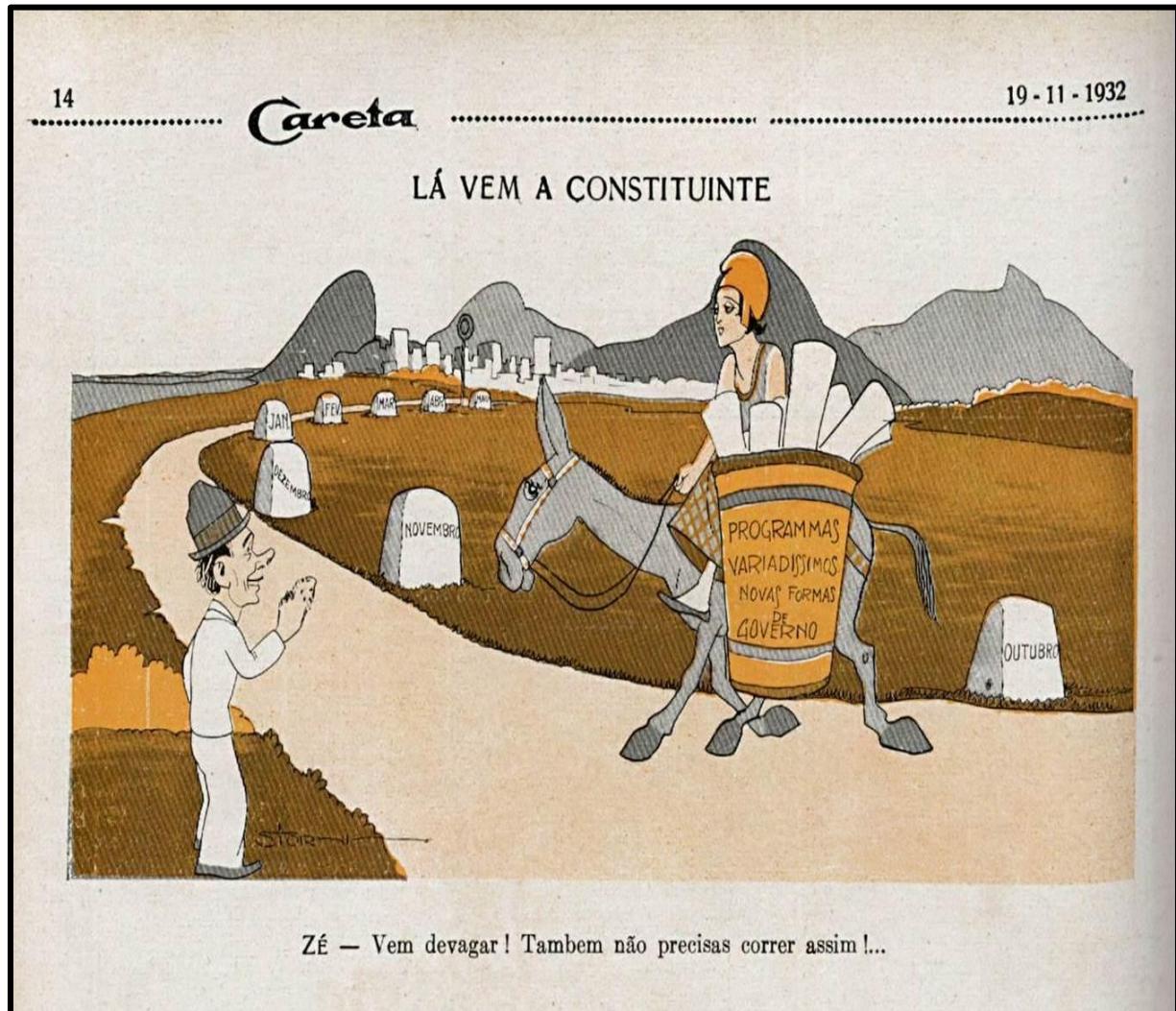
O VOTO FEMININO



GETULIO — A Constituinte vai ser feita pelo principio do voto secreto. . .

GREGORIO — Pois eu penso que é o contrario, o voto é cada vez mais descoberto. . .

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)



A figura feminina referente à forma de governo foi representada também como um manequim, chegando a aparecer uma “República Socialista”, diante da qual havia a exclamação de cautela com a expressão “calma no Brasil”. Ela também foi travestida com os trajes típicos dos gaúchos, em alusão ao núcleo de poder que administrava o país<sup>58</sup>. A “República Nova” em meio à floresta, tal qual Chapeuzinho Vermelho, se mostrava indecisa quanto ao caminho a seguir, tendo em vista as diferentes indicações dos homens públicos de então, no que era atalhada pelo Zé Povo ao dizer-lhe que, independente da escolha, inevitavelmente haveria perdas. Diante do quadro ornado com a efígie da república, agentes do grupo que detinha o poder eram esclarecidos que, independentemente dos programas políticos, a escolha do Presidente ficaria ao encargo deles<sup>59</sup>. Com uma feição decepcionada, a “República de 1933” observava a intensa participação dos militares nos rumos da vida política nacional<sup>60</sup>. No que tange às preocupações de uma jovem república associada à “nova constituinte”, em relação ao alistamento eleitoral, em época de folia, o “carnaval” fazia a sugestão de que só poderiam participar das festividades os portadores de título eleitoral<sup>61</sup>.

---

<sup>58</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1276, 3 dez. 1932.

<sup>59</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 25, n. 1277, 10 dez. 1932.

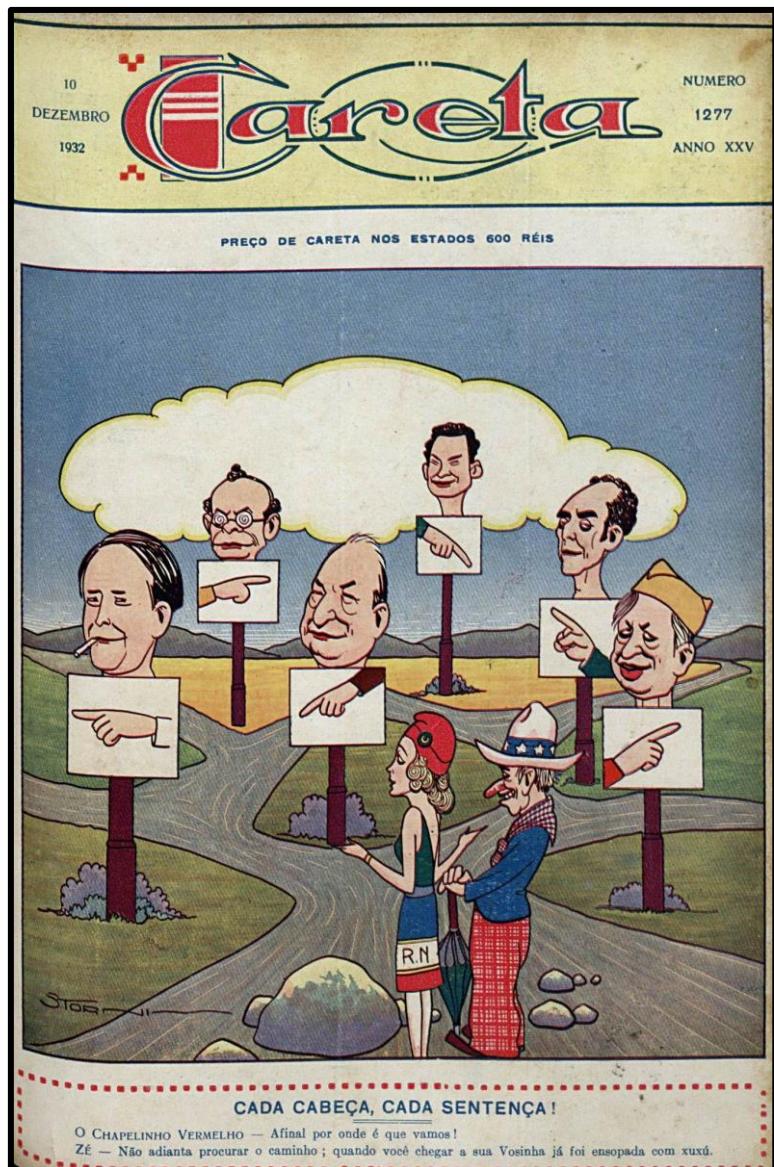
<sup>60</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1281, 7 jan. 1933.

<sup>61</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1283, 21 jan. 1933.





UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)

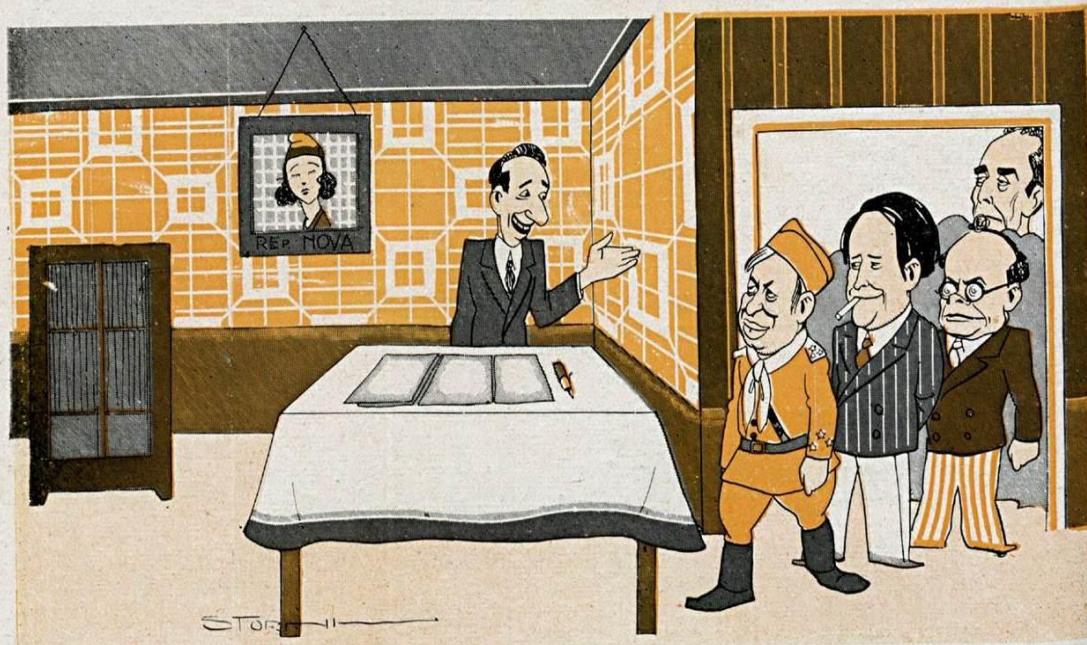


14

Careta

10 - 21 - 1932

OS FUTUROS CANDIDATOS



ZÉ — Entrem, senhores. Quaesquer que sejam os programmas, as eleições serão feitas para o Presidente da Republica !

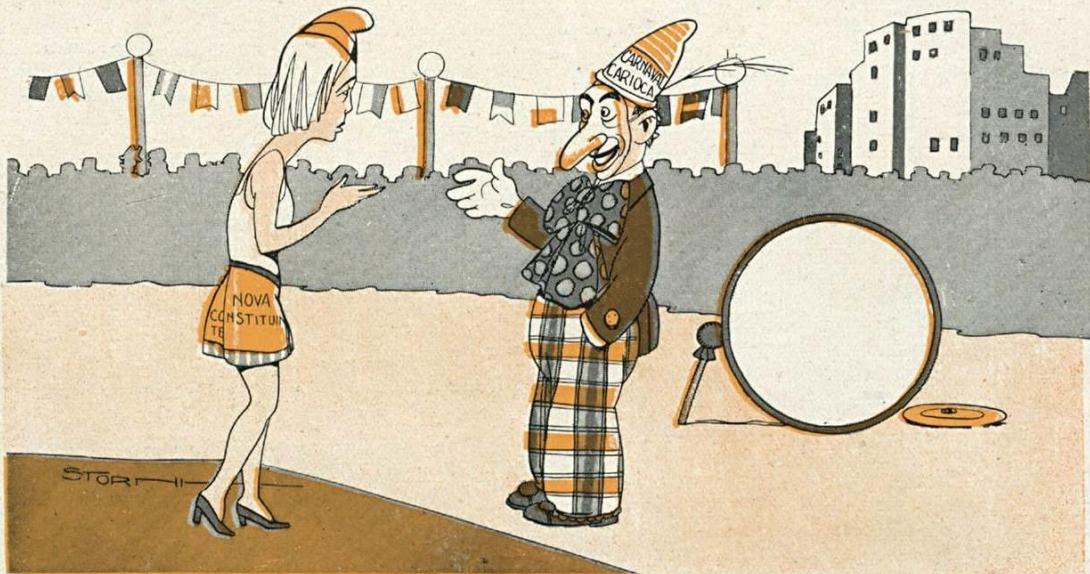


14

Careta

21 - 1 - 1933

A SOLUÇÃO



O CARNAVAL — Eu tenho uma idéa para solucionar essa falta de affluencia á qualificação.

ELLA — Qual é?

O CARNAVAL — “Ninguem poderá tomar parte nos folguedos carnavalescos si não estiver munido do respectivo titulo de eleitor”!...

Perante as confusões quanto aos rumos na elaboração do projeto constitucional, a “República Nova” pedia ajuda para criar-se uma luz diante de tanto desentendimento. Ao passo que a mulher-república buscava ampliar o alistamento eleitoral, o Zé Povo ouvia a conversa entre Getúlio Vargas e Góis Monteiro, lideranças fundamentais para os rumos da política nacional, versando a respeito das interpretações possíveis para a pena de morte e a continuidade dos caminhos em direção à conclusão do texto constitucional<sup>62</sup>. A república se apresentava estupefata e assustadiça com a quantidade de possíveis candidatos que saíam por uma porta em sua direção, tendo em vista medida governamental que liberava a candidatura de parentes dos interventores estaduais. Ela também indagava um candidato quanto a uma definição relativa ao Estado por qual se lançaria às urnas, recebendo do antigo tenente João Alberto uma resposta que só servia para deixá-la ainda mais confusa<sup>63</sup>. O Zé Povo conversava com a “República Nova” sobre quem afinal estaria efetivamente segurando o “saco dos partidos”, em alusão ao “peso dos programas”, ou seja a variedade de ideias expressas pelas agremiações de então<sup>64</sup>. Ainda a respeito dessa confusão política, a figura feminina assistia a um diálogo com pouquíssimas definições quanto a prognósticos precisos no que se refere aos destinos do país<sup>65</sup>.

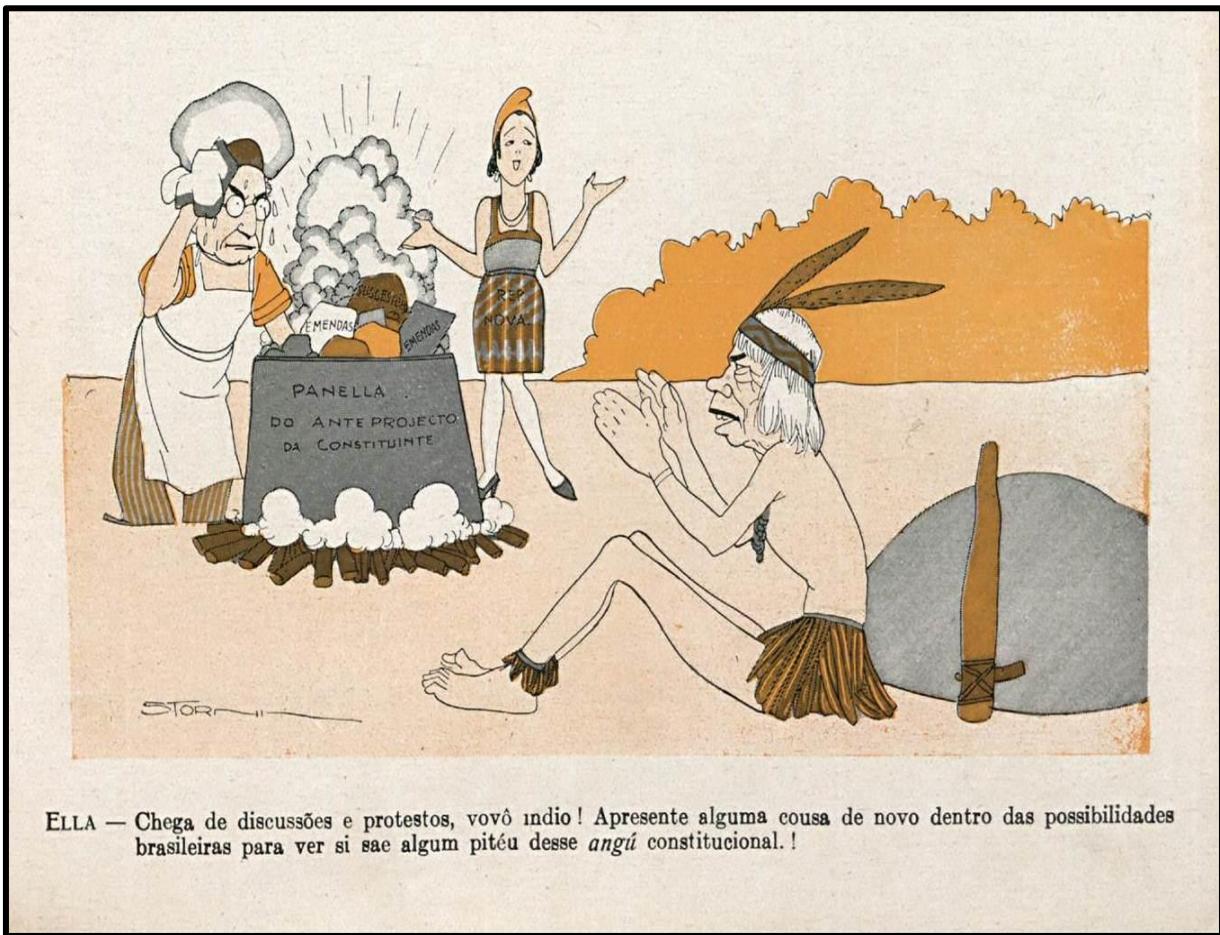
---

<sup>62</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1284, 28 jan. 1933.

<sup>63</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1292, 25 mar. 1933.

<sup>64</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1295, 15 abr. 1933.

<sup>65</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1296, 22 abr. 1933.



ELLA — Chega de discussões e protestos, vovô indio! Apresente alguma cousa de novo dentro das possibilidades brasileiras para ver si sae algum pitéu desse *angú* constitucional!

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOSA (1930-1937)



22

Careta

25 - 3 - 1933

REVOGANDO UM DECRETO

(O Presidente revogou o decreto que estabelecia a inelegibilidade sobre os parentes consanguíneos dos interventores até o 3º grau)



GETULIO — Entra, macacada! Parentes são os dentes, e estes mesmos incomodam.

O CHEFE DE POLICIA AUTONOMISTA



ELLES — Então? A sua candidatura é por Pernambuco?

JOÃO ALBERTO — De certo. No Recife eu sou carioca, ao passo que no Rio eu sou pernambucano.::



Zé — Eu não disse que Você não aguentava o peso dos programmas?

REPUBLICA NOVA — O' seu tolo, pois Você não vê que o peso é que está agora me aguentando?

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)



MACIEL JR. — A linha da vida está interrompida por um acontecimento ruidoso! A linha do coração está indecifrável. A linha da cabeça não regula....

Zé — Afinal de quem é toda essa chiromancia?...

MACIEL JR. — Eu estou fazendo os prognósticos. Você agora advinhe de quem é a mão!..

As eleições eram comparadas a um simples sorteio pela revista, ao mostrar Getúlio Vargas oferecendo à “República Nova” um chapéu carregado de papeizinhos, enquanto ela, vendada, se preparava para escolher<sup>66</sup>. Em tom bem-humorado, o periódico apresentava mais uma vez a jovem república em trajes de banho, à beira da praia, observando outros três personagens cujo tema da conversa era vinculado a reaproveitar as cabines eleitorais como “quartinhos” para os veranistas trocarem de roupa<sup>67</sup>. A frase do dramaturgo francês Philippe Destouches a respeito de inevitáveis retornos era lembrada pelo Zé Povo para a república em relação à política nacional<sup>68</sup>. Tendo por pano de fundo o obelisco que rememorava a Revolução de 1930, a “República Velha” qualificava a “Nova” como ladina, pela esperteza de, nos últimos três anos, trocar os tenentes pelos coronéis, em referência à cooptação de patentes mais elevadas no seio militar<sup>69</sup>. Getúlio Vargas tinha em sua sala o quadro da “República Nova” em trajes masculinos, e, no cenário, ambos jogavam ioiô, em alusão às jogadas políticas de tal liderança e o vai-e-vem nas negociações com os personagens da vida política nacional<sup>70</sup>.

---

<sup>66</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1299, 13 maio 1933.

<sup>67</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1300, 20 maio. 1933.

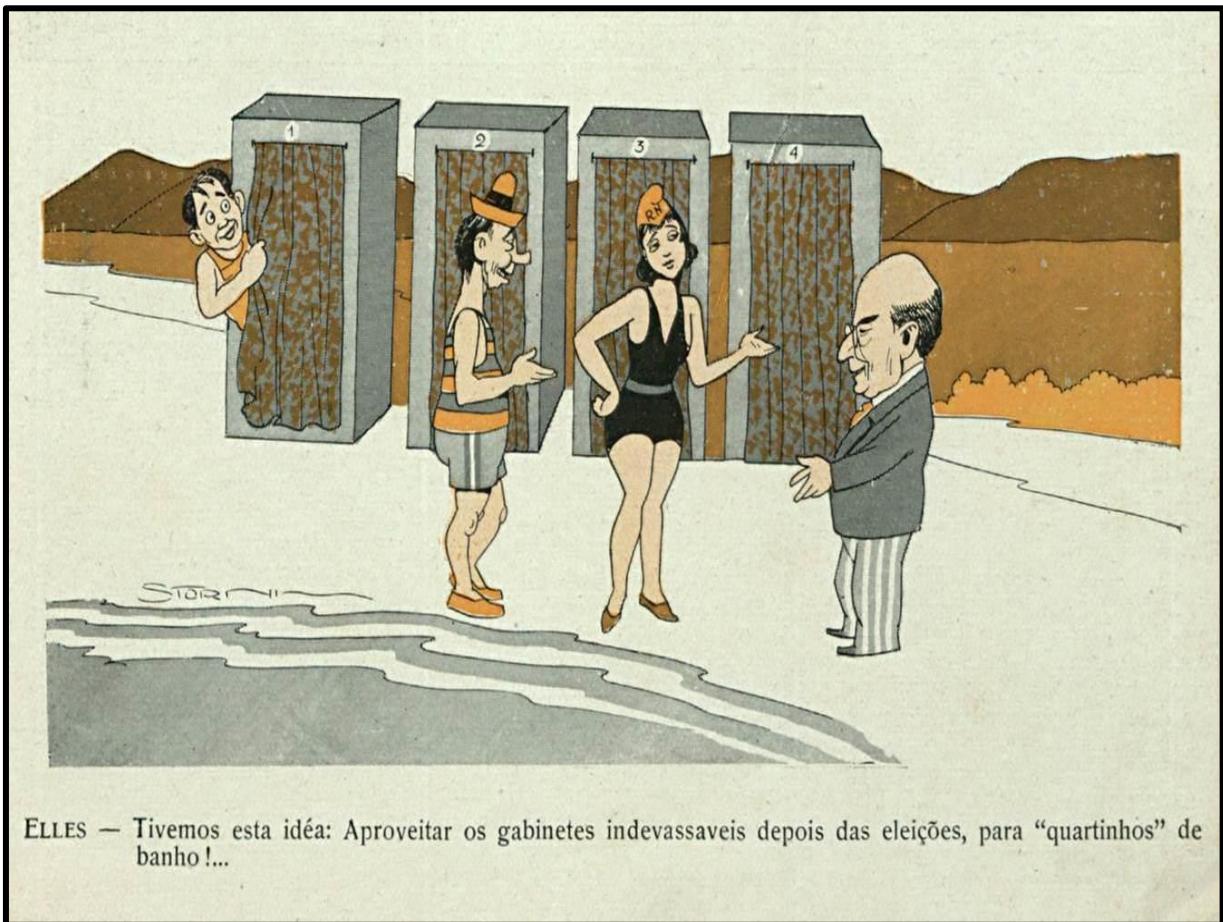
<sup>68</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1301, 27 maio 1933.

<sup>69</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1302, 3 jun. 1933.

<sup>70</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1303, 10 jun. 1933.

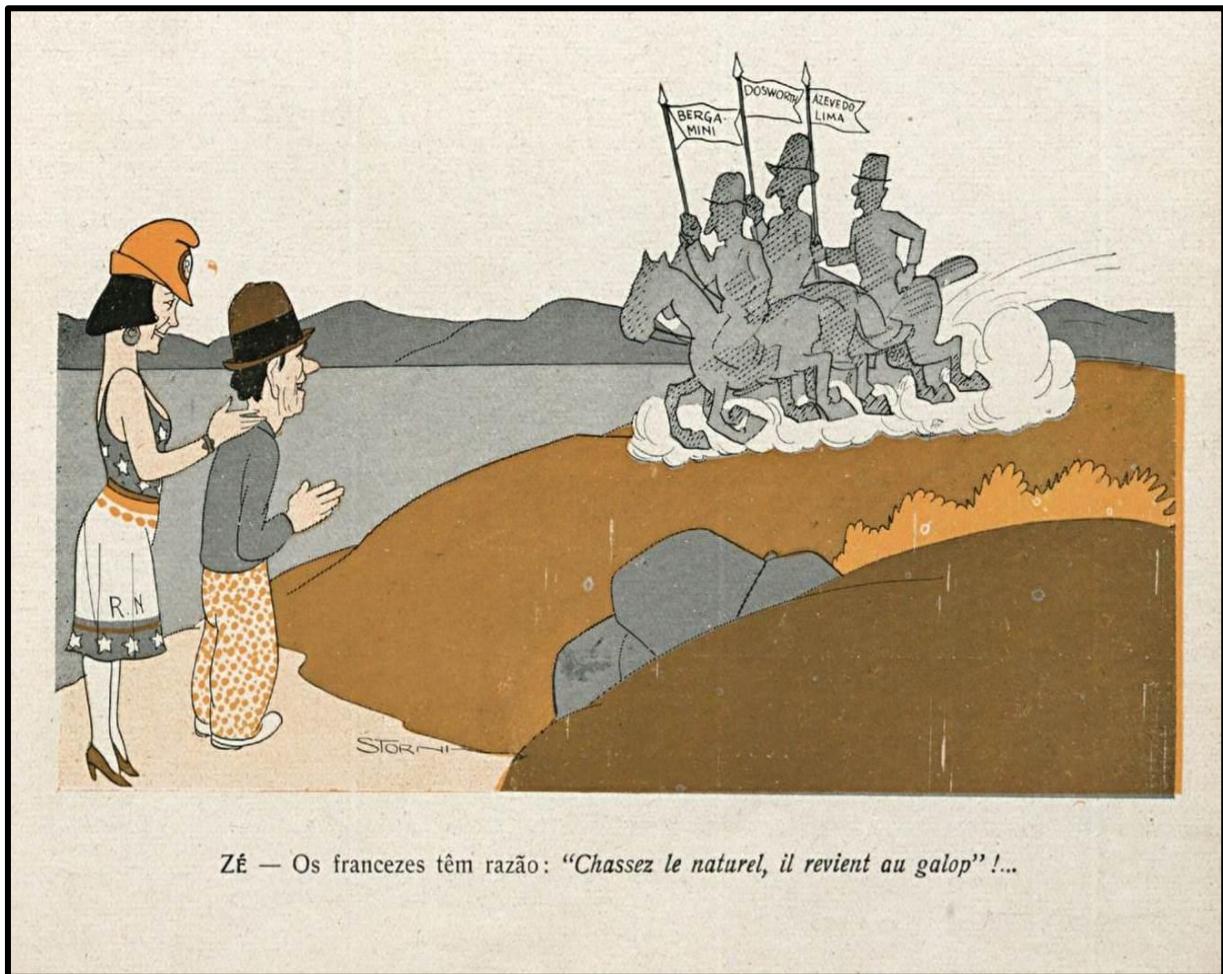
UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)





ELLES — Tivemos esta idéa: Aproveitar os gabinetes indevassaveis depois das eleições, para “quartinhos” de banho!...

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)



14

Careta

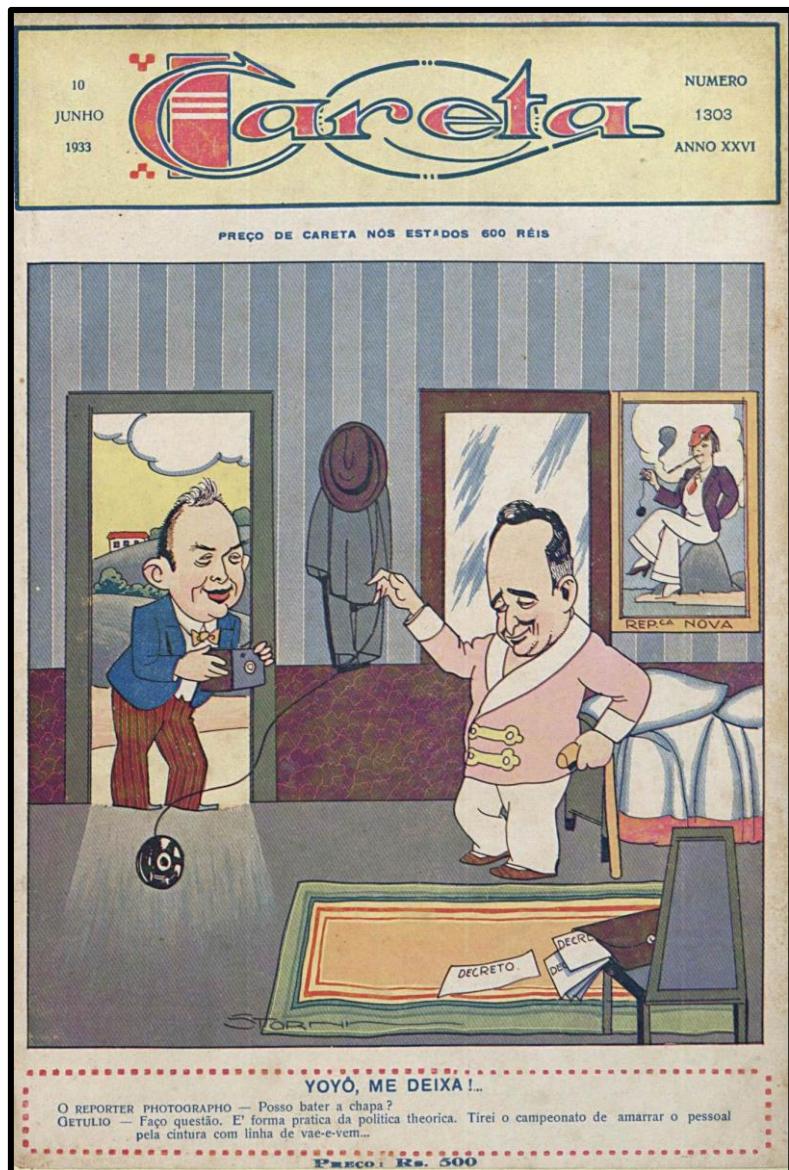
3 - 6 - 1933

DESPREZANDO OS TENENTES



A VELHA -- Que serigaita! Deixa os tenentes para se meter com os coronéis !

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)



Os desmandos em meio a “altos figurões” do cenário político nacional eram representados por uma estarrecida mulher-república diante de um enorme cesto de roupa suja, ao que o Zé Povo esclarecia que tal quantidade era normal naqueles casos<sup>71</sup>. A “República Nova” chegava a perder o seu barrete ao fugir espavorida de um enorme gorila identificado como o Congresso Nacional, vindo a dizer que tal instituição estaria prejudicando o espírito emanado da Revolução de 1930, enquanto era tranquilizada por Osvaldo Aranha, esclarecendo que o “monstro” não tinha tanta ferocidade assim. A figura da república-liberdade era transformada em monumento no qual ela pisava no globo terrestre, havendo o comentário do Jeca de que assim fazendo estaria a debochar do mundo<sup>72</sup>. O Ministro da Marinha conversava com Vargas a respeito da “nova constituinte”, representada como um documento nas mãos da dama republicana, havendo uma comparação entre a constituição em elaboração e a de 1891<sup>73</sup>. A “República Velha” voltava a aparecer, alquebrada e empobrecida, buscando explicar a Getúlio Vargas que não tivera participação em malfeitos realizados à sua época<sup>74</sup>. A procrastinação do processo constituinte era comparado a um brinquedo de blocos constantemente desmanchado para tristeza de uma menina-república diante daquele “jogo de paciência”<sup>75</sup>.

---

<sup>71</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1306, 1º jul. 1933.

<sup>72</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1310, 29 jul. 1933.

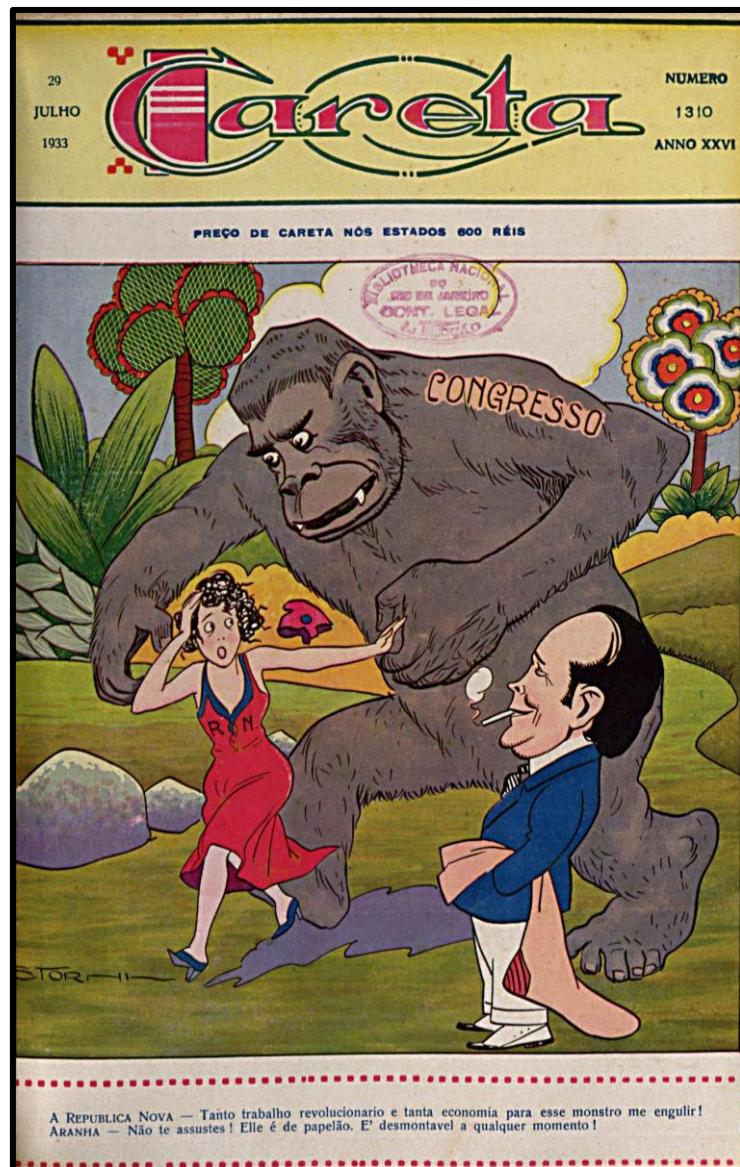
<sup>73</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1313, 19 ago. 1933.

<sup>74</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1314, 26 ago. 1933.

<sup>75</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1320, 7 out. 1933.

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)





UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)





PROTOGENES — O Olegario não gostou desta pequena?...  
GETULIO — E' por ser muito nova. O typo della ainda é *calibre 91*...

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)



26

CARETA

7 - 10 - 1933

JOGO DE PACIENCIA



A GAROTA — Toda vez que eu armo o meu brinquedo favorito, vem um diabo desmanchar tudo!...

Sob o olhar da mulher-república, o escritor e secretário da bancada paulista no Congresso, Antônio de Alcântara Machado, era interpelado pelo Zé Povo quanto à postura de exercer o voto em branco<sup>76</sup>. Ao subir a escadaria do prédio em que se reunia a constituinte, o seu Presidente, Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, cumprimentava uma menina-república, reproduzindo uma adaptação de uma das mais famosas frases a ele atribuídas, enquanto, ao pé da escada, a “República Velha” e a “Monarquia”, que tiveram suas respectivas constituições, observavam a cena<sup>77</sup>. Em relação aos diferentes rumos que os vários representantes pretendiam dar à constituinte, a “República Nova” aparecia com uma veste formada por diversas emendas, diante do que o Zé Povo perguntava se não seria melhor ficar nua ao invés de usar aquele tipo de roupa, ao que ela respondia que se tratava de um “traje provisório”, em consonância com “as modas do país”<sup>78</sup>. Em outra caricatura, Vargas levava a república para um passeio de barco, durante o qual ela dizia ter receio de um ataque de tubarões, ao que o político demarcava que eles não atacariam um semelhante da sua espécie<sup>79</sup>. Diante da notícia da divisão de pastas ministeriais para atender a todos os interesses em jogo, a república reproduzia simbolicamente tal ato ao repartir o pão, contando com um chistosa glosa de parte do Zé Povo<sup>80</sup>.

---

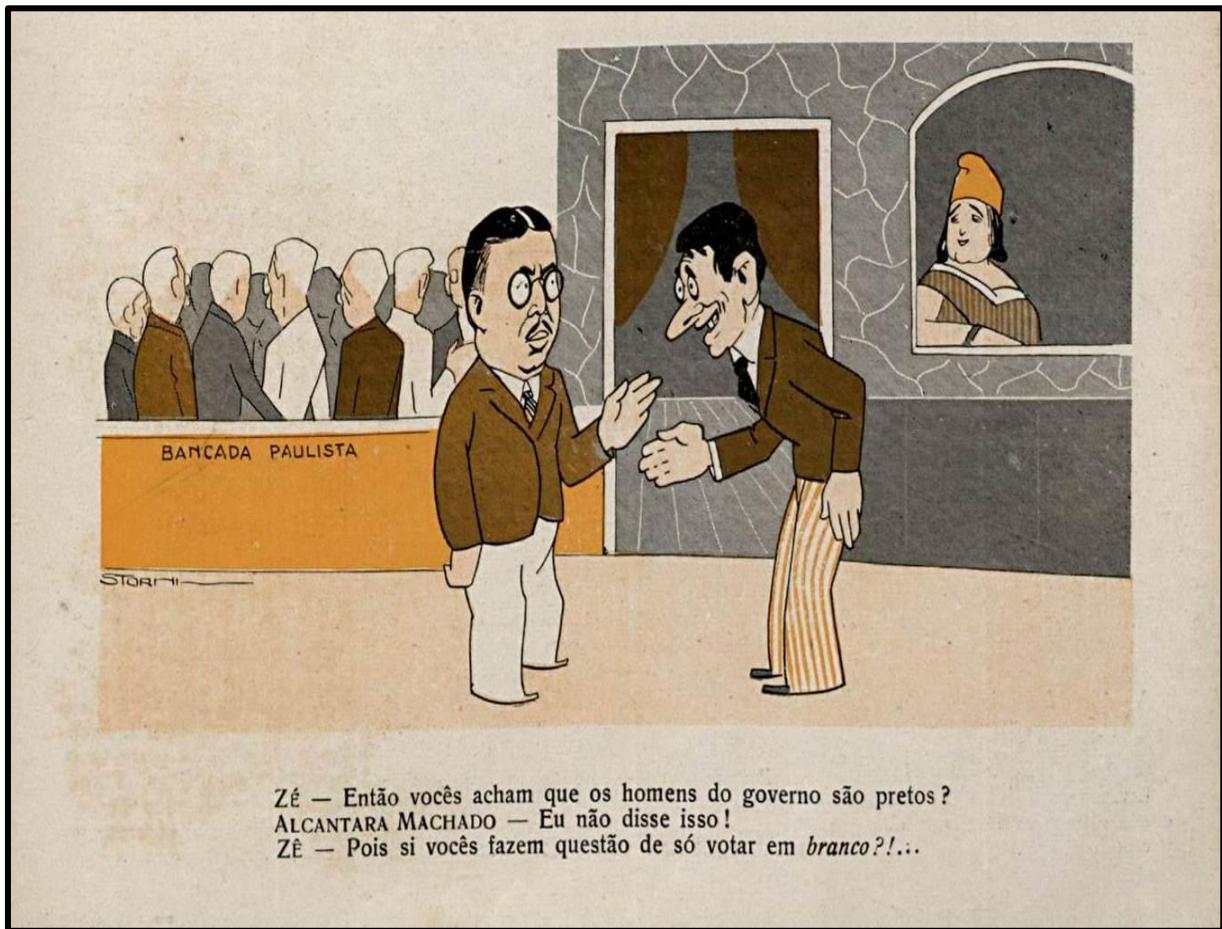
<sup>76</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1328, 2 dez. 1933.

<sup>77</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1329, 9 dez. 1933.

<sup>78</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1331, 23 dez. 1933.

<sup>79</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 26, n. 1333, 6 jan. 1934.

<sup>80</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1336, 27 jan. 1934.



ZÉ — Então vocês acham que os homens do governo são pretos ?

ALCANTARA MACHADO — Eu não disse isso !

ZÉ — Pois si vocês fazem questão de só votar em *branco*?!...

26

CARETA

9 - 12 - 1933

SEMPRE OPPORTUNO



A REPUBLICA NOVA — Allô, Boy! Qual é a phrase de hoje?

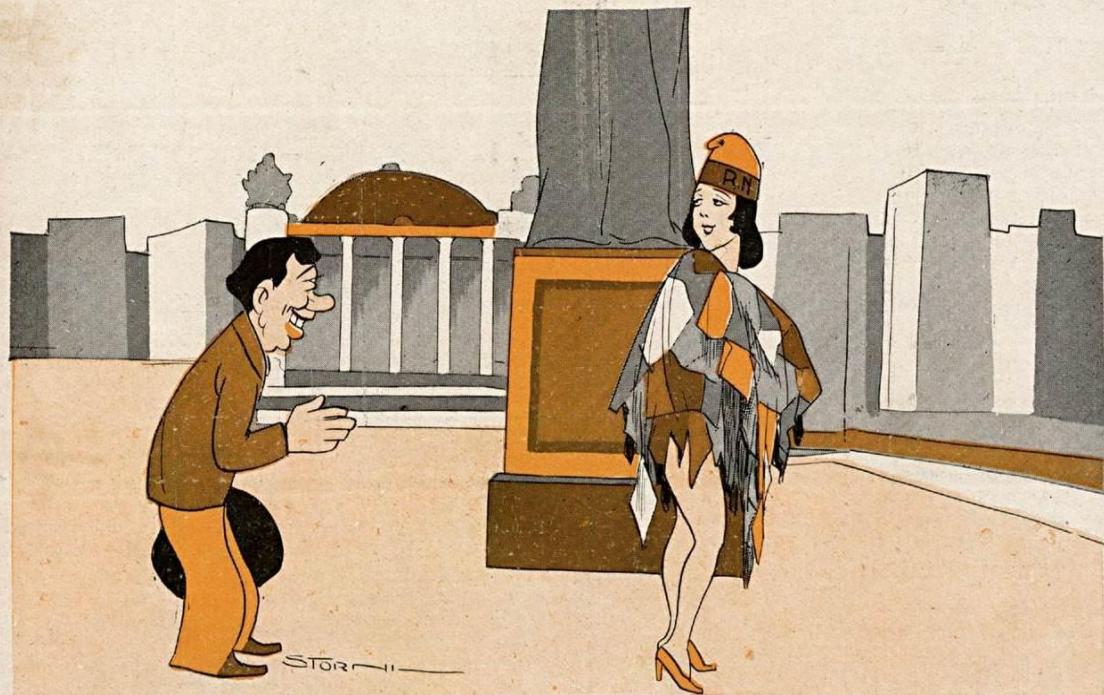
O ANDRADA — «Façamos a Constituinte, antes que o povo a faça!»

18

CARETA

23 - 12 - 1933

A NOVA CONSTITUIÇÃO



ZÉ — A andar assim, é preferível andar... despida.

ELLA — E' um traje provisório como todas as modas do nosso paiz.



18

CARETA

27 - 1 - 1934

(Cogita-se de dividir as pastas ministeriales, para attender a todo mundo... — Dos jornais)



Zé — Bravos! Está usando o processo de Christo: A multiplicação dos “pães”, para satisfação dos famintos!...

As tentativas para apressar os trabalhos da constituinte eram ridicularizados pelo Zé Povo ao ver o Presidente dos constituintes correndo em uma esteira rolante e puxando pela mão uma estarrecida mulher-república<sup>81</sup>. A dama republicana associada à constituição passava a ser apressada em seus trabalhos pelo político gaúcho Flores da Cunha, tirando-a de um lento burro e puxando-a para a garupa de seu rápido cavalo<sup>82</sup>. Tal ímpeto seria interrompido, com o político rio-grandense tendo enormes dificuldades para puxar o carro que trazia a “República-constituinte”<sup>83</sup>. Levando em conta a moda quanto aos trajes de banho, a revista mostrava duas damas republicanas, cada qual identificada com a antiga constituição do final do século XIX e aquela que estava sendo elaborada em 1934, cena perante a qual um banhista dizia preferir o modelo desta por estar mais perto da “verdade nua”<sup>84</sup>. O Presidente da constituinte tentava conduzir a “República Nova” em um automóvel, mas tendo amplas dificuldades em sua missão, por causa de problemas nos pneus<sup>85</sup>. A magazine apresentava também a decepção de um líder tenentista, João Alberto, para com a efetiva “novidade” da república, argumentando esta que não poderia ser “nova” para sempre<sup>86</sup>.

---

<sup>81</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1338, 10 fev. 1934.

<sup>82</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1339, 17 fev. 1934.

<sup>83</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1340, 24 fev. 1934.

<sup>84</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1341, 3 mar. 1934.

<sup>85</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1342, 10 mar. 1934.

<sup>86</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1343, 17 mar. 1934.

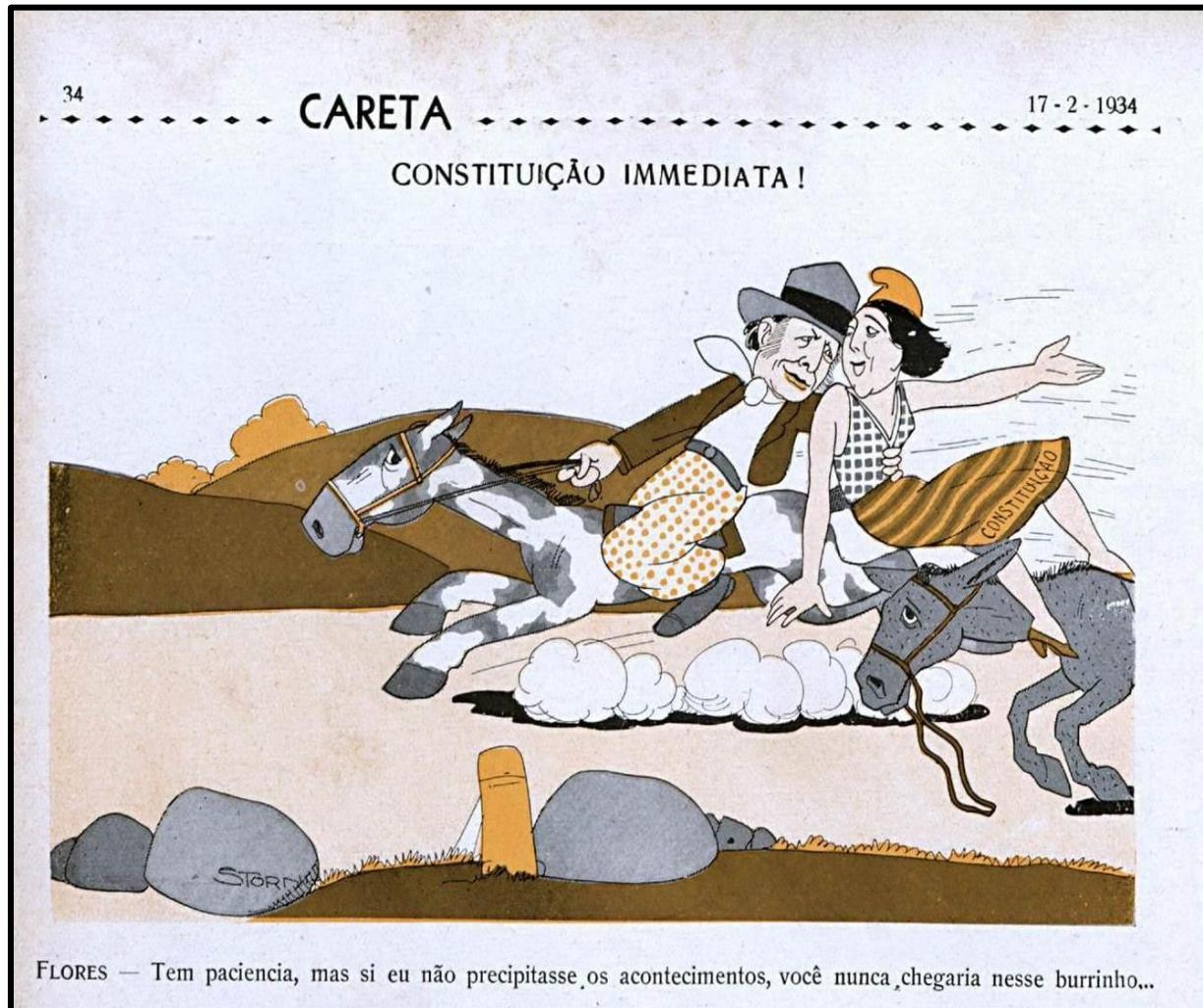
### TAPIS ROULANT

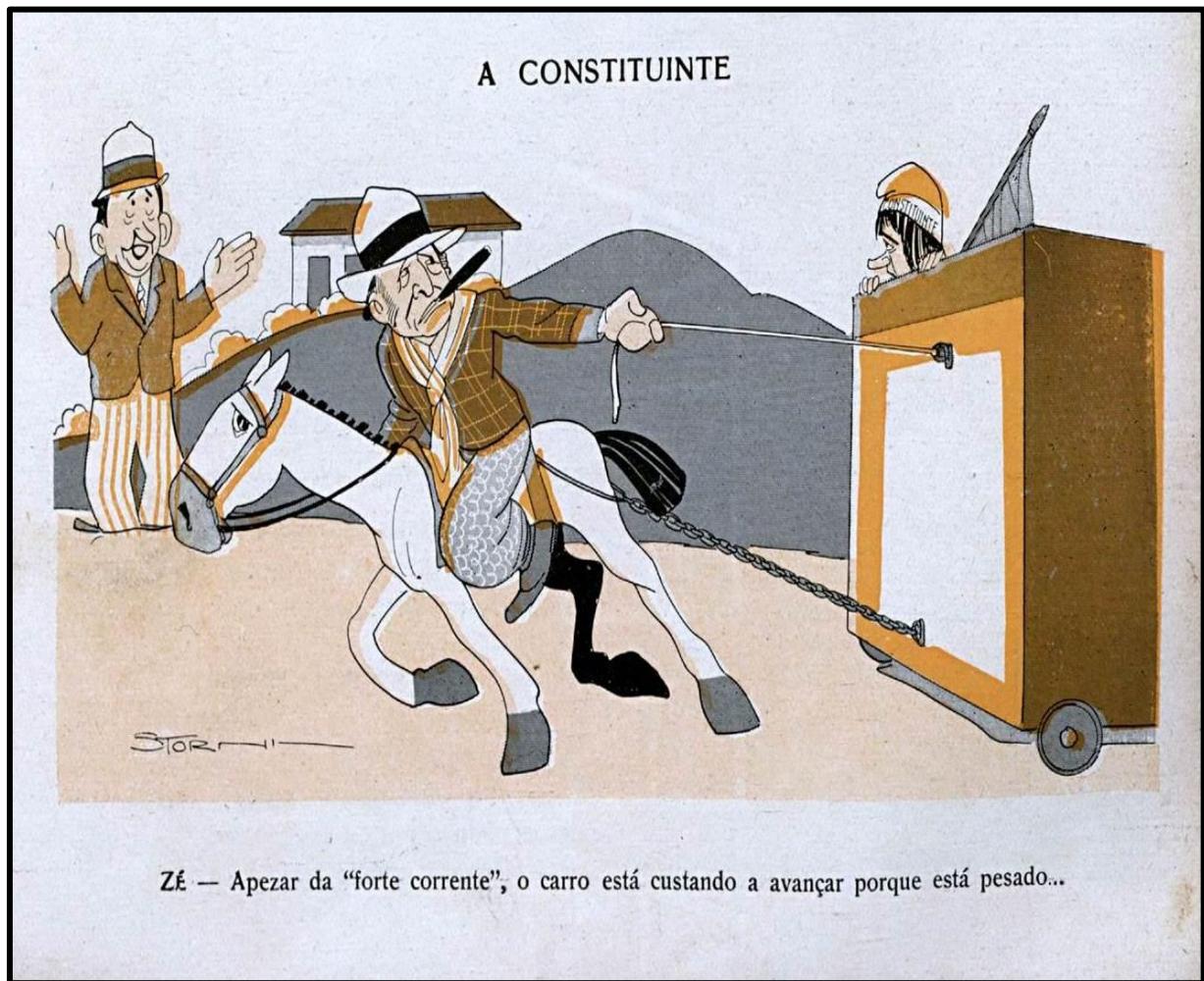
(Estão sendo apressados os discursos sobre as emendas da constituinte afim de que fique pronto quanto antes)

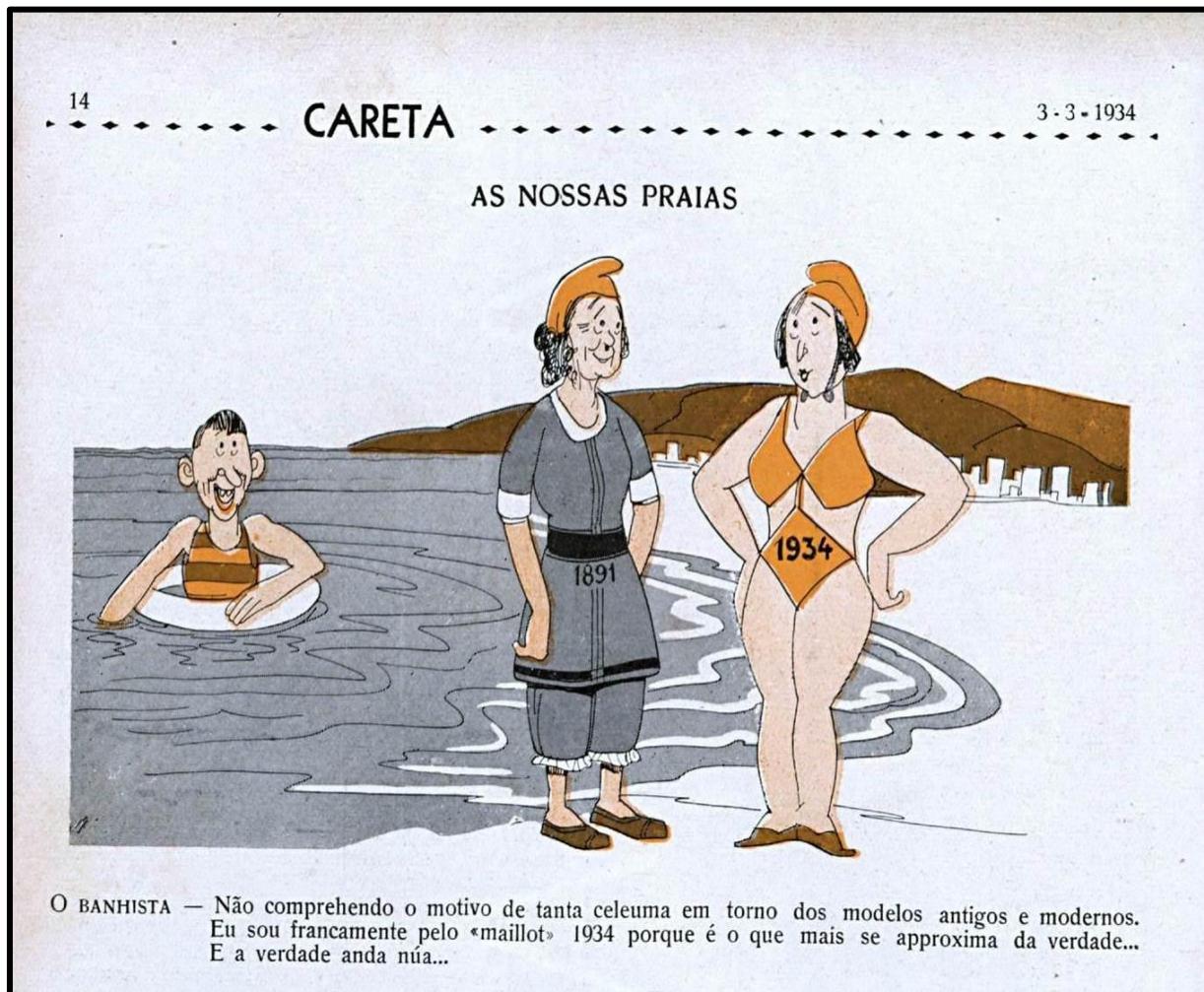


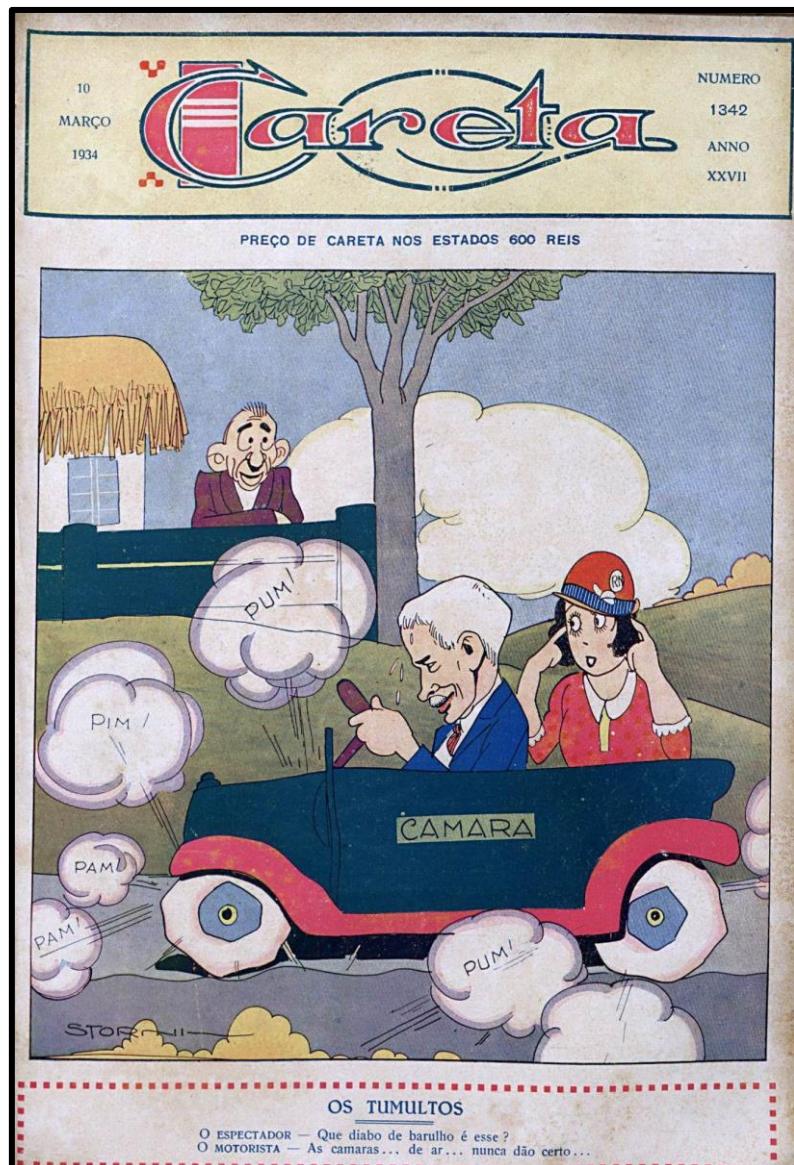
ZÉ — A politica no sem fim da malandragem !

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)











Uma “República-constituição”, que já nascia cansada e doente, era oferecida ao “Povo”, o qual lamentava o estado em que se encontrava a figura feminina<sup>87</sup>. A permanência do modelo ditatorial, apesar dos caminhos conclusivos da constituinte, era o tema da conversa entre a “República Nova” e o Zé Povo<sup>88</sup>. A continuidade de Getúlio Vargas no poder era comentada pelo periódico ao mostrar a “Nova República” em dúvida quanto ao portão pelo qual deveria entrar, no que era orientada pelo Zé Povo, segundo o qual tanto fazia, pois, de qualquer modo viria a dar “Gegê”<sup>89</sup>. Na mesma linha, Vargas e a república dividiam o leito e o quarto como se fossem um casal, uma vez que já estariam a gozar de uma “união legalizada”, o que não era estranhado pelo “Povo”, tendo em vista aquele longo noivado entre eles<sup>90</sup>. A mulher-república, atrás de uma das folhas da constituição, observava dois indivíduos que conversavam sobre o efetivo conhecimento de parte da população quanto ao texto constitucional<sup>91</sup>. O contínuo de um prédio vinculado a vários princípios libertários saudava a chegada da “República novo modelo”, dizendo-lhe que aquele tipo de visita não era recebida já fazia muito tempo<sup>92</sup>.

---

<sup>87</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1345, 31 mar. 1934.

<sup>88</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1346, 7 abr. 1934.

<sup>89</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1351, 12 maio 1934.

<sup>90</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1352, 19 maio 1934.

<sup>91</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1354, 2 jun. 1934.

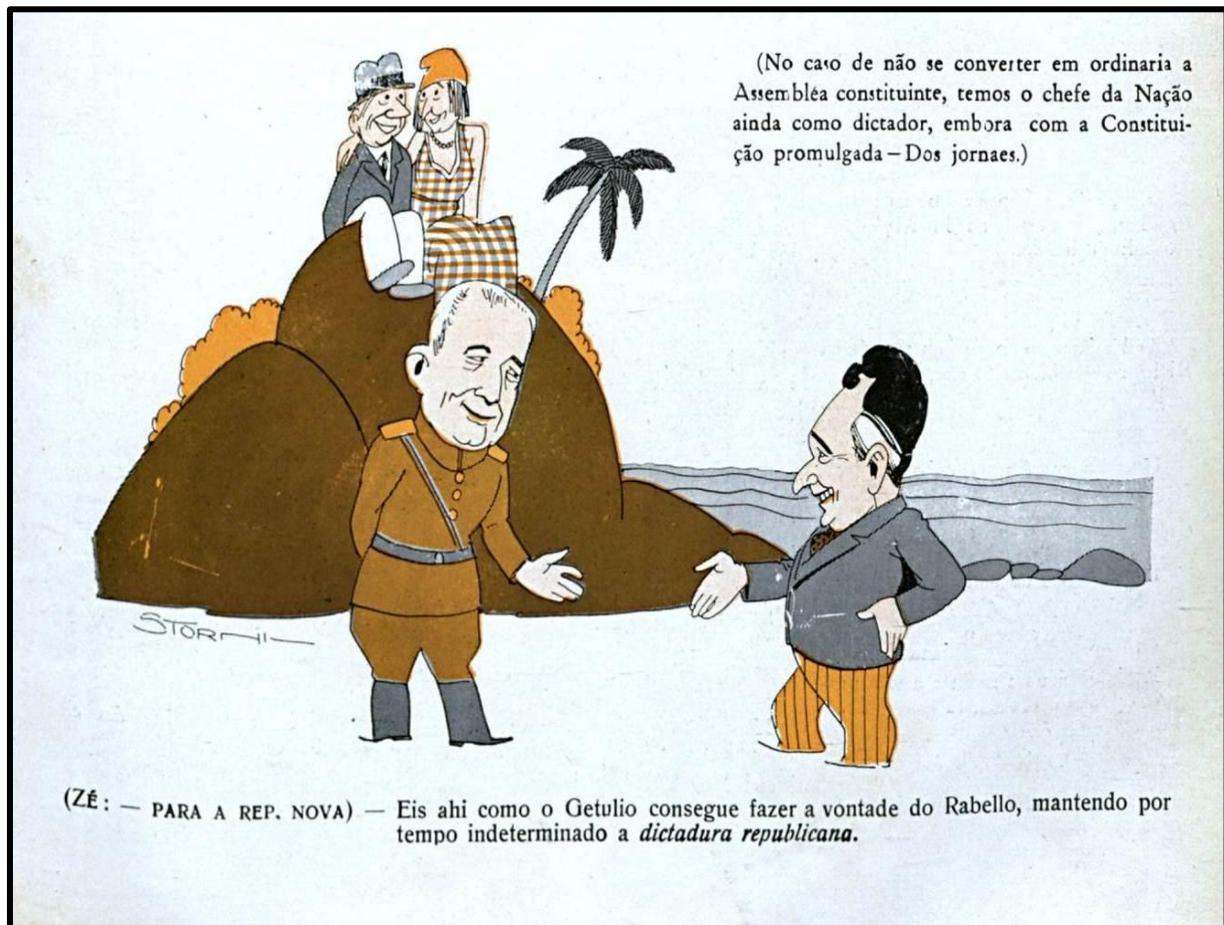
<sup>92</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1355, 9 jun. 1934.

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)

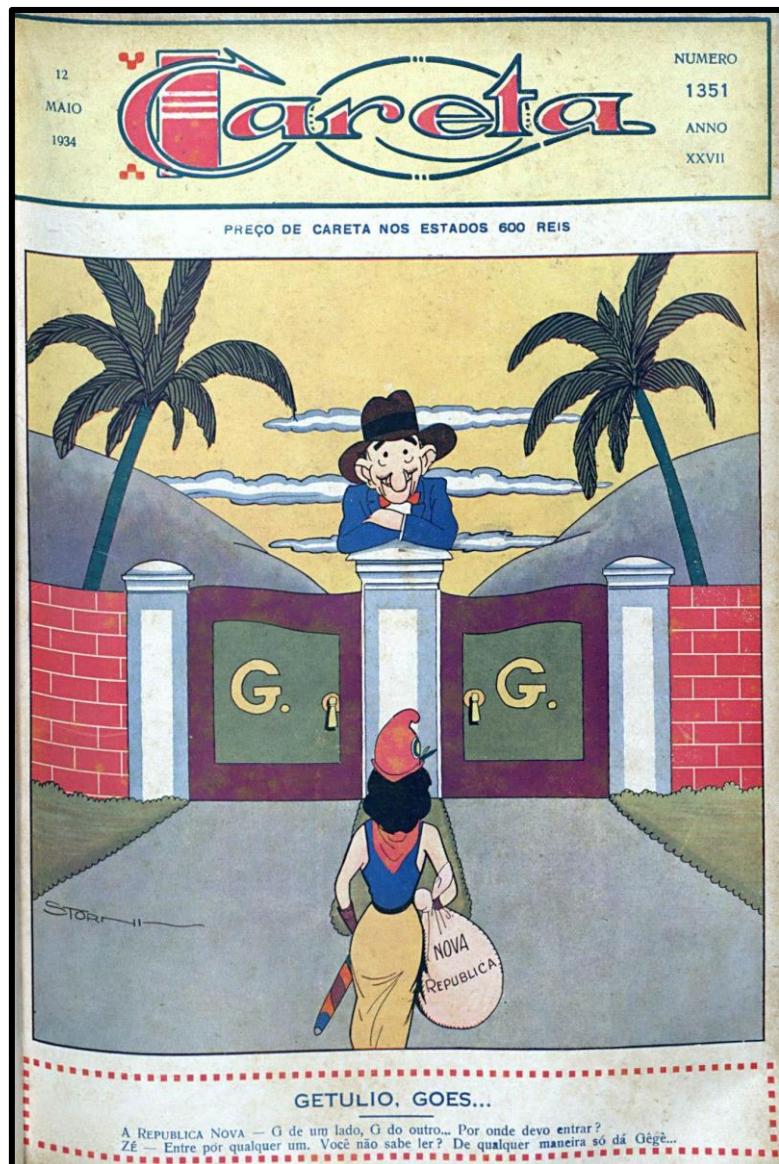


O CAVALLEIRO — Você queria a Constituição? Ei! Veiu a galope...

O Povo — Coitada! Cansou-se tanto que precisa entrar em reconstituintes!



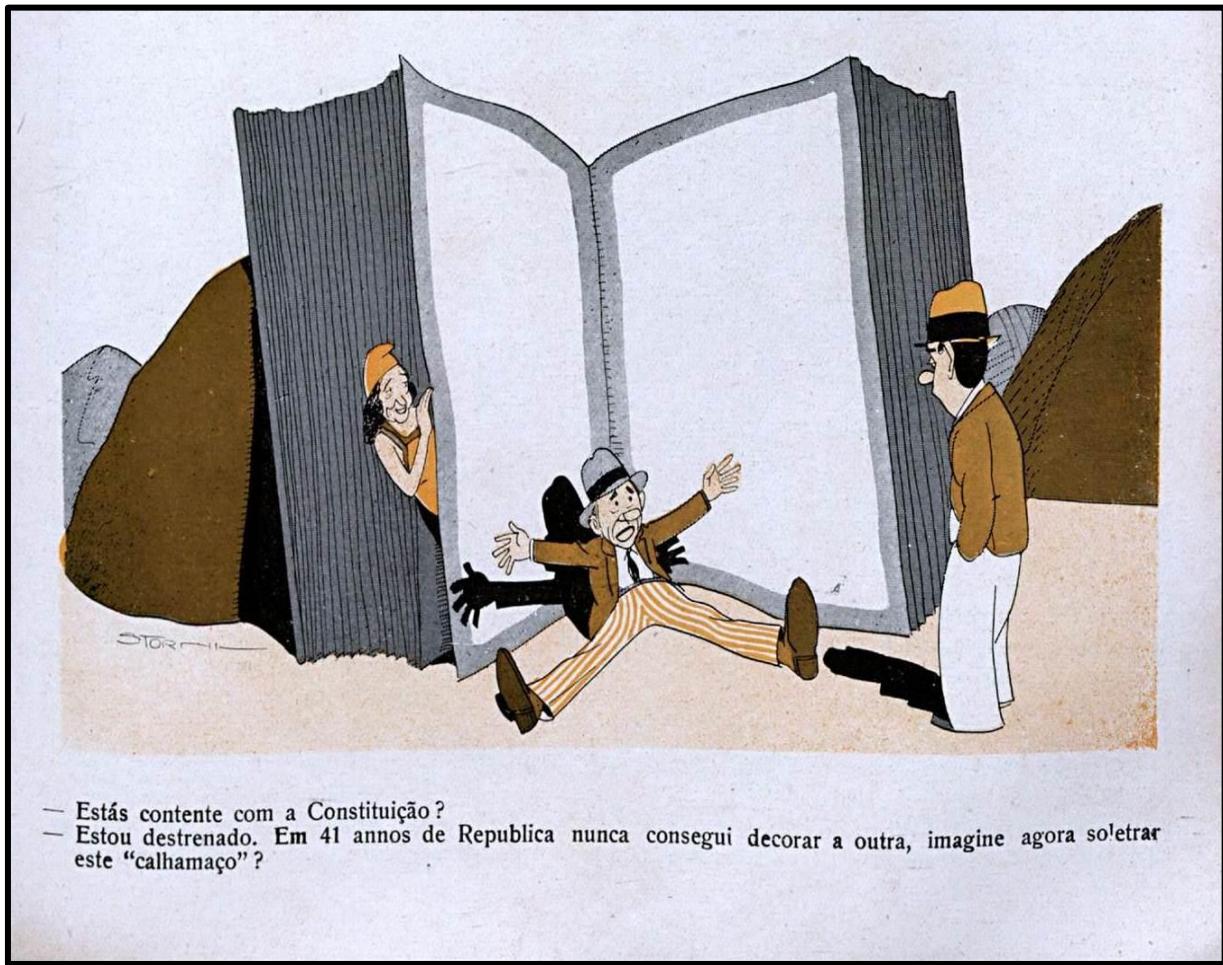
UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)





GETULIO — Bem, não precisas olhar-me mais com essa cara desconfiada... Agora a nossa "União será legalizada  
ZÉ — Também há tanto tempo noivos..

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)



— Estás contente com a Constituição?  
— Estou destrenado. Em 41 anos de Republica nunca consegui decorar a outra, imagine agora so!etrar  
este “calhamaço”?



A jovem república, carregando a nova constituição sob o braço, era assediada por um político, tal qual um gigolô, com a explicação do Zé Povo de que toda carta magna sempre teria um “malandro” para explorá-la<sup>93</sup>. A “República Nova” era abandonada à beira do abismo pelos constituintes, mas dizia ao Zé Povo que já estava acostumada com aquela condição<sup>94</sup>. Promulgada a nova constituição e eleito indiretamente o Presidente, a revista trazia a representação do casamento entre a “Segunda República” e Vargas que, avisado pelo “Povo”, se dizia tranquilo quanto ao sucesso do matrimônio, por motivo da “experiência” criada durante o longo “noivado”<sup>95</sup>. Sob o olhar da “3ª República”, os líderes da maioria e da minoria no Congresso Nacional combinavam os respectivos procedimentos que adotariam no parlamento<sup>96</sup>. Essa mesma jovem república observava com pesar o retorno dos personagens vinculados à “velha política”, os quais eram identificados como pombas, mas cuja “fome” era tão grande que haviam se transformado em corvos, com todo o conteúdo negativo que cerca a simbologia de tal ave<sup>97</sup>. Os direitos expressos na constituição eram considerados excessivos no que se refere às “concessões sindicalistas”, como lembrava a república a um cidadão que sofria com os efeitos de uma greve de padeiros<sup>98</sup>.

---

<sup>93</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1357, 23 jun. 1934.

<sup>94</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1359, 7 jul. 1934.

<sup>95</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1362, 28 jul. 1934.

<sup>96</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1366, 25 ago. 1934.

<sup>97</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1368, 8 set. 1934.

<sup>98</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 27, n. 1369, 15 set. 1934.



UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)



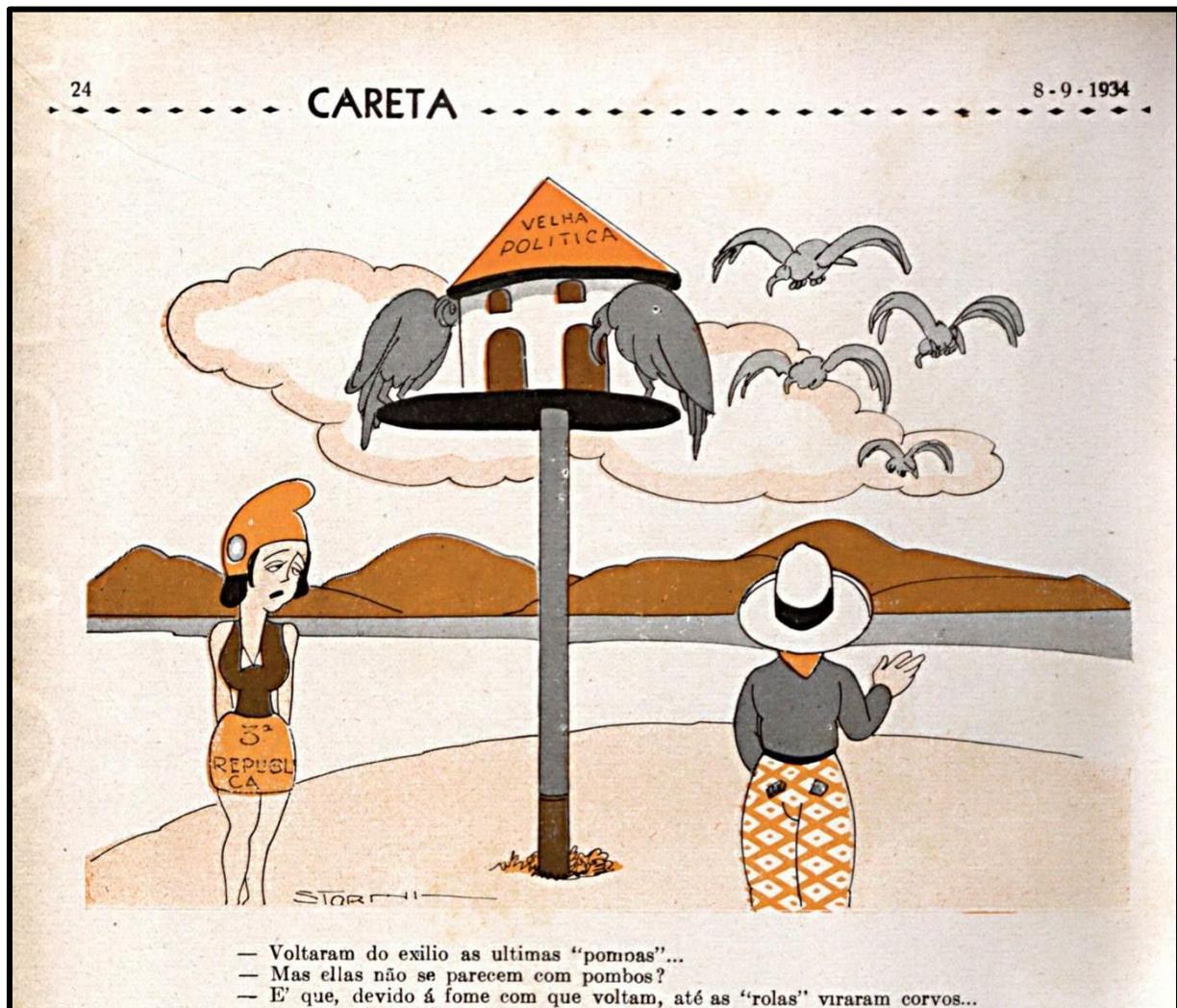


UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)



R. FERNANDES — Então, collega, como vai ser a musica?

S. CORREIA — Faça o mesmo que eu, não toque fóra da pauta para não enguiçar a minha flauta...





As decepções para com a novidade da república anunciada em 1930 eram expressas por uma “cantiga de carnaval”, que duvidava da sinceridade da figura feminina, a qual era tranquilizada por Getúlio Vargas ao dizer-lhe que não fizesse caso da música<sup>99</sup>. Essa temática voltava a ser abordada com o desenho do arremedo de um monumento da “República Nova”, que não teria representado a “verdade eleitoral”, aparecendo magérrima e carregando um cactos, sendo a estátua observada por Vargas e pelo olhar maroto da “República Velha”, ao mesmo tempo em que mais uma vez era colocada em dúvida a sinceridade daquele novel modelo<sup>100</sup>. Ela aparecia também em um carro alegórico, havendo a constatação de que, quanto às lides políticas, a “Nova” já estaria “tão perita” quanto a “Velha”<sup>101</sup>. O encontro entre a “República Velha” e a “Nova” se dava mais uma vez por ocasião de escândalos em Estado do Nordeste, com aquela dizendo que a outra deveria afastar-se de tal situação, de modo que esta partia carregando seus “ideais” em uma trouxa<sup>102</sup>. Atrás da cadeira presidencial, uma atônita república via a continuidade dos acertos políticos, no caso para o exercício da Presidência na ausência de Vargas<sup>103</sup>.

---

<sup>99</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 28, n. 1385, 5 jan. 1935.

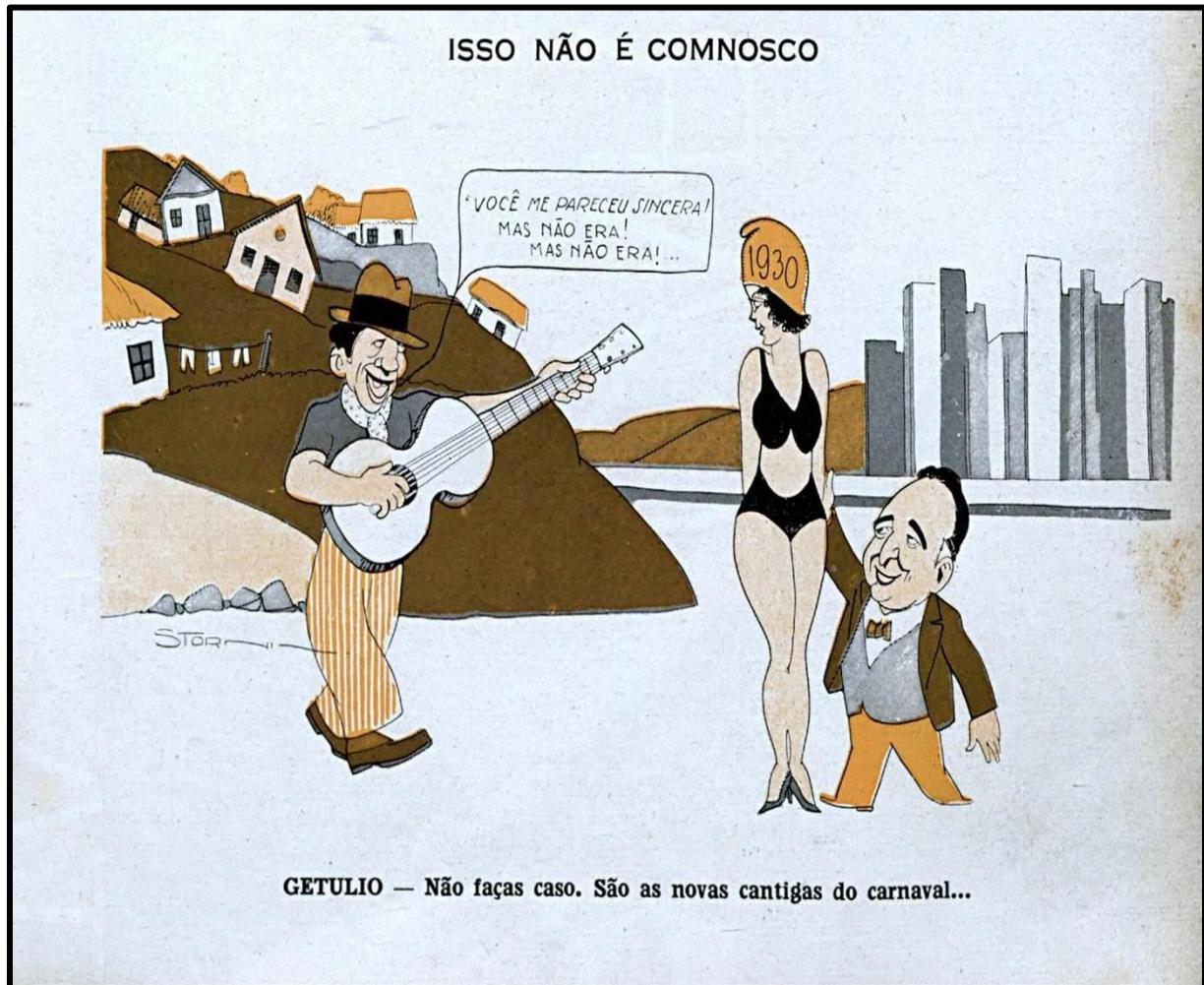
<sup>100</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 28, n. 1390, 9 fev. 1935.

<sup>101</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 28, n. 1393, 2 mar. 1935.

<sup>102</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 28, n. 1395, 16 mar. 1935.

<sup>103</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 28, n. 1396, 23 mar. 1935.

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)



20

CARETA

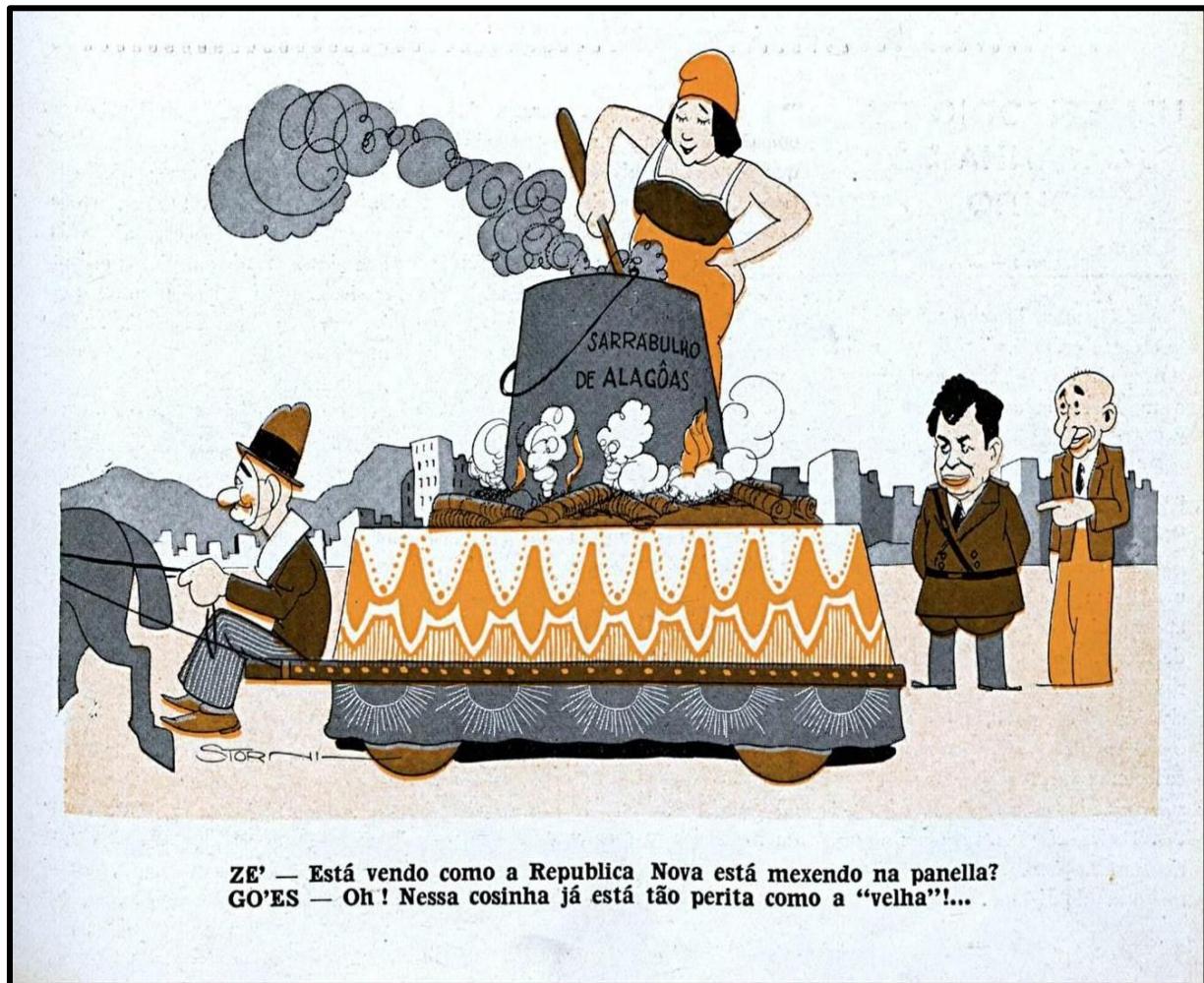
9-2-1935

ESTRAGARAM TAMBEM



— Você me parecia tão sincera... Mas não era...

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)



ZE' — Está vendo como a Republica Nova está mexendo na panella?  
GO'ES — Oh ! Nessa cosinha já está tão perita como a "velha"!...

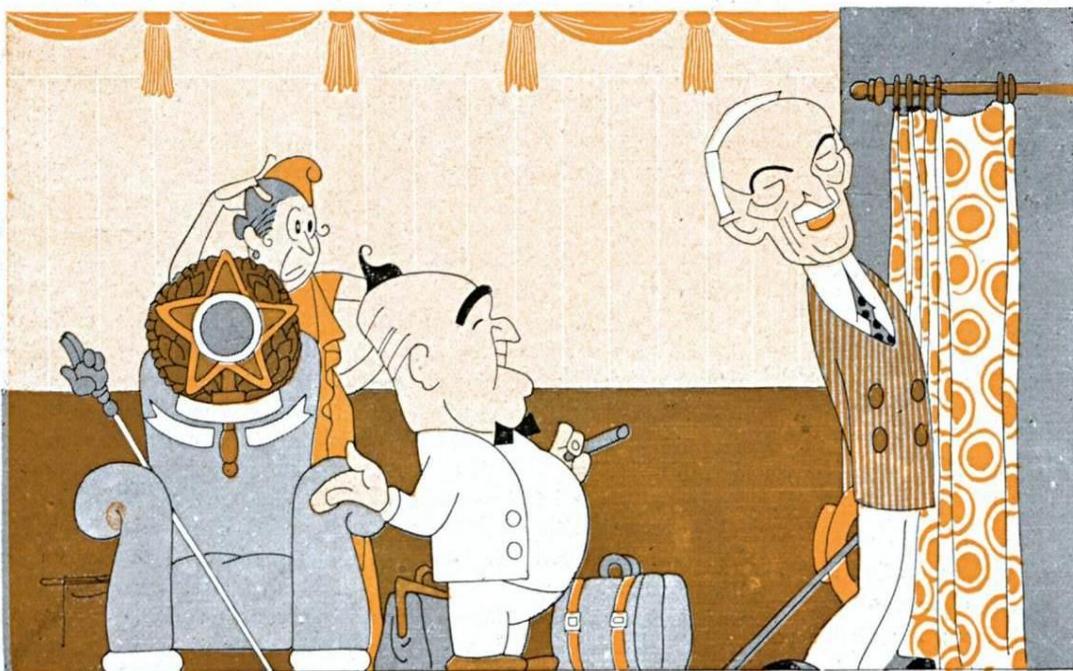


22

CARETA

23-3-1935

DEPOIS O DILUVIO...



— Eu vou ali, já venho. Assenta-te ahi durante minha ausencia.  
— Ah, não diga ! Você adivinha os pensamentos da gente...

Diante dos olhos da mulher-república, Getúlio Vargas era considerado como um “grande equilibrista”, ao estabelecer um aumento para os militares, base de sustentação histórica do regime republicano. Para melhor controlar a “sua” jovem república, na concepção caricatural, Vargas teria chegado a cogitar a utilização de um cinto de castidade na moça<sup>104</sup>. Perante um busto soridente da república, o Ministro da Fazenda dava a Vargas a boa notícia quanto à obtenção de um empréstimo estrangeiro, sucesso que só não fora maior a partir das ações de um diplomata<sup>105</sup>. Com base no humor, o Presidente chegou a aparecer como um cabeleireiro, para o qual uma república envelhecida reclamava de que ele havia prometido transformar-lhe em “inteiramente nova”, diante do que Vargas retrucava que poderia cuidar apenas dos cabelos, não se tratando de um cirurgião, em clara alusão às dificuldades na realização de mudanças no Estado Nacional brasileiro<sup>106</sup>. Com base na expressão popular de “amigos ursos”, o Jeca se surpreendia com a presença de um deles, pois acreditava que eles haviam desparecido no regime decaído, ao passo que a “República Nova” tinha de conduzir um deles, afirmando que tais praticantes de traições estavam ainda mais aperfeiçoados em suas ações<sup>107</sup>. A corrupção era o tema de caricatura que denunciava a venda de políticos para o lado que melhor pagasse, em um “mercado de consciências”, do qual a república achava graça<sup>108</sup>.

---

<sup>104</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 28, n. 1397, 30 mar. 1935.

<sup>105</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 28, n. 1398, 6 abr. 1935.

<sup>106</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 28, n. 1400, 20 abr. 1935.

<sup>107</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 28, n. 1401, 27 abr. 1935.

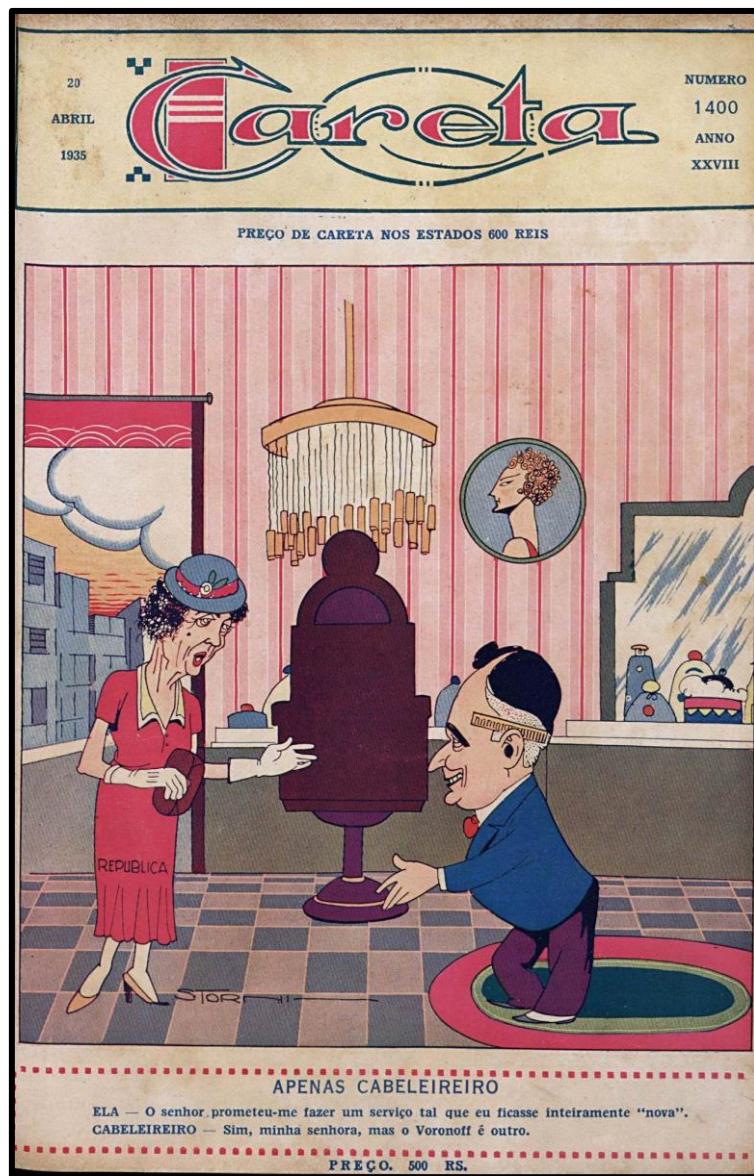
<sup>108</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 28, n. 1402, 4 maio 1935.

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)









OS AMIGOS “URSOS”



JECA — Cruzes! E eu que pensei que se havia acabado essa classe com a velha Republica !

A NOVA — Qual ! Os filhotes sairam mais aperfeiçoados que os paes.

18

## CARETA

4-5-1935

### NO MERCADO DE CONSCIENCIAS

(Nas ultimas eleições nos Estados do Ceará, Pará e Espírito Santo, tem se feito um verdadeiro mercado de votos entre os deputados da oposição e do governo para votarem neste ou naquelle candidato.)



O COMPRADOR — Quais são as habilidades desse boneco ?

O LEILOEIRO — Oh ! muitas ! Dansa e passa de um lado para o outro com a maior facilidade. E' só tocar a "nota".

Uma aproximação entre Brasil e Argentina era vislumbrada, com uma viagem de Vargas a Buenos Aires, e a revista representava tal contato com a presença dos dois chefes de Estado e das duas figuras femininas que representavam cada uma das repúblicas<sup>109</sup>. Quanto aos negócios públicos, a “República Velha” via que a “Nova” não estava obtendo sucesso em resolver um problema que já datava de sua época, referente a uma empresa de navegação com forte presença estatal<sup>110</sup>. A mulher-república, associada também à democracia assumia o papel de lavadeira para eliminar aquilo que Vargas denominava como “última trouxa de roupa suja” da política brasileira, do que duvidava o Zé Povo, ao considerar que o país passara a estar limpo “como pau de galinheiro”<sup>111</sup>. Perante o busto da república, Getúlio Vargas conversava com um interlocutor, que lhe questionava o motivo de um ar tão taciturno, ao que aquele comentava ser o único a não possuir liberdade para tecer críticas ao governo<sup>112</sup>. Abraçado à república, o Jeca observava do alto de uma montanha os comentários acerca da possibilidade de uma nada provável restauração monarquista no Brasil<sup>113</sup>.

---

<sup>109</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 28, n. 1407, 8 jun. 1935.

<sup>110</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 28, n. 1410, 29 jun. 1935.

<sup>111</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 28, n. 1411, 6 jul. 1935.

<sup>112</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 28, n. 1415, 3 ago. 1935.

<sup>113</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 29, n. 1442, 8 fev. 1936.

18

CARETA

8-6-1935

EM BUENOS AIRES



GETULIO — Agora, Justo amigo, você vai explicar-me como foi que conseguiu também, embrulhar o pessoal daqui.



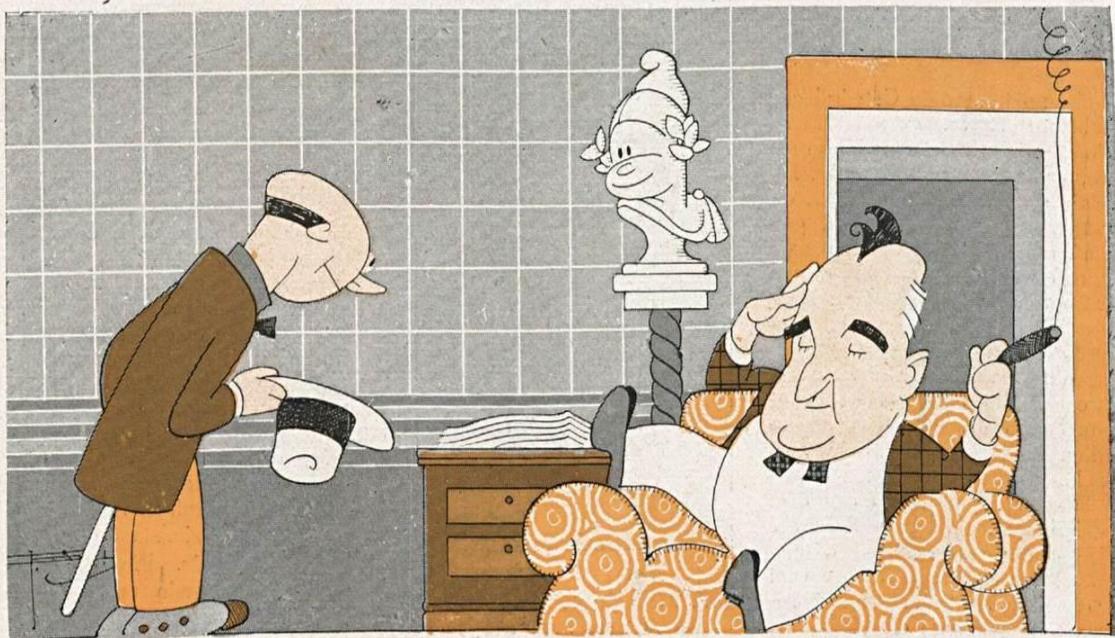


22

CARETA

8-8-1935

O DIREITO QUE LHE FOI NEGADO



— Pensativo, Excelencia? E aquele sorriso?  
— E' verdade, Fedegoso! Eu sou o unico cidadão que não tem, como os outros, a liberdade de meter o pão no governo.

## RESSURREIÇÃO IMPOSSIVEL

Fala-se na criação de um partido monarquista em S. Paulo, coincidindo com a presença de D. Pedro de Orleans e Bragança.



D. PEDRO – Corôa ? Qual, meu velho ! A monarquia já está enterrada, e com muitas corôas.

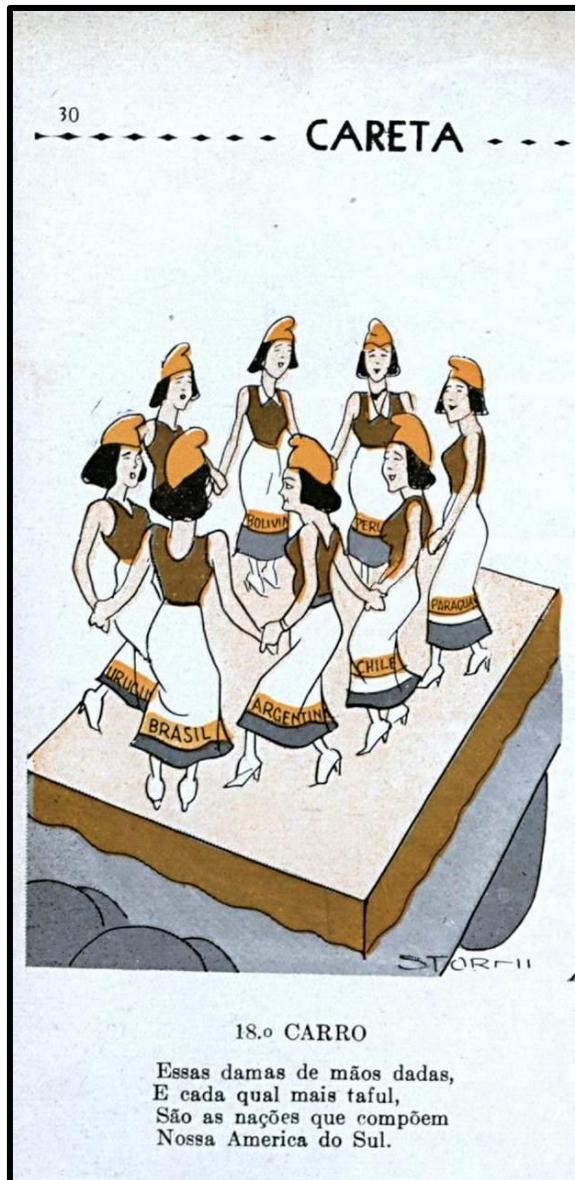
As relações internacionais, o pan-americанизmo e o ambiente de alianças e preparação bélica que antecipava a conflagração mundial também constituíram cenários para o aparecimento da dama republicana. Foi o caso de alguns carros carnavalescos imaginados pela revista, sendo um deles aquele que reunia as diversas figuras femininas que representavam as repúblicas sul-americanas<sup>114</sup>. O Presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt aparecia como regente de algumas repúblicas da América do Sul, dentre elas o Brasil, buscando, com a voz da cantoria, abafar a “voz do canhão”, em referência aos ruídos que emanavam de outra mulher, esta simbolizando a Europa e o clima belicoso que cercava tal continente<sup>115</sup>. O cenário modificava-se, mas os personagens eram os mesmos, com Roosevelt cercado pelas figuras femininas, como se fosse um “Gulliver em Lilliput”, em alusão à potência norte-americana comparada as suas vizinhas do sul; embora ele, tal qual no romance, tivesse a preocupação de ser amarrado, elas diziam que pretendiam apenas “mordê-lo”, em referência a possíveis pedidos de auxílio. Já em outro cenário, a “República Brasileira” passeava por um mercado, no qual a “Europa” buscava vender-lhe alguns dos governantes daquele continente, o que era recusado pela primeira, alegando que em sua “casa” já possuía “um muitíssimo mais escovado”, em referência a Getúlio Vargas<sup>116</sup>.

---

<sup>114</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 29, n. 1444, 22 fev. 1936.

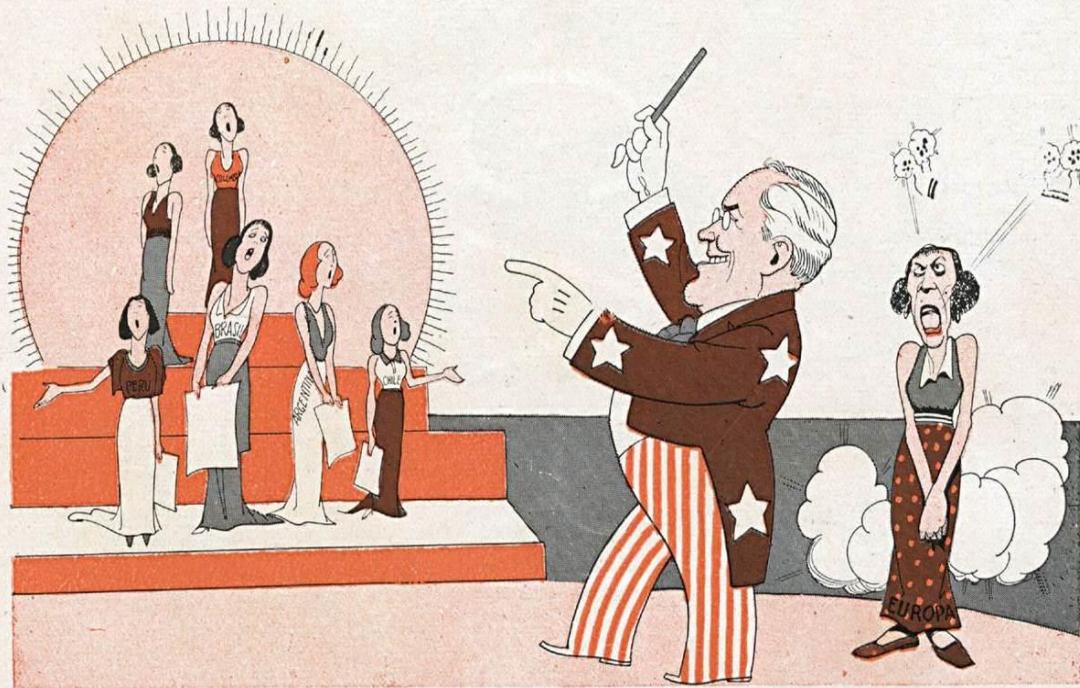
<sup>115</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 29, n. 1485, 5 dez. 1936.

<sup>116</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 29, n. 1487, 19 dez. 1936.



UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)

18



NA CONFERENCIA DA PAZ PAN AMERICANA:

ROOSEVELT — Vamos, senhoritas, cantem mais alto, para vêr si abafamos a voz do "canhão"...

18



GULLIVER EM LILIPUT

— Meninas, não vão vocês querer amarrar-me !  
— De modo algum, Tio Sam ! Nós nos contentamos em “mordê-lo” !

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)

22



PRIMUS INTER PARES

A EUROPA — Então, menina? Nenhum destes lhe agrada?  
ELA — Qual! Tenho lá em casa um muitíssimo mais escovado!

Já no ano da deflagração do golpe do Estado Novo, a “República Velha” narrava a evolução política de Getúlio Vargas, envolvendo a fase do Governo Provisório, no qual ele surgia como uma criança em um carrinho empurrado pela “República Nova”, passava pela aprendizagem no andador e chegava ao Governo Constitucional, sempre mantendo-se no poder, diante do que a “Velha” comentava que aquele “garoto sabido” estaria tirando o lugar do líder gaúcho Borges de Medeiros em termos de permanência no poder<sup>117</sup>. Os potenciais pretendentes ao cargo de Presidente preparavam-se para dormir, sob os cuidados de uma jovem república, que entoava uma canção de ninar sobre a presença de um “papão” no telhado, figura representada por Vargas, em referência a latente possibilidade de sua continuidade no poder<sup>118</sup>. Na presença do candidato à Presidência José Américo de Almeida, a “República Velha”, a “Nova” e até uma “do Futuro” tentavam cortejá-lo, mas sem obter sucesso<sup>119</sup>. A tendência de continuidade de Vargas ocupando o cargo de Presidente ganhava cada vez mais corpo e a caricatura não deixava de demonstrar isso, como ao apresentar o governante em um idílico e romântico convescote junto da república, sendo o casal observado ao longe por outros políticos que não conseguiam entender as motivações daquele “esquisito apego”, após “tão longa vida conjugal”, em alusão ao período que se desenrolara desde 1930<sup>120</sup>.

---

<sup>117</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 30, n. 1502, 3 abr. 1937.

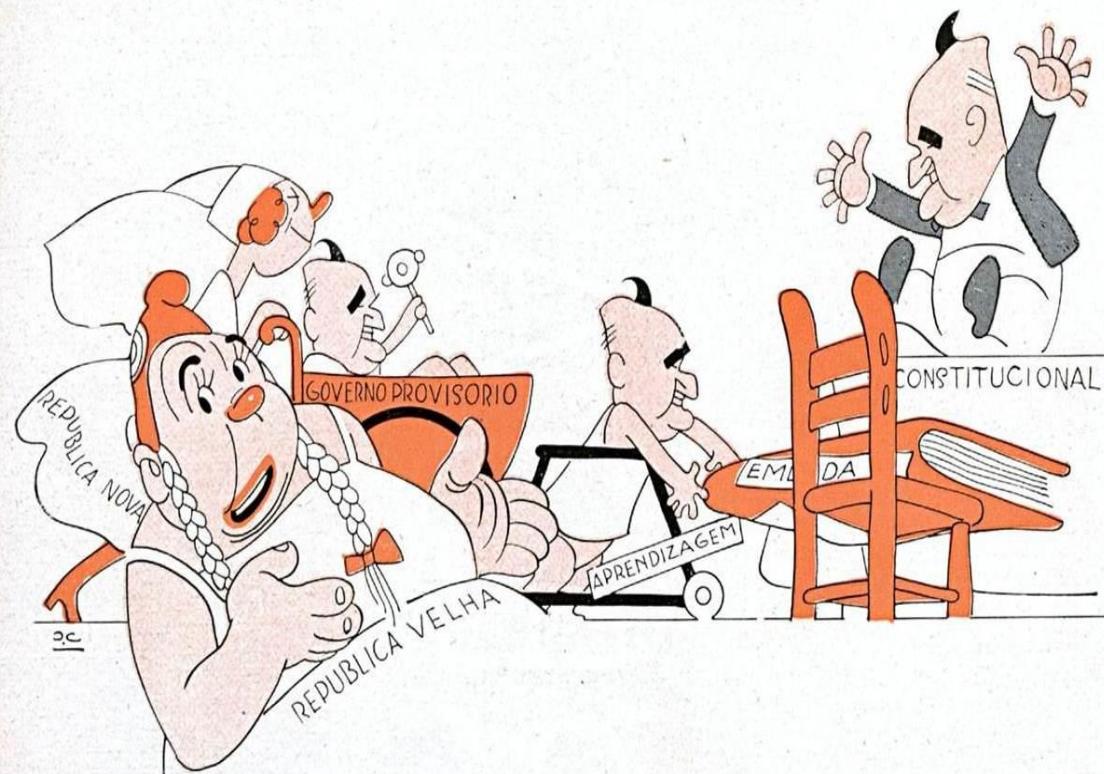
<sup>118</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 30, n. 1510, 29 maio 1937.

<sup>119</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 30, n. 1514, 26 jun. 1937.

<sup>120</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 30, n. 1518, 24 jul. 1937.

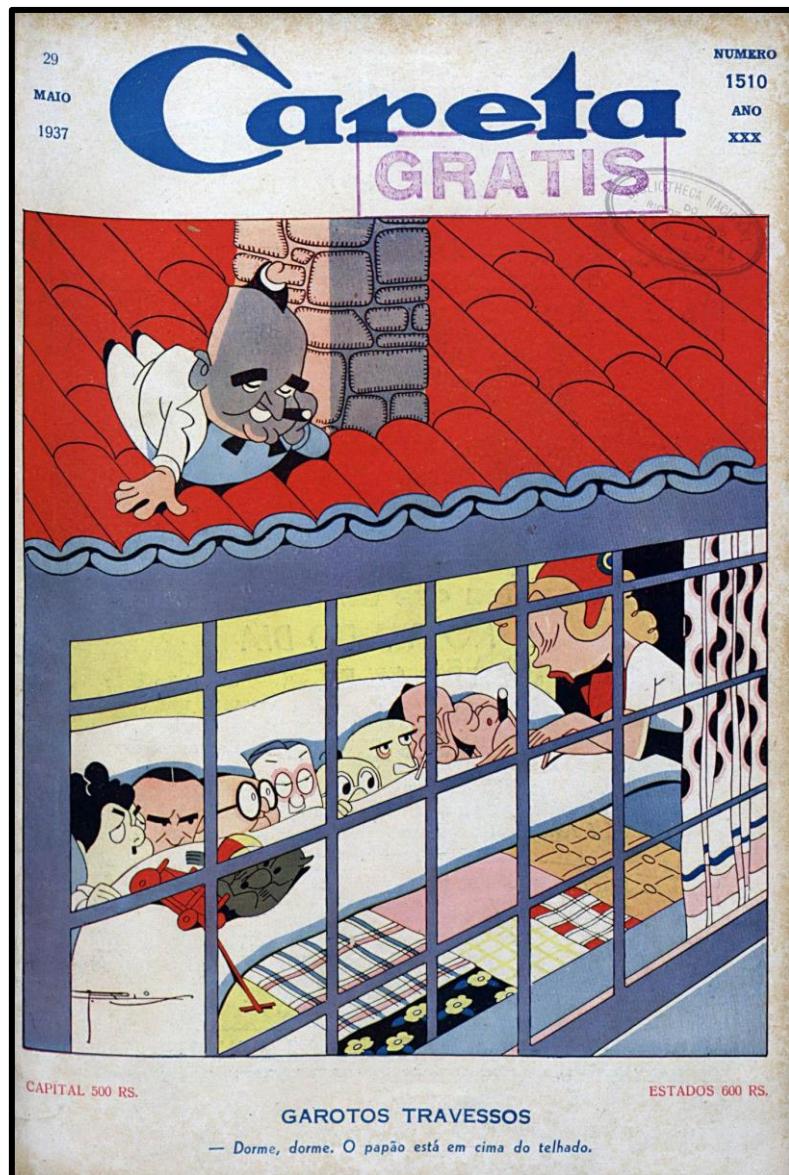
UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)

18



PER OMNIA SECULA

— Eta, garoto sabido! Depois a adolescencia, a maturidade, a velhice... O Borges perdeu a taça.



UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)



34



OS DE CIMA — E' esquisito esse apêgo, depois de tão longa vida conjugal! Ou o habito é mesmo uma segunda natureza...

Uma bebê república, identificado na fralda pelo período do mandato presencial que sucederia Getúlio Vargas era levantado no ar pelo Ministro da Justiça, José Carlos de Macedo Soares, que, de acordo com os textos bíblicos, ameaçava cortá-la ao meio tendo em vista a disputa entre os dois principais candidatos na disputa eleitoral. Vargas, tal qual um Salomão, só que este nascido em São Borja, na falta de acordo, apresentava uma solução alternativa quanto à adoção da criança, ou seja, ele mesmo poderia ficar com ela<sup>121</sup>. Enquanto o candidato José Américo buscava tratar de um calo no calcanhar da república, o seu oponente, Armando de Sales Oliveira, preparava-se para colocar a mão em um abacaxi, que representava a administração do país, no que era repelido pelo outro, que dizia para afastar-se daquela fruta, pois ela fora presente de amigos, apontando para o propalado apoio dos governistas ao seu intento<sup>122</sup>. Faltando um mês para a deflagração do golpe, uma caricatura apresentava transformados em crianças Armando Sales e José Américo, que buscavam atingir o ponto mais alto da gangorra, ao passo que a dama republicana instruía o outro “menino” – Getúlio Vargas – a ter “mais juízo” e tomar conta dos outros, ao que este respondia que assim o faria, mas questionava que, se eles brigassem entre si, ele poderia “ficar com o brinquedo”, em outra referência à busca pela continuidade no cargo<sup>123</sup>.

---

<sup>121</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 30, n. 1520, 7 ago. 1937.

<sup>122</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 30, n. 1521, 14 ago. 1937.

<sup>123</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 30, n. 1529, 9 out. 1937.



### Justiça de Salomão

MACEDO SOARES — Como é?! Racho a garota?

SALOMÃO DE S. BORJA — Homem, já que eles não chegam a um acôrdo, será melhor adotá-la!...

7-8-1937

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)





**Menino ajuizado**

A REPUBLICA — Você que tem mais juizo, tome conta deles!

GETULIO — Tomo, sim! Mas, se eles se engalfinharem, posso ficar com o brinquedo?!

9-10-1937

23

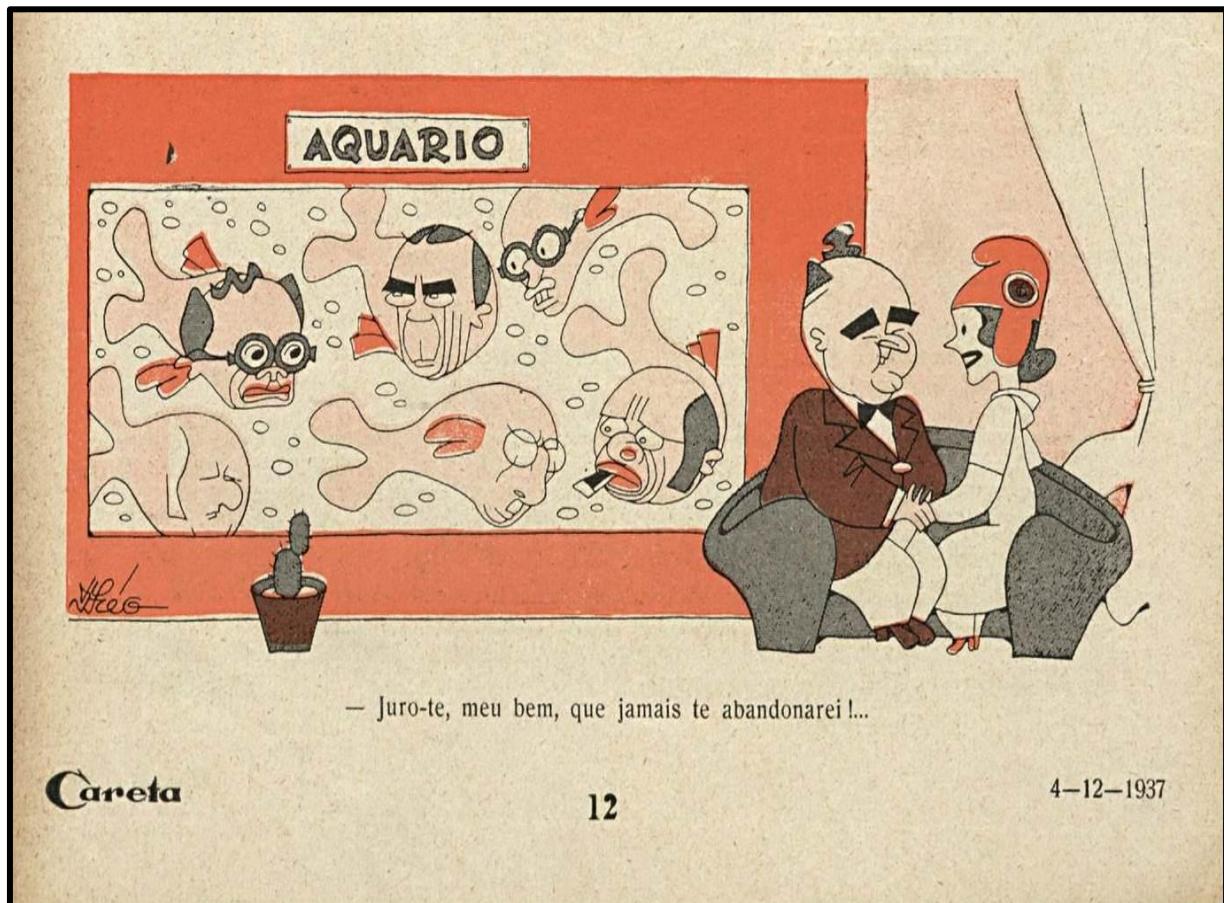
**Careta**

A perspectiva da permanência se confirmaria com a implantação do Estado Novo e, consolidado no poder, enquanto outros políticos eram metamorfoseados em peixes presos em um aquário, Getúlio Vargas fazia juras de amor eterno para a república<sup>124</sup>. Assim, desde a Revolução de 1930 até a inauguração da ditadura estado-novista, a *Careta* lançou mão da simbologia feminina para aludir a transição da República Velha para aquela “Nova” que se dizia estar sendo fundada. A própria revista explicava que a alegoria advinha da Antiguidade e fora consolidada durante os processos revolucionários franceses, como nas décadas de 1840 e 1870, explicando que do adorno inicial com uma coroa de louros, fora adotado o barrete frígio, passando tal imagem a constituir um símbolo da república<sup>125</sup>. Ao contrário da dama republicana do século XIX e mesmo das décadas iniciais da centúria seguinte, a “República Nova” representada pelo periódico humorístico perdera boa parte de seu protagonismo, passando a desempenhar um papel de coadjuvante ou até de figurante em relação aos homens públicos de então, notadamente no que tange a Getúlio Vargas. Aquela construção imagética altiva e ativa perdera espaço, surgindo uma praticamente passiva, com ação restrita por vezes não passando de uma observadora. A tal “verdadeira república”, da qual se falava desde os Oitocentos, apesar das promessas iniciais do pós-1930, parecia mais uma vez esmaecida em meio ao campo das idealizações.

---

<sup>124</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 30, n. 1537, 4 dez. 1937.

<sup>125</sup> CARETA. Rio de Janeiro, a. 30, n. 1531, 23 out. 1937.



# *O MALHO E A MULHER-REPÚBLICA*

Editado no Rio de Janeiro entre 1902 e 1953, *O Malho* teve uma distribuição que atingiu o país como um todo, levando em frente seu espírito crítico<sup>126</sup>. Obteve ampla popularidade<sup>127</sup>, buscando levar ao povo as ações dos homens públicos e dos atores da politicagem brasileira<sup>128</sup>, observando o conjunto da nacionalidade a partir do epicentro cultural que era o Rio de Janeiro<sup>129</sup>. De acordo com seu título, figurativamente, dizia que sustentaria a missão de utilizar a bigorna, batendo-lhe a ferro na sua oficina, bem como pretendia contribuir para “todos os elementos” de “desenvolvimento do riso” e salientava que, em meio a tantas “tristezas e lamentações”, faria soar “cantante o bimbalhar” de “sons alegres” nas bigornas<sup>130</sup>. Na virada dos anos 1920 aos 1930, a redação do periódico relembrava seu norte editorial popular, ao destacar o papel da imprensa como “pão espiritual das massas populares”, ressaltando que “o povo” transformou a publicação em “uma das suas instituições”, tanto que “tem o direito para reclamar para si muitas das glórias” que cabiam ao periódico, ajudando-o a conquistar “o melhor” dos seus “triunfos”<sup>131</sup>.

---

<sup>126</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 301.

<sup>127</sup> MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 20-21.

<sup>128</sup> LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 146.

<sup>129</sup> SILVA, Marcos A. da. *Caricata República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 12-13.

<sup>130</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 20 set. 1902.

<sup>131</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 28, n. 1410, 21 set. 1929.

A partir do acirramento dos confrontamentos políticos e do espocar e a vitória da Revolução de 1930, o semanário humorístico teve a sua edição suspensa entre o segundo semestre de 1930 e os primeiros meses do ano seguinte. Já durante a denominada República Nova, o periódico anunciou profundas modificações em sua pauta editorial, chegando a redação a se referir a um “novo *O Malho*”. Tais transformações adviriam das inovações tecnológicas colocadas a serviço de sua impressão, no intento de melhorar a qualidade gráfica da revista, possibilitando a observação de “cores variadas, os mais lindos quadros, ilustrações mais perfeitas, gravuras mais impressionantes” e “a nitidez das fotografias”. As mudanças também se vinculavam ao padrão redatorial, com a promessa de uma cobertura que abrangeeria com maior profundidade o local, o regional, o nacional e o internacional, além da inserção dos “maiores escritores nacionais e estrangeiros”, com a escritura de “contos, crônicas, entrevistas, anedotas históricas e poesias”, bem como de “traduções cuidadas e devidamente ilustradas”, além de seções sobre cinema e moda<sup>132</sup>. Ainda assim, garantia que o hebdomadário não perderia sua essência crítica, de modo que continuaria “fazendo o seu caminho”, ou seja, “bate de leve ou bate com força, mas bate”, atingindo “o mal, o ridículo” e “tudo o que precisa ser destruído”<sup>133</sup>.

A presença da dama republicana nas construções iconográficas de *O Malho*, extremamente recorrente à época da República Velha, tornou-se mais restrita no período posterior a 1930, mas, ainda assim, ela não deixou de

---

<sup>132</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 32, n. 1588, 27 maio 1933.

<sup>133</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 32, n. 1, 8 jun. 1933.

aparecer. Em uma delas, o próprio líder do Governo Provisório era surpreendido ao visitar um salão de humoristas, alegando que ali estava para observar mais uma perspectiva jocosa em relação ao “humorismo ministerial” e, dentre as caricaturas em exposição, havia uma figura abstrata da mulher-república<sup>134</sup>. Outra caricatura trazia a “República Nova” como uma criança que aprendia a caminhar pelas mãos de Getúlio Vargas e Osvaldo Aranha, aparecendo ainda o responsável pela pasta de assuntos econômicos a empurrar um carrinho identificado com a moratória, ao passo que, ao fundo, surgiam outras questões como o câmbio, os impostos e as exportações<sup>135</sup>. Uma menina-república puxava um pequeno canhão, em referência ao processo revolucionário ocorrido recentemente, e enfrentava frente a frente vários políticos da época, informando que, em um ano, poderia escolher um noivo, mas prevenia que o pretendente deveria ser “gente nova”, ou seja, inviabilizando as pretensões dos políticos tradicionais<sup>136</sup>. Já a dama republicana, em seus trajes típicos e representada como uma mulher adulta, era cobiçada por vários personagens da vida política nacional, um deles, o gaúcho Borges de Medeiros, sugerindo que se estabelecesse brevemente o processo de reconstitucionalização do país<sup>137</sup>.

---

<sup>134</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 30, n. 1504, 17 out. 1931.

<sup>135</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 30, n. 1505, 24 out. 1931.

<sup>136</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 30, n. 1508, 14 nov. 1931.

<sup>137</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 30, n. 1511, 5 dez. 1931.

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)

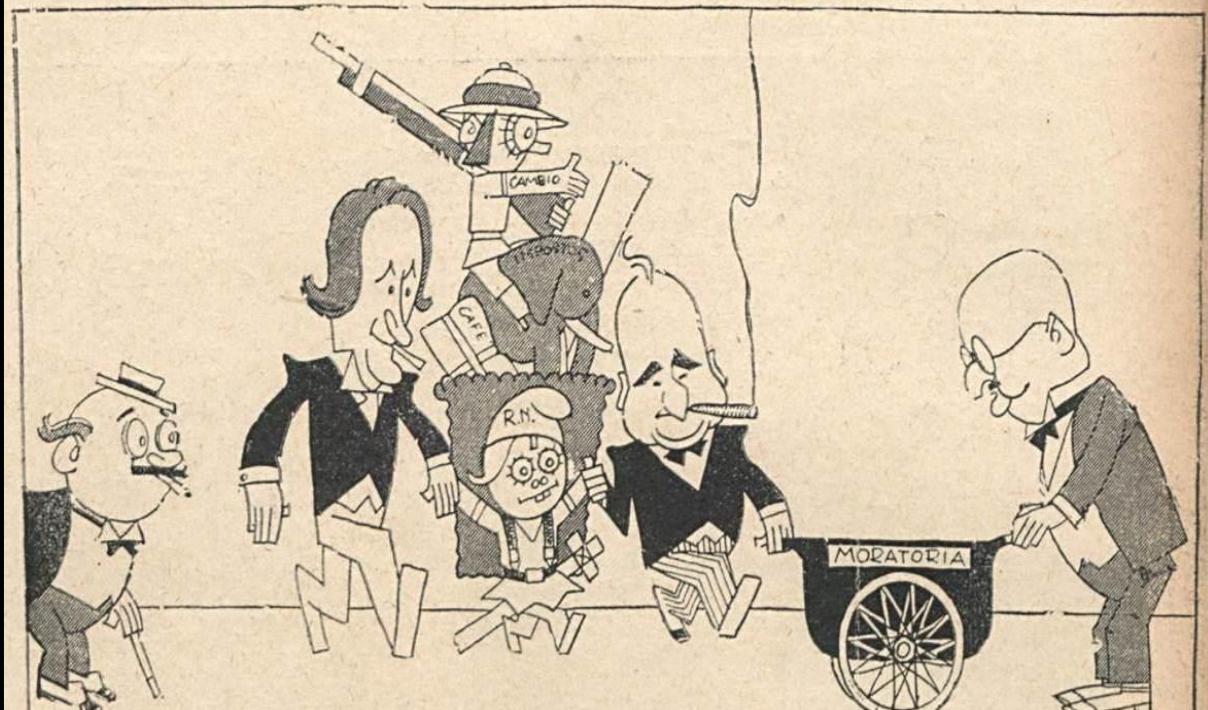


O MALHO

6

24 — X — 1931

P R I M E I R O S P A S S O S

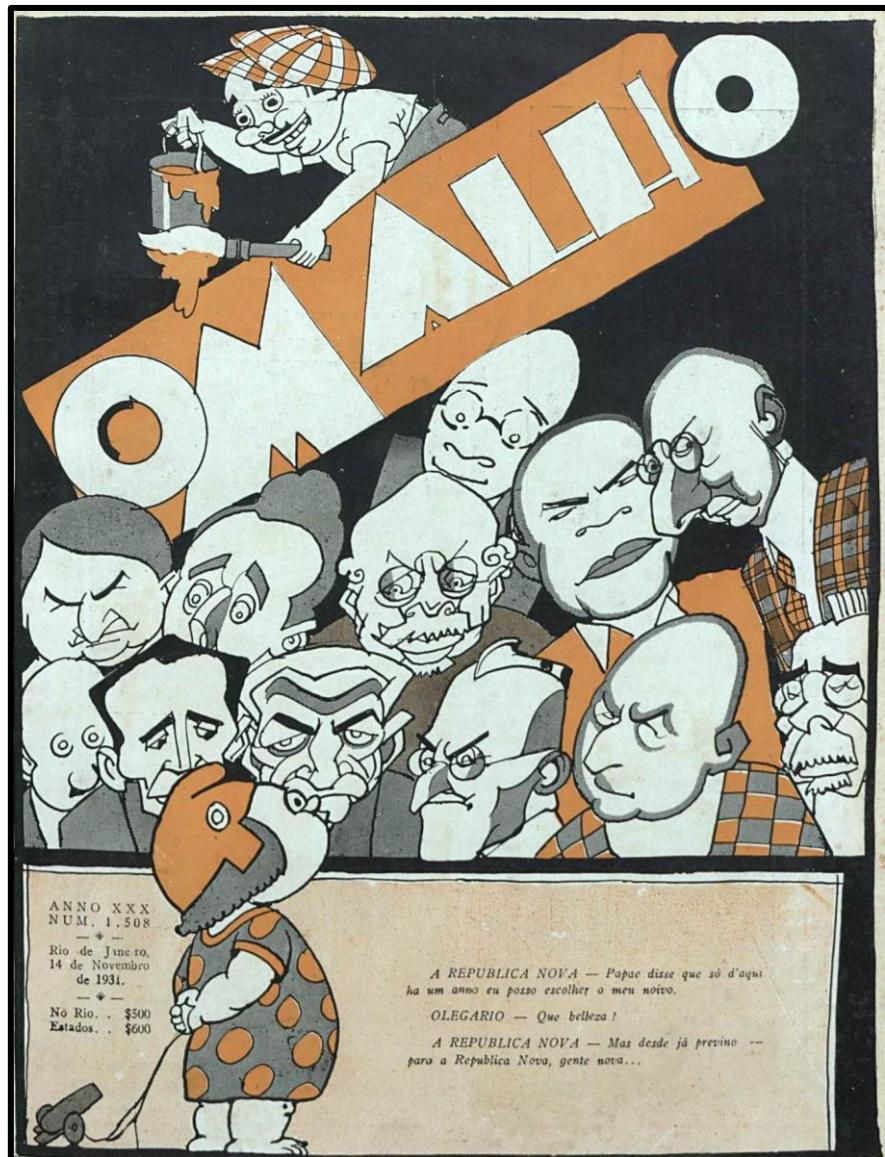


GETULIO — Dandá p'ra ganhar vintem...

Mamãe é pobre, papac não tem...

CARDOSO — O Whitaker é um sceptico. Depois de um anno, ainda é adepto do carrinho de mao...

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)





Apontando a República Argentina como um protótipo, a revista revelava “inveja” ao observá-la, uma vez que a brasileira trocara sua indumentária tradicional pelo uniforme militar, armada e com um capacete identificado com a ditadura, diante do que o periódico questionava quando esta iria retirar aquela “máscara horrenda e arriar a mochila”<sup>138</sup>. Mais uma vez aparecendo como uma jovem, apresentada como “a pequena cobiçada”, a “República Nova” tinha à sua volta ávidos pretendentes vinculados ao cenário político nacional, em cena observada atentamente por Getúlio Vargas, apontado como o cuidadoso pai da menina<sup>139</sup>. A república constituinte surgia como uma figura monstruosa a apavorar os integrantes do Governo Provisório, interessados na continuidade do regime ditatorial que lhes garantia a permanência no poder<sup>140</sup>. O próprio Vargas e a uma república menina preparavam-se para brincar e cometer travessuras, apesar de estarem sob o olhar de Borges de Medeiros, considerado como um mero expectador<sup>141</sup>. Como uma modelo, em trajes íntimos, a mulher-república preparava-se para experimentar diferentes modelos de vestidos, vinculados ao fascismo, ao presidencialismo e ao parlamentarismo, havendo também a presença do Jeca, como representação do povo, que preferiavê-la em roupas de baixo<sup>142</sup>.

---

<sup>138</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 31, n. 1525, 12 mar. 1932.

<sup>139</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 31, n. 1526, 19 mar. 1932.

<sup>140</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 31, n. 1536, 28 maio 1932.

<sup>141</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 31, n. 1542, 9 jul. 1932.

<sup>142</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 31, n. 1559, 5 nov. 1932.

12 — III — 1932

13

O MALHO



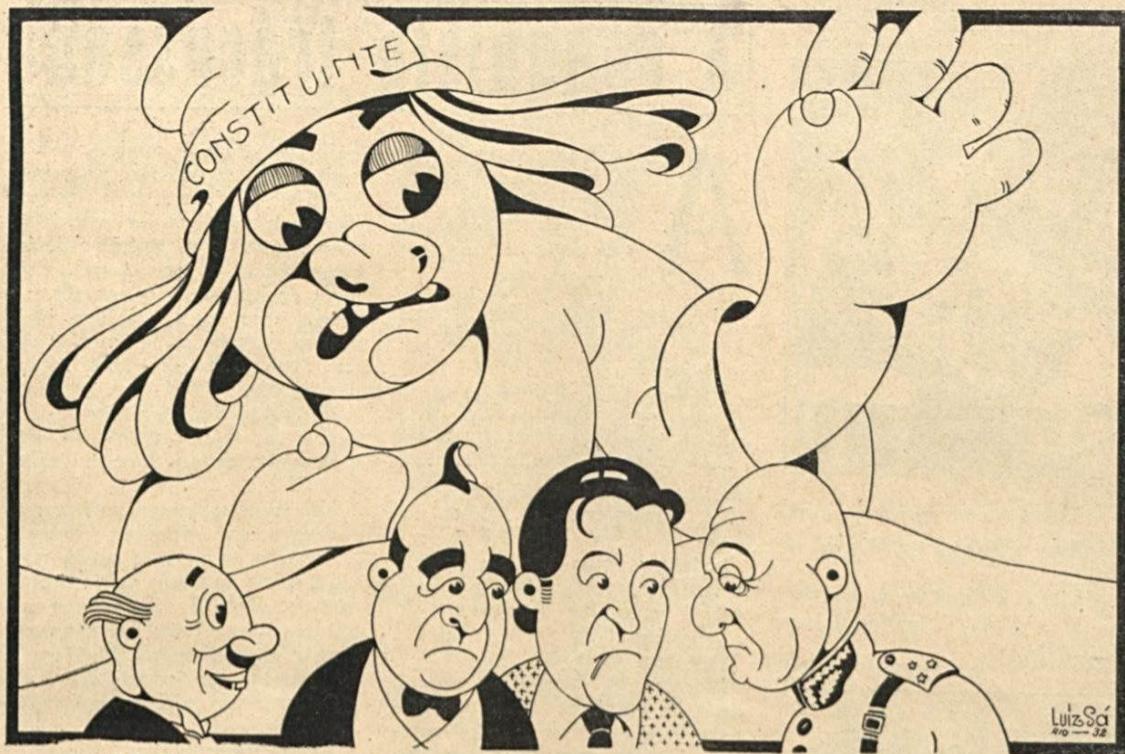
UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)



28 — V — 1932

23

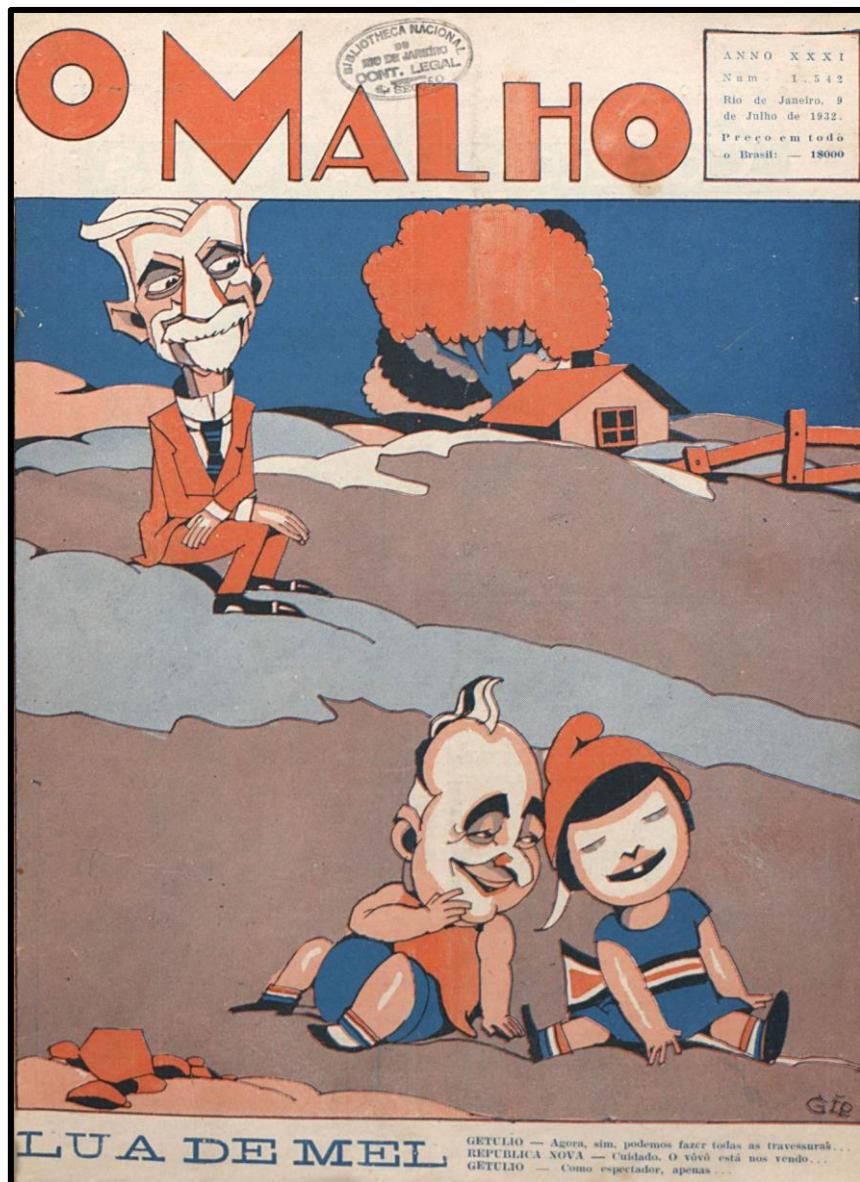
O MALHO

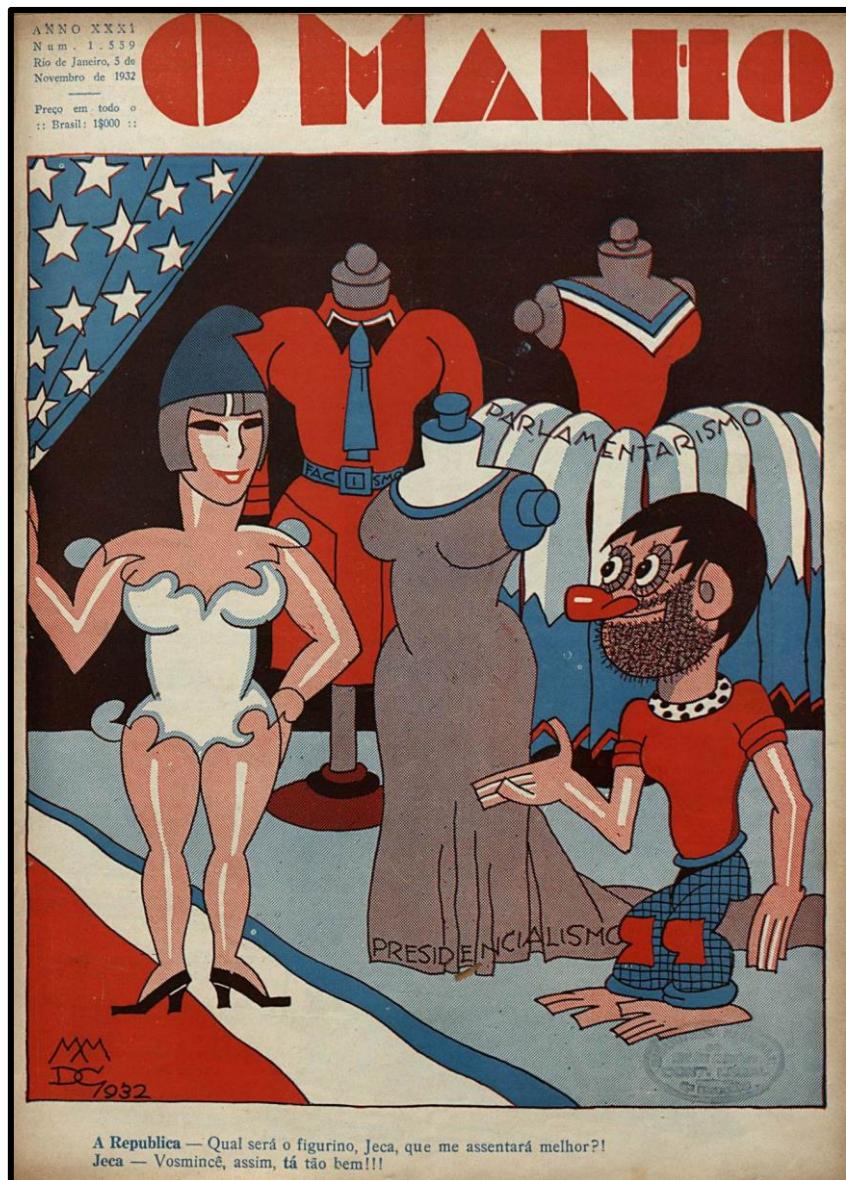


LEITE DE CASTRO — Parece que desta vez a Constituinte vem mesmo.  
ARANHA — Para muitos não é Constituinte, é um fantasma que vem...

D E S I L L U S Ã O

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)





Como uma boneca desengonçada e prenhe em imperfeições, a república trazia em seu corpo diversos e diferentes princípios político-ideológicos e movimentos, como socialismo, fascismo, presidencialismo, feminismo e positivismo, em relação às ideias que poderiam vir a nortear a nova constituição, afirmando a representação do povo que desse modo ela contentaria a todos. Voltando a ser apresentada como uma criança, a República dos Estados Unidos do Brasil ganhava uma urna, designando a lei eleitoral recentemente homologada, mas reclamava do presente, pois com ela não seria possível brincar<sup>143</sup>. Enquanto os homens públicos buscavam tirar as medidas para as roupas da república-constituição, um deles ficava desestimulado para a realização da tarefa, uma vez que aquele vestido poderia sair rapidamente de moda, em referência às incertezas quanto ao efetivo processo de reconstitucionalização do país<sup>144</sup>. Em época carnavalesca, a república-constituinte entoava canção concernente ao momento, demonstrando saber as intenções de todos os políticos que a cobiçavam<sup>145</sup>. Coberta pela “colcha provisória”, em alusão ao Governo Provisório, a mulher-república se mostrava estupefata ao ver a “colcha de retalhos” que o Zé Povo lhe ofertava, formada por diversificados modelos que poderiam ser aplicados ao país a partir das discussões quanto ao texto constitucional<sup>146</sup>.

---

<sup>143</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 31, n. 1561, 19 nov. 1932.

<sup>144</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 32, n. 1571, 28 jan. 1933.

<sup>145</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 32, n. 1572, 4 fev. 1933.

<sup>146</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 32, n. 1581, 8 abr. 1933.



UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOPA (1930-1937)



28 — I — 1933

13

O M A L H O

I N D U M E N T A R I A

(O Sr. José Americo não tem comparecido ás sessões da Comissão incumbida do ante-projecto da Constituição.)



ARANHA — Então, não nos ajuda a tirar as medidas?

JOSE' AMERICO — Vocês estão perdendo tempo. Quando chegar a occasião de fazer o "vestido", a moda já passou...

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)





A partir da grande reforma estrutural com o surgimento do que a redação denominou de o novo *O Malho*, houve uma drástica diminuição quanto ao número de caricaturas publicadas no periódico. A maior parte das representações caricaturais se concentrou em sessão denominada “Acredite ou não...”, a qual reunia vários desenhos voltados à diversas temáticas, entre as quais apareceu a figura feminina que simbolizava a forma de governo republicana. Uma delas trazia a mulher-república como uma banhista em praia carioca, apresentada como o “modelo último da República Nova”<sup>147</sup>. Já uma república representada como uma mulher obesa e denominada de mãe Joana, em relação às desorganizações do Estado Nacional, se mostrava feliz por ter sido evitada a entrada de uma leva de imigrantes<sup>148</sup>. As continuidades entre a Velha e a Nova República eram demonstradas pela dama do barrete frígio sendo transportada em uma locomotiva da época imperial, ato que foi considerado como um “requinte de saudosismo triunfante”<sup>149</sup>. As precariedades salariais do funcionalismo público eram apresentadas pelo ato da mulher-república aparecer remendando os fundilhos das calças de um servidor, como a única forma pela qual ele viria a ter algum tipo de reposição<sup>150</sup>.

---

<sup>147</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 33, n. 53, 7 jun. 1934.

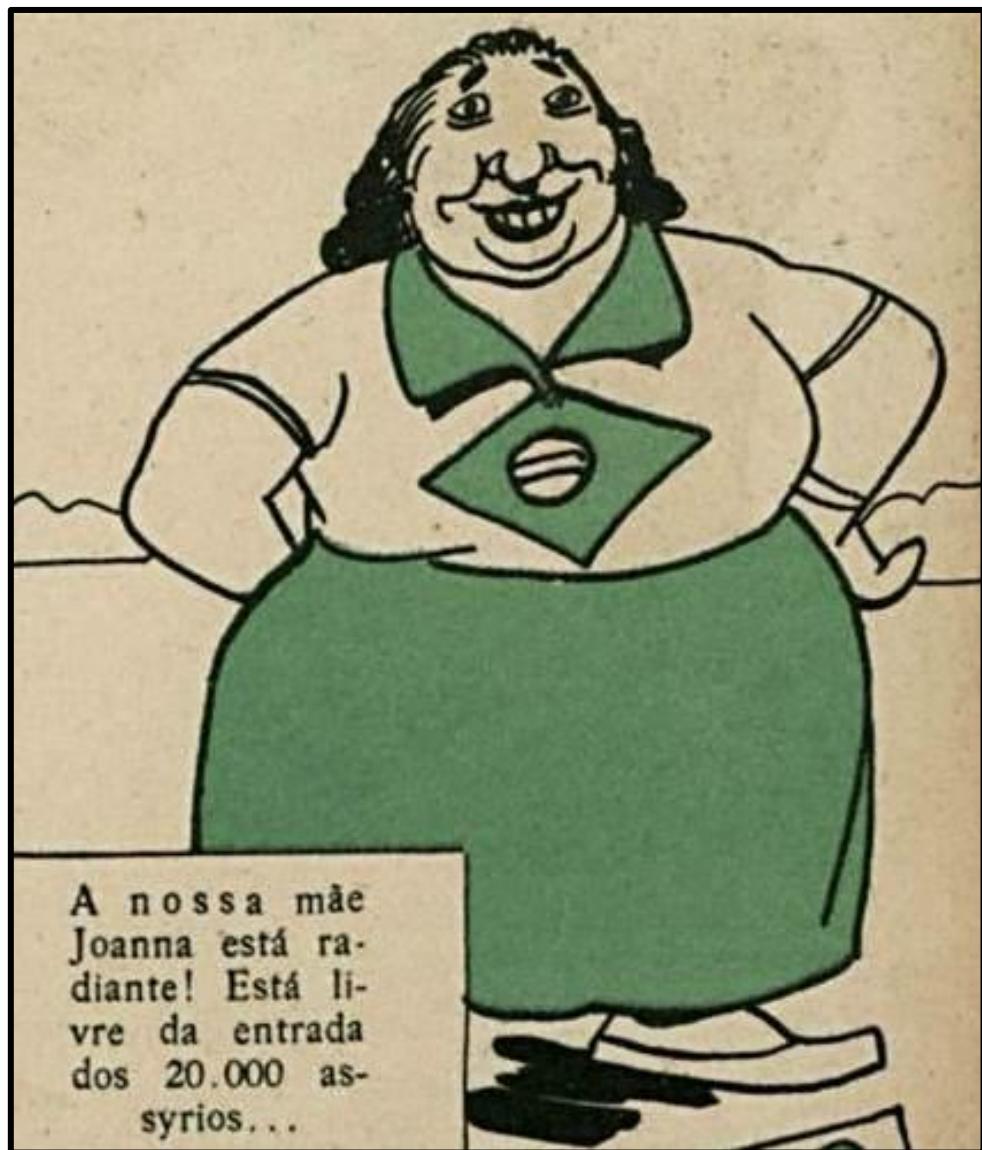
<sup>148</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 33, n. 56, 28 jun. 1934.

<sup>149</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 33, n. 66, 6 set. 1934.

<sup>150</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 34, n. 86, 24 jan. 1935.



UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)





Resurgiu a velha Baroneza do anno (1854). A locomotiva dos nossos bisavós foi dirigida pela Republica Nova num requinte de saudosismo triumphante...



O descrédito para com a Nova República era demonstrado com a forma de governo apresentada como uma mulher madura e volumosa, a escutar cantor e violonista que entoavam uma música carnavalesca, duvidando quanto à sinceridade dela no que tange a ter obtido ampla aceitação popular<sup>151</sup>. A última presença da dama republicana deu-se com a homenagem da revista à data cívica do 15 de Novembro do ano de 1935, em tom patriótico, com a estilização da figura feminina agarrada ao globo azul do estandarte nacional<sup>152</sup>. Em sua nova etapa, *O Malho* restringiu significativamente a carga de expressão de arte caricatural, bem como houve praticamente um abandono do olhar crítico com base iconográfica sobre os principais atores da vida política de então. A partir do final de 1935, com o estabelecimento do estado de exceção, houve um recrudescimento de tal prática, com um progressivo silenciamento quanto a essas temáticas, vindo a culminar o processo com a instalação da ditadura estado-novista. A imagem da dama do barrete frígio, tantas vezes utilizada pelo periódico, também passou por restrições na época imediatamente posterior à Revolução de 1930 e, mais ainda em meados do decênio, com o aprofundamento crescente do autoritarismo. Essa espécie de autocensura, complementar à censura propriamente dita, refletia as próprias experiências do semanário, que sofreu na carne os reveses das perseguições e práticas repressivas, de modo que a suavização discursiva acabou por ser a opção editorial mais viável para a manutenção de sua circulação.

---

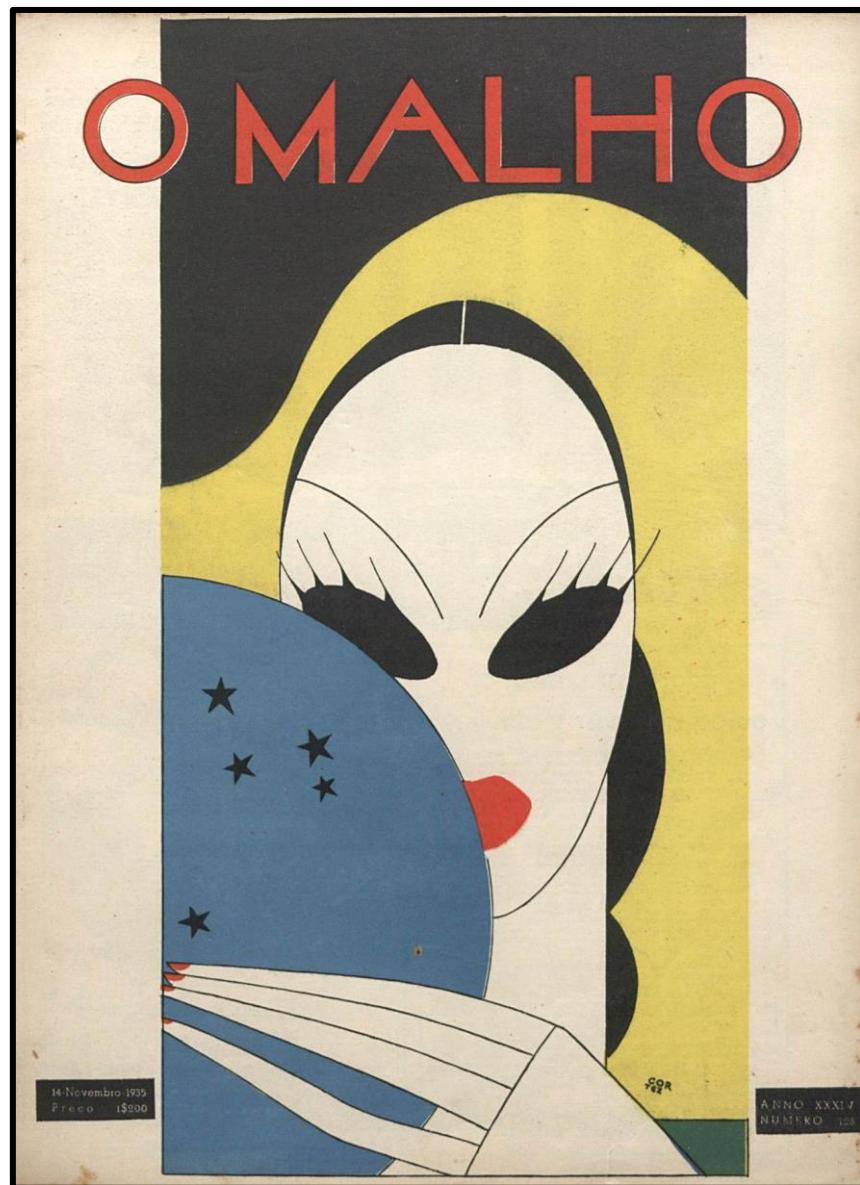
<sup>151</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 34, n. 91, 28 fev. 1935.

<sup>152</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, a. 34, n. 128, 14 nov. 1935.



No concurso de marchas e sambas não prevaleceu a opinião do povo, como sempre... A consagração seria para a marcha do Oswaldo Santiago se o jury tivesse agido de acordo com o público.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O 15 DE NOVEMBRO E A ALEGORIA DA  
REPÚBLICA EM TRÊS REVISTAS  
CARIOCAS

O 15 de Novembro foi transformado em mais uma das tantas cívicas comemoradas pelo Estado Nacional Brasileiro, com solenidades geralmente carregadas de níveis variáveis de fervor patriótico. A partir da instalação da República Nova tais manifestações de patriotismo se afirmaram ainda mais, estabelecendo-se um caminho de preparação para o ápice de tal processo que se daria durante a ditadura estado-novista. Em tais efemérides, havia uma mobilização da imprensa, destacando o dia em pauta por meio de editoriais, matérias e notícias, além de fotografias e gravuras, para aqueles periódicos que tinham o padrão da inclusão iconográfica em suas edições. Dentre as representações, símbolos e alegorias para demarcar o 15 de Novembro, houve um destaque para alguns dos atores sociopolíticos que agiram na implantação da nova forma de governo, com grande destaque para o proclamador e primeiro Presidente Deodoro da Fonseca. Mas a figura feminina da dama republicana ainda não havia perdido seu espaço de todo, vindo a ilustrar vários números voltados a demarcar cívica e patrieticamente o episódio ocorrido em 1889. Tais homenagens apareceram nas capas das revistas, como foi o caso de algumas das publicadas na capital brasileira, caixa de ressonância cultural do país.

A *Revista da Semana* passou a ser editada no Rio de Janeiro em 1900, como "suplemento ilustrado do *Jornal do Brasil*", condição mantida até o ano de 1915, encerrando sua circulação em 1959. Trazia nas ilustrações de suas páginas o resultado de aprimoramento técnico que começava a se implantar no Brasil. Enquanto várias edições do mesmo gênero tiveram vida fugaz, ela permaneceu como uma das mais importantes publicações brasileiras. Teve papel pioneiro,

ocupando-se de desvincular-se do *Jornal do Brasil*, principalmente com as atualidades sociais, políticas e policiais, tornando-se leve, alegre, elegante, com as ilustrações de alguns dos principais artistas de então vinculados a tal ramo. De 1915 em diante, seria mais elegante e feminina, já com outra feição, vindo a superar alguns dos periódicos seus contemporâneos, mais efêmeros, disputando com as principais magazines as preferências do público da época"<sup>153</sup>. Ainda em seus primeiros tempos, anunciou como seus escopos: "fotografias, vistas instantâneas, desenhos e caricaturas". Chegou a manifestar júbilo por ter chegado "ao nível dos maiores semanários do mundo, mas que, não obstante disso, deve ascender ainda, através de todas as possibilidades, num crescente anseio de perfeição", dedicando-se a debater "as grandiosas questões do momento", visando a empregar "esforços para dotar o Brasil com uma publicação digna da sua grandeza e dos seus merecidos foros de cultura"<sup>154</sup>. Uma das suas características mais marcantes foi a riqueza em ilustrações, mormente no que tange às fotorreportagens. Dentre as capas das edições comemorativas ao 15 de Novembro, publicadas entre 1930 e 1937, a *Revista da Semana*, em uma delas, trouxe como destaque a dama do barrete frígio, que aparecia em marcha e em postura carregada de culto patriótico, ao empunhar o pavilhão nacional, sendo o quadro complementado pela presença do proclamador Deodoro da Fonseca e outros personagens, cujo objetivo era a representação do conjunto da

---

<sup>153</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 274, 297, 301 e 326.

<sup>154</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, a. 23, n. 1, 31 dez. 1921.

população brasileira. Tal ilustração aparecia bem a contento com o momento histórico em pauta, ou seja, o da recentíssima instalação do Estado Novo<sup>155</sup>.

---

<sup>155</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, a. 28, n. 49, 13 nov. 1937.

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)



Anunciando ainda em seu primeiro número tratar-se de um “semanário alegre, político, crítico e esfuziante”, a revista *Fon-Fon* foi publicada no Rio de Janeiro, entre 1907 e 1958, vindo a conquistar um significativo público leitor<sup>156</sup>. Explicitava que constituía uma publicação “ágil e leve”, que pretendia “fazer rir, alegrar a boa alma carinhosa” do “amado povo brasileiro, com a pilhérica fina e a troça educada, com a glosa inofensiva e gaiata dos velhos hábitos e dos velhos costumes, com o comentário leve às coisas da atualidade”<sup>157</sup>. A redação do periódico chegou a apontar que *Fon-Fon* constituía “uma necessidade para desopilação dos fígados inflamados”<sup>158</sup>. Manifestava seu intento de manter “esforços constantes para bem servir os leitores, informando-os de tudo, através da fotografia e do comentário breve e desapaixonado”<sup>159</sup>. Considerava que tinha por admiradores de seu norte editorial aqueles “que cultivam o espírito, amam a arte, apreciam o bom tom e rendem homenagem às mulheres”. Demarcava que, ao longo do tempo, “caricaturou os políticos e criticou os administradores, fez graçolas e traquinadas”, ao passo que, “com os anos se fixou” em ser algo “maior, embora nada perca do seu chiste e da sua alegria”, de modo que, ao ser “mais linda”, passava a ter “melhor juízo”<sup>160</sup>. No período em pauta, em duas das capas de suas edições dedicadas à efeméride do 15 de Novembro, a *Fon-Fon* lançou mão da alegoria feminina republicana, cada uma delas com estilo diferenciado,

---

<sup>156</sup> SODRÉ, 2007. p. 301.

<sup>157</sup> FON-FON. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 13 abr. 1907.

<sup>158</sup> FON-FON. Rio de Janeiro, a. 3, n. 15, 10 abr. 1909.

<sup>159</sup> FON-FON. Rio de Janeiro, a. 13, n. 15, 12 abr. 1919.

<sup>160</sup> FON-FON. Rio de Janeiro, a. 22, n. 15, 14 abr. 1928.

mas com a concentração da gravura no rosto da imagem, sendo mantido o barrete frígio, além de um forte apelo nacionalista-patriótico, com a presença de símbolos nacionais, com destaque para a bandeira<sup>161</sup>.

---

<sup>161</sup> FON-FON. Rio de Janeiro, a. 25, n. 46, 14 nov. 1931; e a. 29, n. 46, 16 nov. 1935



UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOWA (1930-1937)



A *Nação Brasileira* foi editada no Rio de Janeiro entre 1923 e 1947, com interrupções em sua circulação ao longo desse período. Pretendia abordar temas diversificados como ciências, letras, artes, política e atualidades, agricultura, indústrias, comércio, finanças e economia social, afirmando ainda que, “nas suas páginas”, pretendia refletir a respeito de “todas as formas da atividade espiritual do Brasil: literatura, ciências, arte, política, história”. A revista especificava que “o patriotismo é uma das forças que a movem, e, ao mesmo tempo, um dos luminosos ideais que a orientam”, explicitando que não encarava tal princípio como uma “forma desconfiada ou agressiva de egoísmo, e sim, culto da pátria, em que não há lugar para antipatias”. Destacava ser “genuinamente brasileira por seus sentimentos, caráter e intuítos, sem deixar de, na medida de suas possibilidades, procurar seguir o progresso intelectual humano, onde se manifestar”, a partir de “seu brasileirismo”<sup>162</sup>. Quanto às capas destinadas a homenagear o 15 de Novembro entre 1930 e 1937, bem de acordo com seu espírito calcado no nacionalismo e no patriotismo, a *Nação Brasileira* foi recorrente em realizar tais celebrações. Uma delas colocava em destaque João Pessoa, considerado como o mártir da Revolução de 1930, o qual era venerado pelas imagens femininas da pátria e da dama republicana<sup>163</sup>. Já outra associava a data da proclamação da República com o centenário da Revolução Farroupilha, movimento considerado precursor do republicanismo nacional, simbolizado pela mulher-república<sup>164</sup>.

---

<sup>162</sup> NAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, 1º set. 1923.

<sup>163</sup> NAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, a. 8, n. 86, 87 e 88, out., nov. e dez. 1930.

<sup>164</sup> NAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, a. 13, n. 147, nov. 1935.

UMA NOVA REPÚBLICA E UMA NOVA MULHER? – A DAMA DO BARRETE FRÍGIO NA  
IMPRENSA CARIOLA (1930-1937)





No período demarcado pela ruptura para com a República Velha e o nascimento e primeiros anos da República Nova, desde a deflagração da Revolução de 1930 até a implantação do Estado Novo, o 15 de Novembro foi uma data cívica colocada em evidência nas capas de revistas cariocas. Em sua maioria tais homenagens foram calcadas em princípios patrióticos e em fundamento que cada vez mais ganhava corpo à época, o nacionalismo. Nesse quadro, tais edições comemorativas deram amplo destaque a Deodoro da Fonseca, personagem que ganhava terreno, com o recrudescimento da construção de imagens dos denominados “heróis nacionais”, processo que se aprofundaria durante a ditadura estado-novista que viria a seguir. Ainda assim, a dama do barrete encarnado não foi esquecida, surgindo em seu padrão tradicional, estilizada ou atualizada para os tempos coetâneos. Entretanto, entre o “proclamador” e a “proclamada”, o primeiro ganhava terreno em relação a segunda, bem de acordo com o projeto de criação de personalidades heroificadas, o que foi comprovado com a inauguração do monumento que trazia o protagonismo do primeiro Presidente, em novembro de 1937. Embora não tivesse desaparecido, a diminuição da presença da mulher-república, com todo o seu conteúdo histórico e tradicional vinculado a questões como liberdade e democracia, viriam a tornar-se elementos constitutivos fora de consonância com o modelo político-administrativo autoritário, centralizador e concentrador de poderes que crescentemente ganhou corpo durante a República Nova, vindo a desaguar na instauração do Estado Novo, culminância de tal tendência.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



# Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

